

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS –
PPGEL

ANA LUIZA CORDEIRO

A RESSIGNIFICAÇÃO DAS *HASHTAGS* NO FACEBOOK: Análise
da organização das enunciações

Dissertação — Mestrado

CURITIBA

2019

ANA LUIZA CORDEIRO

A RESSIGNIFICAÇÃO DAS *HASHTAGS* NO FACEBOOK: Análise
da organização das enunciações

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos de Linguagens (PPGEL), da
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Campus de Curitiba,
para obtenção do Grau de Mestre em
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rossana Finau

CURITIBA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Cordeiro, Ana Luiza

A resignificação das hashtags no Facebook [recurso eletrônico] : análise da organização das enunciações / Ana Luiza Cordeiro.-- 2019.

1 arquivo texto (168 f.): PDF; 2,61 MB.

Modo de acesso: World Wide Web

Título extraído da tela de título (visualizado em 22 abr. 2019)

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Curitiba, 2019

Bibliografia: f. 161-164

1. Linguagem e línguas - Dissertações. 2. Facebook (Firma) - Linguagem. 3. Facebook (Rede social on-line) - Análise do discurso. 4. Silogismo. 5. Discussões e debates. 6. Interação social - Redes sociais. 7. Linguística aplicada. 8. Hashtags (Metadados). I. Finau, Rossana Aparecida. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens. III. Título.

CDD: Ed

Biblioteca Central da UTFPR, Câmpus Curitiba.

Bibliotecário: Adriano Lopes CRB-9/1429

TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 28

A Dissertação de Mestrado intitulada *A resignificação das hashtags no Facebook: análise da organização das enunciações*, defendida em sessão pública pela candidata **Ana Luiza Cordeiro**, no dia 07 de março de 2019, foi julgada para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, área de concentração Linguagem e Tecnologia, e aprovada, em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Rossana Aparecida Finau – presidente – PPGEL/UTFPR
Prof.^a Dr.^a Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia – membro avaliador – UFPR
Prof.^a Dr.^a Paula Ávila Nunes – membro avaliador – PPGEL/UTFPR

A via original deste documento encontra-se arquivada na Secretaria do Programa, contendo a assinatura da Coordenação após a entrega da versão corrigida do trabalho.

Curitiba, 08 de março de 2019.

Carimbo e Assinatura do(a) Coordenador(a) do Programa

AGRADECIMENTOS

O caminho de construção deste trabalho, da primeira à última linha, foi muito semelhante à minha consciência de ser mulher. Tanto a apreensão da teoria necessária para fundamentar esta dissertação quanto a aquisição de senso crítico para confrontar a realidade machista foram processos de compor uma malha complexa e delicada. Assim como a pesquisa linguística, o feminismo foi um tecer e desfazer de nós constante. Muitas vezes — na visão crítica feminista e na dissertação — tive que desmanchar inúmeros pontos e não refazê-los, mas trocar as linhas, as agulhas, porém, mantendo as mãos que tecia.

Assim, agradeço à minha orientadora, Rossana, que possibilitou e conduziu uma jornalista aos caminhos da linguística, que me deu a liberdade e o norteamento adequados para que este todo pudesse ser concretizado, mas sem que ele se perdesse ou afastasse do que eu sou.

Agradeço às mulheres que me acompanharam no percurso — do mestrado e da vida. Àquelas que me apoiaram, abraçaram, choraram e sorriram junto a mim. Às que deram a dupla honraria de amar e me sentir amada. Não há nada mais transgressor do que mulheres que se fortalecem, que se amam.

Nem tanto como um agradecimento, mas sim um sentimento de gratidão ao que estou e ao que fui entre cada linha escrita — não como alguém satisfeita, mas alguém que sabe que foi o que melhor pode ser. Do mesmo modo que ocorreu neste trabalho, fui e sou um processo de construção e reconstrução. Desfiz-me uma centena de vezes para me refazer — processo esse que nem sempre é calmo e, geralmente, não o é.

Agradeço às mulheres que, sem saber, produziram os enunciados e oportunizaram as análises. E também às que resistem, que escrevem, que lutam, que estudam, que vencem todos os dias as intempéries de existir como mulher. Às Simones, Fridas, Marielles. Às mães, esposas, namoradas, filhas. Às professoras, donas de casa, presidentas. Às rebeldes, transgressoras. Às lésbicas, bissexuais, mães solteiras, vadias. A todas que resistem e, apenas por existir, confrontam a violência.

Estamos aqui para trazer narrativas de incômodo mesmo.

- Audre Lorde

“As sociedades foram organizadas para manter o silêncio das mulheres — o que sugere que não podemos romper esse silêncio profundo sem mudar os modos pelos quais as sociedades são organizadas.”

Andrea Dworkin

RESUMO

CORDEIRO, Ana Luiza. A resignificação das hashtags no Facebook: análise da organização das enunciações. 2019, 168.f. Dissertação – Programa de PósGraduação em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019

Partindo das noções de que os enunciados produzidos e manifestados nunca são neutros ou despretensiosos, pois carregam intrinsecamente uma ordem de convencimento e argumentação, lança-se um olhar atento para diversas modalidades que emergem e se manifestam na rede social digital Facebook, constituindo e remodelando as linguagens e produções de sentido. Este trabalho visa, portanto, analisar as organizações argumentativas que sustentam os enunciados vinculados à #MeuAmigoSecreto no Facebook, postadas em novembro de 2015, identificando as características referentes à argumentação sobre aspectos de machismo e violência, intuídos pela *hashtag*, pela utilização da ferramenta de análise linguística *LinguaKit* e da teoria da Argumentação, resultando em dados sobre as formas como os indivíduos concebem e privilegiam as organizações linguísticas para produzir sentido. Para isso, são recorridos autores que articulam as noções tecnológicas e do ciberespaço, como Lévy (2009), Lemos (2002) e Xavier (2013), além dos que trabalham questões de linguística e argumentação, como Koch (2011), Castilho (2010) e, sobretudo, Fiorin (2016). Após a conceituação teórica, o presente trabalho se propõe a analisar 49 enunciados vinculados à *hashtag* #MeuAmigoSecreto, coletados do Facebook, de modo quantitativo e qualitativo, compondo uma metodologia pela *netnografia*. Por fim, cumpridos os percursos propostos, os resultados esboçam como a mobilização linguística e argumentativa convergem na rede social para produzir sentido e, dentro da temática vinculada, apontar e combater o machismo e a violência à mulher.

Palavras-chave: Argumentação. Enunciação. Facebook. *Hashtags*. Cibercultura.

ABSTRACT

CORDEIRO, Ana Luiza. A resignificação das hashtags no Facebook: análise da organização das enunciações. 2019, 168.f. Dissertação – Programa de PósGraduação em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019

From the notions that the statements produced and manifested are never neutral, since they have an order of persuasion and argumentation, one observes the different modalities that are emerged in the Facebook network, constituting and changing the languages and productions of meaning. This paper aims to analyze the argumentative organizations that support the statements linked to the #MeuAmigoSecreto on Facebook, posted in November 2015, identifying the characteristics referring to the arguments about aspects of machismo and violence through the use of *LinguaKit* linguistic analysis tool and Theory of Argumentation, resulting in data on the ways in which individuals conceive and privilege language organizations to produce sense. For this, authors that discuss technology and cyberspace, such as Lévy (2009), Lemos (2002) and Xavier (2013), are used, as well as those who work on linguistic and argumentative issues, such as Koch (2010), Castilho (2011) and Fiorin (2016). After the theoretical conceptualization, the present work aims to analyze 49 statements related to the *hashtag* #MeuAmigoSecreto, in a quantitative and qualitative way, through netnography. Finally, following the proposed pathways, the results outline how the linguistic and argumentative mobilization converge in the social network to produce meaning and, within the linked theme, to point out and combat machismo and violence against women.

Key-words: Argumentation. Enunciation. Facebook. *Hashtags*. Cyberculture.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA I — PRIMEIRO TWITTE DA CAMPANHA MAS	85
FIGURA II — GRÁFICO DE PUBLICAÇÃO MAS.....	86
FIGURA III — GRÁFICO PUBLICAÇÃO MAS	86
FIGURA IV — GRÁFICO PUBLICAÇÃO MAS.....	87
FIGURA V — COLETA DE DADOS.....	89
FIGURA VI — GRAFO 1	101
FIGURA VII — GRÁFICO PUBLICAÇÃO MAS.....	103
FIGURA VIII — GRAFO DE TERMOS COM #MEUAMIGOSECRETO.....	104
FIGURA IX — GRAFO DE TERMOS SEM #MEUAMIGOSECRETO	106
FIGURA X — ORGANIZAÇÃO ENUNCIADOS	109

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 — CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE ARGUMENTAÇÃO.....	67
TABELA 2 — MÓDULOS LINGUAKIT.....	91
TABELA 3 — CATEGORIAS ORGANIZATIVAS.....	93
TABELA 4 — CATEGORIAS LINGUAKIT.....	99
TABELA 5 — CATEGORIAS FREQUÊNCIA.....	103
TABELA 6 – TERMOS DE REFERÊNCIA À MULHER.....	107
TABELA 7 — VERBOS DE PERCEPÇÃO.....	135
TABELA 8 — CATEGORIAS ARGUMENTATIVAS GERAIS.....	151
TABELA 9 — ARGUMENTOS FNR.....	152
TABELA 10 — ARGUMENTOS DN.....	153
TABELA 11 — ARGUMENTOS OTA.....	153
TABELA 12 — ARGUMENTOS QL.....	155
TABELA 13 — ARGUMENTOS DN.....	155

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: SOBRE A TÉCNICA E O SOCIAL	14
1.1 Possibilidades e limitações: as tecnologias como parte fundamental do rumo social	14
1.2 O comportamento das hashtags no meio digital	24
1.3 A constituição da linguagem do ciberespaço	27
1.4 Violência e cultura na web 2.0	31
SÍNTESE DO CAPÍTULO 1	38
CAPÍTULO 2: ARGUMENTAÇÃO: DO ENUNCIADO AO CONVENCIMENTO	40
2.1 Os laços entre enunciado e argumentação	40
2.2 Inferência e argumentação	49
2.3 As vozes do enunciado	53
SÍNTESE DO CAPÍTULO 2	60
CAPÍTULO 3: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E AS CATEGORIAS ARGUMENTATIVAS	61
3.1 Os suportes sintáticos que compõem a argumentação	61
3.2 Argumentação Quase lógica	67
3.3 Fundamentados na estrutura da realidade	71
3.4 Argumentos que fundamentam a estrutura do real	74
3.5 Argumentos pela Dissociação de noções	75
3.6 Outras técnicas argumentativas	77
SÍNTESE DO CAPÍTULO 3	79
4 METODOLOGIA	80
4.1 Descrição do percurso teórico acerca de tecnologia, sociedade e linguagem	80
4.2 A campanha e o engajamento social	84
4.3 Descrição da coleta de dados	87
4.4 Categorias de análise sintáticas	93
5. ANÁLISE	96
5.1 Mineração dos enunciados com o uso do LinguaKit	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
REFERÊNCIAS	161
APÊNDICE I	165

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inserida na área de concentração "Linguagem e Tecnologia", na linha de pesquisa "Multiletramentos, discurso e processos de produção de sentido", do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Este estudo tem como enfoque os enunciados produzidos e compartilhados na rede social Facebook vinculados à *hashtag* #MeuAmigoSecreto. As publicações assumiram a característica de uma campanha visando estimular mulheres vítimas de assédio ou machismo a denunciarem as ocorrências. Portanto, dá-se centralidade à compreensão aos modos como os usuários do Facebook concebem e privilegiam as organizações linguísticas para produzir sentido no que tange a temáticas de machismo e violência à mulher, pois pensar crítica e analiticamente sobre os percursos socioculturais é, também, considerar a velocidade com que os saberes se apresentam com a ascensão da internet e do ciberespaço, logo que nele se expandem, ramificam, amplificam e modificam diversas funções cognitivas humanas, como a memória, a imaginação, a percepção e o raciocínio (LEMOS, 2002; XAVIER, 2013) e que, de modo algum, se distanciam das linguagens e produções de sentido. Os espaços *online*, especificamente a rede social Facebook, apresentam uma nova interface que se modela e altera de acordo com os usos e percepções dos indivíduos¹ que a compõem, promovendo mudanças na forma de estabelecer interações e linguagens. Assim, o discurso que emerge no Facebook adota as características desse novo entremeio midiático digitalizado, multiforme e polifônico. As conexões são nós densos capazes de alterar realidades dentro e fora da internet, mas que não devem ser percebidas como inaugurações da ação individual na esfera coletiva, pois são apenas ferramentas capazes de facilitar a ação. Isso porque as redes unem motivações pessoais com mais facilidade, fazendo com que o engajamento fragmentado solidifique as ações e resulte em um bem social (SHIRKY, 2010).

As *hashtags*, que são elementos bastante marcados na cibercultura atual, assumem então aspectos singulares, próprios da plataforma e da intencionalidade

¹ Para nortear a compreensão dos termos empregados ao longo deste trabalho, toma-se *sujeito* como parte da sociedade, pessoa inserida nas dinâmicas coletivas que podem ou não ter instância pessoal,

dos usuários, operam como indexador de conteúdo e veiculador informacional, atuando na esfera individual, social, subjetiva, marcando o percurso histórico e social das redes sociais devido às atribuições de vivências dos usuários. Nesse sentido, o presente trabalho dedica-se a analisar como se organizam os enunciados publicados no Facebook vinculados à *hashtag* #MeuAmigoSecreto, que começou a circular em novembro de 2015, incentivando a denúncia de casos de machismo e violência à mulher.

O presente trabalho abrange a esfera dos estudos linguísticos e, portanto, dá enfoque à morfossintaxe e à organização dos enunciados. Mas a temática e o contexto que promovem a produção de relatos sobre a violência à mulher suscitam uma observação que não se restringe às formas de conceber os enunciados, nem às frequências de termos e elementos – ainda que essas sejam análises essenciais que serão desenvolvidas no capítulo 4. Para tanto, visando suprir, ainda que sem a pretensão ou intenção de abarcar toda a capacidade de profundidade do corpus, são tecidas observações quanto às táticas argumentativas desenvolvidas pelas enunciantoras². Sabendo que os enunciados são sempre argumentativos (FIORIN, 2016; KOCH, 2011), visando convencer, cooptar ou persuadir o interlocutor, será observada a disposição e mobilização dos elementos linguísticos e as táticas argumentativas empregadas a fim de produzir sentido.

O aporte teórico do primeiro capítulo se dá com a elucidação das teorias de hiperconexão, de Levy (1998; 2011), e as implicações da cibercultura, de Lemos (2002) e Xavier (2013) em que são trazidos aspectos sobre a internet e a esfera social, bem como os possíveis rumos tecnológicos que se desdobram com a, relativa, emergência popular ao contexto da web 2.0. Além disso, Rudiger (2011; 2016) se apresenta com contrapontos nas questões de cultura, sociedade e ciberespaço, esboçando um cenário pouco promissor em que se desenvolvem tecnologias e exclusões sociais. Para completar a abordagem sobre estudos da cibercultura e ambientes *online*, Recuero (2016) é recorrida, sobretudo, para descrições do espaço *online*, métodos de análise e pesquisa *netnográfica*. Juntos,

² Uma breve justificativa faz-se necessária quanto ao emprego do termo “usuárias” ao longo deste trabalho. Ainda que a produção de enunciados vinculados à campanha #MeuAmigoSecreto não seja monitorada, delimitada ou restrita às mulheres, optou-se pela generalização no feminino em referência à visibilidade da mulher como integrante da rede e protagonista da campanha. O termo não designa que todos os enunciados relacionados à campanha sejam efetivamente produzidos por mulheres, mas emprega-o com o intuito de legitimar e reforçar a produção de mulheres para mulheres.

esses autores auxiliam na compreensão da rede social Facebook como um ambiente recente, que rompe noções de tempo e espaço, fazendo com que comportamentos e atuações sejam testados, reformulados e experienciados. Mas ainda ressaltam que as redes digitais não se afastam completamente de tecnologias passadas e do meio histórico e social, tornando-as um meio de os usuários atuarem socialmente.

Para o segundo capítulo, Koch (2011), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996; 2011) e Fiorin (2016) compõem as teorias e definições para a compreensão do que se refere à argumentação, bem como os papéis adotados pelo enunciador e pelos interlocutores. Mas é sobre as categorias argumentativas postuladas por Fiorin (2016) que o presente trabalho irá realizar a análise posterior. Portanto, são elencados os tipos de argumentos que podem aparecer ligados à *hashtag* em análise. Nesse sentido, os autores apontam que os enunciados produzidos e manifestados nunca são neutros ou despretensiosos, pois carregam intrinsecamente uma ordem de convencimento, argumentação, persuasão ou cooptação. Intimamente relacionados com o meio social, numa dupla interação de ação e reação, os enunciados são construções do mundo e da própria identidade do enunciador, ao mesmo tempo, a realidade e vivências de quem enuncia interfere na mobilização e manifestação. Portanto, o segundo capítulo esboçará, com base nos autores e teorias que serão apresentadas, como o meio social atravessa e é atravessado pela linguagem e como as pessoas a utilizam para conduzir a sentidos e visões de mundo.

O caminho metodológico se inicia com a coleta de publicações vinculadas à hashtag #MeuAmigoSecreto postadas entre 25 de novembro de 2015 e 30 de novembro de 2015, que totalizam 49 enunciados. Em seguida, será realizada a quantificação dos elementos linguísticos presentes por meio de ferramentas auxiliares LinguaKit e Sobek, permitindo que haja uma identificação das ocorrências mais constantes e centrais, capazes de apontar a predominância da organização dos enunciados. A partir da quantificação linguística, parte-se para as análises de caráter qualitativo, que consideram a condução de sentido na colocação da língua em uso, bem como os recursos argumentativos empregados para produzir sentido no contexto de produção dos enunciados. Nesse sentido, o presente trabalho faz-se pelo tecer, descrever e rever o modo de ser compor da mídia social a partir do que os usuários, em geral, admitem como relevante, interessante e funcional.

Assim, sob a hipótese de que os enunciados vinculados à campanha #MeuAmigoSecreto são marcados por características morfossintáticas comuns compreendidas como funcionais³ pelas enunciatóricas – e, portanto, atrativas ao compartilhamento no Facebook –, podem ser atribuídos de marcas pessoais e experiências singulares de cada enunciatórica. Ou seja, crê-se que mobilizando elementos e táticas argumentativas, tende-se a respeitar uma organização comum da *hashtag* como forma de apontamento das ações-mundo e possibilidade de combate à violência contra a mulher, valendo-se de táticas argumentativas mais condizentes com o tema e o público.

Por fim, reunindo os dados da análise, as considerações finais fazem um apanhado sucinto das observações referentes à organização e argumentação vinculadas à hashtag #MeuAmigoSecreto, indicando que há uma vinculação retórica à realidade socialmente construída e envolve as mulheres.

³ Funcionais, neste trabalho, pode ser compreendido como termos, elementos ou estruturas que sejam percebidas pelas usuárias como capazes de desempenhar as funções desejadas, envolvendo o ambiente digital e a pretensão da enunciatórica. Ou seja, o elemento funcional preenche total ou, ao menos, majoritariamente os requisitos esperados para a finalidade pretendida.

CAPÍTULO 1: SOBRE A TÉCNICA E O SOCIAL

A presença da tecnologia, por vezes, é reduzida à mera percepção de aparelhos digitais ou redes de acesso *online*. Porém, o percurso sócio histórico é envolto por mudanças e desenvolvimentos tecnológicos que auxiliaram na interação do homem com a sua realidade, possibilitando a construção e expressão de sua vivência (XAVIER, 2013).

Com o objetivo de traçar um caminho até a compreensão da complexa constituição das múltiplas formas de se constituir a linguagem e se expressar como parte do meio social, o presente capítulo tece, ainda que brevemente, as acepções mais relevantes sobre tecnologia, linguagem e sociedade, com maior ênfase aos desdobramentos ocorridos com o advento e ascensão da web 2.0⁴ e das redes sociais. Mais do que olhar o ambiente em que essas são exprimidas, é necessário amplificar os saberes, de modo a se evitar um reducionismo, um simplismo referente, sobretudo, às noções de tecnologia, técnica e sociedade⁵.

Para tanto, este capítulo versa sobre as configurações sociais que auxiliaram e ainda atravessam as modelações dos ambientes digitais, apontando a importância de se observar o percurso histórico e os momentos vigentes para que se possa tomar as enunciações como constructos coletivos e individuais, possibilitados e, também, limitados pelas tecnologias em voga. Assim, a historicidade e um olhar crítico sobre os usos e impactos mais recentes das mudanças *tecnosociais*, sobretudo da internet, são o ponto-chave deste capítulo.

1.1 Possibilidades e limitações: as tecnologias como parte fundamental do rumo social

As múltiplas ferramentas e multimídias proporcionam distintas maneiras de conceber os conhecimentos e as formas de propagar os saberes. Nesse sentido, com a ascensão da internet, a emissão e disseminação da informação se articulam

⁴ Web 2.0 se refere a mudanças ocorridas na internet como plataforma e interface para os usuários. Não há um marco fundante concebendo a transição da Web 1.0 para a Web 2.0, mas uma progressão de interação e melhorias que tornou toda a experiência de navegação mais colaborativa, intuitiva e hiperconectada. Disponível em <http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html> Acessado em 12/10/2017, às 10:28.

⁵ Ressalta-se que não permeia o presente trabalho a distinção ou discriminação entre técnica e tecnologia, logo que torna-se inconsistente dualizar essas esferas ao pensarmos as redes sociais digitais, visando que ambas se enlaçam e se mesclam compondo a web 2.0.

de maneira cada vez mais ampla e pulverizada (CASTELLS, 2003), logo que a rede digital oportuniza um registro da historicidade social mais democrático, descentralizado e participativo (SHIRKY, 2010). Deve-se pensar com certo recorte os segmentos a que se aplica a democratização do acesso à internet, já que, apesar de alguns autores apontarem a difusão cibernética, beirando a era da epidemia informacional numa tendência ascendente e irreversível, como Lévy (2009) e Lemos (2002), ainda é berrante a parcela populacional que não usufrui de acesso aos aparatos tecnológicos e digitais, chegando a apenas 58% da população brasileira com acesso à internet em 2016⁶. Pierry Lévy (2009) lança olhares bastante otimistas quanto à modernização tecnológica na vida dos indivíduos. Numa perspectiva bastante otimista sobre o percurso tecnológico, almejando um futuro não tão distante, o autor ainda projeta suas percepções quanto à conciliação entre o sujeito e as ferramentas digitais para construir espaços menos afastados socialmente, tantos nas prerrogativas de distanciamento entre classes econômicas ou geográficas. Ou seja, para o autor, as barreiras culturais e políticas serão, gradativamente, reduzidas e minimizadas por desenvolvimentos tecnológicos, inclusive permitindo que sejam rompidas as noções de espaço e tempo.

A popularização das ferramentas e dispositivos digitais possibilita, aos olhos de Lévy (2009), o avanço tecnológico nas esferas social, política e econômica, tornando os aparatos eletrônicos mais baratos, acessíveis, leves e intuitivos, resultando em uma significativa inserção da população na esfera digital. Contudo, é imprescindível destacar que a maior distribuição e o barateamento de aparelhos tecnológicos esbarram no viés político econômico das desigualdades sociais. Portanto, aproximar a era digital dos indivíduos, no presente sistema, que estampa níveis alarmantes de pobreza e miséria, não garante a inclusão de todas as camadas sociais. Para Castells (2000), a informatização configura um processo irreversível, que impacta nas construções sociais, físicas, atribuições valorativas e nas constituições sociais, podendo alterar as formas de interação e movimentação física e espacial, em que novos fluxos e morfologias da dinâmica social se instauram e “a difusão da lógica das redes modifica substancialmente a operação e as consequências dos processos de produção, experiência, poder e cultura”

⁶ Segundo dados do Portal Brasil, com informações da Agência Brasil. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2016/09/pesquisa-revela-que-mais-de-100-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet> Acessado em 30/09/2017

(CASTELLS, 2000, p. 497). Para tanto, é necessário que as comunidades e indivíduos se integrem à Web 2.0 de modo a pertencerem e participarem efetivamente da rede digital, que se compõe e, também, expande-se de acordo com o interesse e as necessidades de adaptação dos indivíduos. Assim, a hiperdigitalização e hiperconexão mundial “tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação” (LÉVY, 2009, p. 30), seja essa negação participativa, imposta ou escolhida.

Considerando que o objetivo principal deste trabalho é analisar os enunciados produzidos e manifestados no Facebook, vinculados à campanha social digital #MeuAmigoSecreto, faz-se necessário, antes, situar a multiplicidade do ambiente em que são produzidos, manifestados e remodelados. Portanto, é essencialmente no meio híbrido, volátil e ainda bastante recente que o presente capítulo tece e vincula saberes, teorias e descrições, logo que não basta compreender as evoluções e implicações históricas da tecnologia se não houver um olhar atento aos atravessamentos possíveis, já que meio social e formas de manifestação de linguagens não podem ser consideradas isentas das realidades histórica e social (RUDIGER, 2001). Nesse sentido, é preciso saber que os recursos tecnológicos afetam e são afetados por demandas que emergem da realidade social, apropriando, modelando e incidindo nas formas de expressar e organizar linguagens (KOCH, 2011), pois a circulação da *hashtag* #MeuAmigoSecreto tomou dimensões de campanha e engajamento social. A expressividade e expansividade das publicações ocorrem pelo que Shirky (2010) define como uma malha densa em que motivações pessoais e sociais se intensificam e se retroalimentam de modo mútuo na realidade digital, pois há uma somatória de fatores, como a democratização da produção de conteúdos, levando os sujeitos a se sentirem motivados a produzir a participar das ações sociais que se desenvolvem no meio *online*. O resultado é uma gama de movimentos fragmentados e amadores propulsores de ações cívicas, podendo gerar resultados sociais de grande extensão *on* e *offline*.

Nesse aspecto, Lévy (2009) exalta as características facilitadoras e pungentes de uma cultura que ainda se constrói em meio a uma sociedade flexível e constantemente em adaptação. Como sugere Castells (2003, p. 35) a “internet é, acima de tudo, uma criação cultural”, fruto de uma sociedade que busca a conexão no sentido humano, social, pois entre as vantagens e facilidades promovidas pelos

novos investimentos e desenvolvimentos tecnológicos está, sobretudo, a aproximação e o estabelecimento de elos sociais (SHIRKY, 2010).

Se, para Castells (2003), os grandes inauguradores, modeladores e produtores da internet — ao menos das formas iniciais de usá-la e transformá-la — foram também os primeiros usuários, o meio digital e virtual foi, portanto, moldado e configurado sob a demanda e necessidade técnica, sendo ornamentado pelos conhecimentos de quem possuía interesses bastante específicos, entre eles as linguagens não naturais, como HTML, códigos de programação, sistemas de redes, entre outros. Portanto, para o autor, a cultura da internet foi, pelo menos a princípio, instaurada e disseminada, a partir da realidade comportamental e cultural dos criadores da internet.

Para compreender um espaço que começa a tomar forma e moldar-se através de dinâmicas sociais preexistentes, advindas de sujeitos que passam a interagir e coabitar esses espaços, é necessário tomar a internet, mais especificamente a rede social Facebook, como uma modalidade relativamente inaugural nas atribuições de cultura e hábito social, em que a plataforma necessita de alterações nas dinâmicas comunicativas características da web 2.0 — como multimídia e hiperlink —, mas que não é capaz de ser estruturada de modo desacoplado do corpo social. Ou seja, as possibilidades e limitações técnicas não são — e não podem ser — executadas ou usufruídas essencialmente pela funcionalidade mecanicista, sem uma demanda ou interesse social (XAVIER, 2013).

Reforçando que as formas de atribuir os sentidos são dadas socialmente, é importante destacar, segundo Fiorin (2016) que a cultura, determinada histórica e geograficamente, define e determina o que tem sentido e o que não tem. A linguagem, portanto, assume uma mútua noção de criar e expressar o indivíduo tanto em esferas individuais (íntimas e privadas) quanto em coletivas (públicas e compartilhadas). Assim, também no Facebook os indivíduos adotam, mobilizam e ressignificam elementos para tecer sua identidade através da linguagem, mas que não necessariamente serão compartilhadas e bem compreendidas por todos os outros falantes, proporcionando, então, um novo espaço que hibridiza as características de gêneros textuais já conhecidos e, em geral, utilizados pelo público, como jornais, bilhetes, diários, remixando-os à novidade da transmutação que o novo ambiente suscita.

Para Lévy (2009), a cibercultura é um neologismo que compreende um conjunto de significações capazes de se desenvolverem por meio de práticas e técnicas de hiperconexão da rede mundial de computadores. Nesse aspecto, abrangendo também as trocas relacionais dos seres que compõem a cibercultura, há as interações humanas, os saberes e cognições estabelecidas nas redes informáticas que tecem uma manifestação constante e de suma importância para sustentar as bases compostas por máquinas e técnicas, mas delineadas e projetadas por e para os homens (XAVIER, 2013). Portanto, não somente instâncias técnicas e jogos algorítmicos compõem os encadeamentos tecnológicos. As demandas, apelos e necessidades sociais se misturam ao desenvolvimento técnico e tecnológico, sendo que se torna cada vez mais indiscernível o ponto em que eles convergem.

Ainda que o objetivo do presente trabalho não seja evidenciar — mesmo que fosse possível — o ponto latente em que a pauta ou a realidade da violência à mulher penetrou e se fincou nas redes sociais digitais, é necessário observar que em num dado momento surgiu a possibilidade ou a necessidade de abordar o tema. Diante disso, evidencia-se que as manifestações tecnológicas se vinculam às demandas sociais, misturam-se, agregam-se, reforçando a noção de Xavier (2013) de que a forma e o conteúdo das redes são adaptados conforme as necessidades de quem a usa.

Nesse sentido, portanto, o hibridismo tecnológico abandona as salas e laboratórios de informática e adentra, de modos cada vez mais explícitos, o cotidiano social. Agora, há cenários mútuos em que se fala da internet nos jantares e, também, se fala do que ocorre no mundo offline nas redes digitais (SHIRKY, 2010). Constituindo uma realidade envolta por aparelhos digitais personalizáveis e *pervasivos*⁷, moldada por uma rede de conexão ubíqua já é tangível e vivenciada (LE MOS, 2005) ainda que efetivamente por apenas uma parcela da população, pois essas conectividades são regidas, majoritariamente, por tessituras políticas e econômicas dispare, corroborando para exacerbar as diferenças sociais que vigoram num mundo que pouco progride em questões de direitos básicos de saúde e desenvolvimento. Contudo, em um ritmo lento e envolto pelo manto pesado do

⁷ “Computadores Pervasivos” é referente à ideia de intercomunicação de máquinas e equipamentos através de programação, sistemas ou implantação de microchips. Diretamente ligada à noção de ubiquidade e onipresença da tecnologia, tudo está em constante comunicação. Disponível em <http://www.pervasive.dk/> Acessado em 14/10/2017, às 12:22.

capitalismo e interesses escusos de uma economia que visa poucos, a população, embora reclusa nos meandros hegemônicos, começa a se apropriar dos aparatos tecnológicos e a culturalizar as ferramentas para suas diferentes utilizações, entre eles, as redes sociais digitais viralizam e eclodem nos eixos sociais. Aplicativos, ferramentas, dispositivos, celulares, utensílios, aparelhos e as demais funcionalidades disponíveis à sociedade são apropriados e incorporados às comunidades de diferentes maneiras, criando uma inserção mista em que não se pressupõe determinante nem condicionante a tecnologia no usufruto individual ou coletivo, não tornando o homem refém irremediável de sua criação (XAVIER, 2013, p. 42).

Ainda no cerne do natural, do humano, a tecnologia não pode ser desapreguada da essência humana. Mesmo quando se parte de uma concepção inatista de linguagem, em que ela é parte natural e essencial ao processo de desenvolvimento do indivíduo, o homem, tomado aqui como ser social muito além de sua essência reducionista biológica, é capaz de amparar reflexões sobre a realidade e, em meio à capacidade de se constituir como ser no mundo pela linguagem, o indivíduo também salienta sua interação, percepção, existência e historicidade. Mais do que marcador de passagem e estadia, a linguagem é ferramenta para que o homem, no auge de sua compreensão sobre os processos funcionais de sua vivência, use-a como modo de alterar, modificar ou remodelar o mundo, mobilizando, para isso, informações, memórias, jogos de lógica, conhecimentos empíricos, mas que só podem ser articulados e adequadamente argumentados quando devidamente acomodados pela língua.

Portanto, os indivíduos expressam sua existência e singularidade quando colocam a língua em movimento num misto delicado e extremamente complexo de coletividade e individualidade. Mais do que esboçar uma realidade, relatar um fato ou expressar um sentimento, a construção e manifestação de enunciados auxilia a compor a memória coletiva que é, também, construída e alterada pela comunidade (HALL, 1997). Sabendo que essa característica se transpõe à internet, sobretudo às redes sociais digitais que possibilitam um relativo aumento da pluralidade de vozes e manifestações, é fundamental ressaltar que os enunciados que serão analisados no capítulo 5 são fruto deste entremeio multivocal, polifônico, fragmentado e cada vez mais descentralizado.

O acesso à informação, às novas formas de entrelaçar saber e tecnologias, além das remodelações sociais, são apontadas por Lévy (2009) como pertencentes às múltiplas dimensões da cibercultura. Mais do que situar as adaptações dos indivíduos às técnicas e às formas de articulá-las e desenvolvê-las, a sociedade estabelece novas relações com a construção da inteligência coletiva, que, explanado por Lévy (2009), refere-se às maneiras de organizar e estruturar a sociedade em meio ao desenvolvimento tecnológico, considerando, principalmente, as hiperconexões e redes integradas. No entanto, para Rudiger (2011), a organização da inteligência coletiva caracteriza um projeto que se estende, a priori, a todos e nunca se finaliza, já que é uma constante construção e acomodação de pequenos saberes. Assim, educação, formação social, modos de atuação individual e coletivos são alterados também pelas inferências tecnológicas.

O aspecto fundamental a ser ressaltado nas temáticas técnica e tecnologia é como atualmente esses conceitos se entrelaçam e entrecruzam, configurando concomitantemente à ciência uma profunda e tenra rede representacional e interacional do mundo e para com o mundo. Portanto, além da tecnologia promulgar os processos de percepção, reflexão, produção e interação através dos artefatos produzidos e significados pelos homens, ela não se finda na materialização e na tangibilidade, sendo parte desse universo tecnológico também as capacidades e inteligências cognitivas, entre elas a linguagem (VERASZTO et al, 2008).

Corroborando com essa ideia, Lévy (1998) aponta que a microinformática viabilizou mudanças no comportamento público e privado no que se refere à esfera social e entre elas, as remodelações da linguagem, ressignificação de expressões e usabilidade ampliada de símbolos, imagens e comunicação visual. Considerando que a língua é uma entidade reconhecida e compartilhada pelos falantes, ela pressupõe regras e ordenações que independem das variações individuais atribuídas pelos sujeitos. Mas vale-se a observação da razoável maleabilidade e flexibilidade da língua em se sujeitar às mudanças que partem dos indivíduos, ocasionadas pelo meio, contexto, situação e intervenção sociocultural. Assim, a linguagem afeta também a relação e as instâncias políticas, econômicas, religiosas, culturais, regionais e sociais que lhe são dadas (XAVIER, 2013). Faz-se, portanto, importante frisar essa capacidade de interferência, pois os enunciados vinculados à #MeuAMigoSecreto, que serão analisados detalhadamente no capítulo 5, são manifestações que emergem da necessidade coletiva de verbalizar a violência e

interagir com o mundo, conceituando o que Koch (2011) aponta como uma ação de modificação da realidade. Cabe ainda reforçar que não são as tecnologias ou a *hashtag* por si próprias as propulsoras dessas mudanças, mas são ferramentas que permitem e facilitam as motivações humanas (SHIRKY, 2010).

Nesse aspecto, a linguagem que molda e expressa, aos poucos, suas características, ora dadas pelas imposições da plataforma ora pelas atribuições dos usuários, acarreta em novos modos de gerenciar “bens simbólicos, além de gerar diferentes princípios de ação e conduta intelectuais que passam a ser valorizados no interior das novas comunidades de usuários de linguagem criadas a partir de tais modificações tecnológicas” (XAVIER, 2013, p. 45).

Tão importante quanto perceber os impactos tecnológicos no meio coletivo e individual, é notar como se estabelece uma mudança mútua entre as esferas sociais e digitais a partir das concepções de cibercultura, envolvendo um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2009, p. 17).

Como sugere Lévy (2009), a relação do saber com as estruturas sociais e de formação da cibercultura estão intrincadas e indissociáveis. Pensar crítica e analiticamente sobre o desenvolvimento ou o percurso sociocultural é, também, considerar a velocidade e renovação dos saberes que se alteram em grande escala com a ascensão da internet e do ciberespaço, sendo nele que se ramificam e modificam diversas funções cognitivas humanas, como a memória, a imaginação, a percepção e o raciocínio (2009, p. 157). Não obstante, atenta-se para a biotecnologia em que essas habilidade e cognições, naturalmente pertencentes ao homem, são designadas às máquinas. A memória do celular, a capacidade de calcular e a geolocalização dos *smartphones* altera a forma do homem moderno se amparar em sua própria memória e raciocínio, fazendo com que haja menor necessidade de, por exemplo, decorar caminhos em troca do letramento de navegação no aparelho.

Porém, é importante ressaltar que antes mesmo do ser humano cogitar o desfrute de tecnologias de bolso, inteligência artificial ou vislumbrar até onde as ciências cibernéticas poderiam chegar, a memória social e os registros coletivos e pessoais já eram hábitos comuns — seja pela necessidade humana de expressão e construção de arquivos, seja pelo registro de saberes e existência. Em meio às

táticas de preservar as vivências e historicidades, estão as gravuras, fotos e a própria escrita, compondo linguagens que se misturam e, juntas, traçam os percursos sociais.

Como citado por Barton e Lee (2013) “a escrita é parte do tecido social”, assim as palavras são grafadas, tecidas, inscritas e superpostas entre as texturas cotidianas e constantemente atribuídas de sentidos. Ou seja, rotineiramente os afazeres são permeados pelas palavras e simbolismos que remetem aos letramentos ou alfabetização, exigindo leituras e interpretações digitais, semióticas, visuais, formais, situacionais, entre outras. Assim também se estabelece o ambiente das redes sociais. Talvez ainda com uma intensificação dessa habilidade dos usuários de tecerem e elaborarem seus próprios textos, biografias e opiniões, muito mais do que consumirem e lerem apenas. Faz-se, nesse ponto, importante ressaltar que o objetivo principal deste trabalho — analisar a organização linguística e argumentativa dos enunciados vinculados à #MeuAmigoSecreto⁸ — não deixa de considerar que há uma profunda construção que articula as demandas sociais sobre violência à mulher junto às vivências individuais e ao anseio pela participação na voz comunitária. Portanto, os enunciados não são desprendidos de seu valor como memória, vivência e existência essencialmente pessoal, mas inevitavelmente coletiva.

Portanto, fruto das possibilidades tecnológicas e do interesse do público, o Facebook é uma das plataformas ou ambientes da web 2.0 que se desdobra numa configuração convidativa ao usuário para estímulos de produção, fazendo com que os textos se imbriquem entre fotos, vídeos, lembranças, músicas, opiniões, notícias, piadas e os mais diversos tipos e fontes de conteúdos. Constituindo um modo de navegação bastante característico de redes sociais mesmo dentro do universo da esfera digital que já pressupõe a não linearidade da navegação. A noção de ligação social, ou promoção da interação com as conexões, dá-se pela configuração de programação e formulação da rede, dispondo de um *feedline*⁹ que deve ser, invariavelmente, rolado no sentido vertical, mas construído pelo código algorítmico do próprio Facebook baseado no comportamento de cada indivíduo dentro da plataforma. Ainda que se conceba toda navegação e leitura como um ato

⁸ Doravante #MAS

⁹ Feedline é a página inicial do Facebook em que são mostradas as informações postadas pelas conexões do usuário. Disponível em <<https://www.facebook.com/help/327131014036297>> Acessado em 07/10/2017, às 14:46

irreprodutível em sua experiência ou novidade perante o conteúdo ou ao contato do leitor com o texto, a navegação no Facebook ganha dimensões ainda mais únicas e personalizáveis, dadas as instâncias de sua total volatilidade.

Ao considerar a correlação entre linguagens, tecnologia e ação social, é importante conceber uma interdependência dessas esferas no sentido de ação-reação. Ou seja, a linguagem é manifestada, alterada e propagada por meio das influências das diversas tecnologias e suas interfaces, moldando conjuntamente os comportamentos coletivos e individuais, logo que “a palavra tem como função básica a gestão da memória social” (LÉVY, 1998, p. 47). Destarte, as significações e usos da linguagem impactam também nos empregos de técnicas e aprimoramentos das tecnologias. A ação interdependente da manifestação da linguagem e o delineamento das ações-mundo, que se instauram nos diversos espaços de interação de sujeitos, entre eles os digitais, compõem um viés dos multiletramentos devido à necessária mobilização multimodal dos sujeitos que a engendram, coabitam e tecem argumentativamente suas redes sociais, logo que as linguagens não são desprovidas de escolhas ou arbitrariedades (FIORIN, 2016).

A linguagem que emerge no Facebook adota, então, as características desse novo entremeio midiático digitalizado, multiforme e polifônico. As conexões são nós densos e complexos que, mais do que conectar atores sociais, conectam ideias, saberes e interesses e fulguram um novo entrelaçamento no qual se torna exponencialmente mais complexo determinar seu início ou seu fim, em que cada vez mais se atenua o eixo centralizador proliferando vozes e conexões tão ou mais fortes quanto as originárias. Dessa forma, não é necessário — ou, ao menos, preciso para o objetivo deste trabalho — identificar o agente desencadeador da campanha #MeuAmigoSecreto, pois não há como isolar um único determinante para a sua eclosão e popularização — pode-se apontar uma série de ocorrências favoráveis ao surgimento da *hashtag* ou da campanha, como a primeira postagem com a #MeuAmigoSecreto, a violência que se manifesta diariamente no meio digital e fora dele, a alta produção de conteúdo na internet, a recente ascensão de temáticas feministas. Mais do que indissociável, esses agentes constituem um corpo denso e hiperconexões distintas. Ou seja, não são apenas usuários geograficamente distantes, temáticas diversas ou interesses múltiplos que se cruzam e convergem nas redes digitais, são também fatores a princípio não agrupáveis que se encontram

em meio à intensa conexão digital e tomam corpo, constituindo um resultado, um reflexo, uma ação, uma hiperconexão (XAVIER, 2013).

Portanto, no sentido dessa hiperconexão que entrelaça as mais diversas construções informacionais, Lévy (2009) define o ciberespaço como “não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”, em que as informações produzidas e lançadas na rede se entrecruzam e compõem um fluxo em que, em geral, não há fragmentação ou a necessidade de um contínuo, um linear. Mesmo quando ocorre a quebra dos eixos de informação, eles podem ser recuperados, conectados, presumidos sem que haja a ruptura essencial da compreensão, como exemplo, se um usuário utilizar a *hashtag* #MeuAmigoSecreto em tom irônico ou subvertendo o intuito social da campanha, as próximas postagens não serão necessariamente afetadas ou fragilizadas, fazendo com que se estabeleça um contínuo capaz de contornar ou relevar um dado que se liga mecanicamente à *hashtag*, mas não a define.

Portanto, percebe-se que os enunciados publicados nas redes sociais digitais exaltam características duais de independência e coligação, em que podem ser tomados sem um texto inicial ou centralizador, ao mesmo tempo que estabelecem nós e conexões com os demais enunciados produzidos.

1.2 O comportamento das hashtags no meio digital

Retomando que o presente trabalho fará, no capítulo 5, uma análise dos enunciados vinculados à #MeuAmigoSecreto, é necessário que além da hiperconectividade e das mudanças tecnológicas exaltadas ou promovidas pela web 2.0, discorra-se sobre as particularidades das *hashtags*, que são elementos bastante característicos dos novos comportamentos e formas de constituir linguagens nas redes sociais digitais.

Nesse entremeio de softwares, programação e linguagens não naturais, adapta-se a língua para facilitar a digitação, para entoar os diálogos transcritos, para atrair a atenção para algum outro recurso midiático. As *hashtags* que eram ferramentas de catalogação, agora articulam uma bagagem sónica, carregam em cada enunciado uma historicidade social e linguística, esta redigida pelos próprios usuários nas redes sociais digitais, que não se desvinculam, não se desapareçam,

ainda que o leitor não precise retomar cada enunciado já produzido para compreender e se inserir na trajetória. Para tanto, a organização da web suscita a agilidade, a objetividade e a organização. Textos rapidamente lidos e interpretados são absorvidos e circulam com mais facilidade entre as redes de amizades e conectividade que se estabelecem no Facebook.

Dessa maneira, advinda do ambiente web, as *hashtags* exaltam essa modalidade comportamental dual, em que se esboça uma ruptura linear e se expõem os nós interacionais. Assumindo aspectos singulares, próprios da plataforma ou da intencionalidade dos usuários, o recurso opera como indexador de conteúdo e veiculador informacional, atuando na esfera individual, social, subjetiva. Para tanto, cada *hashtag* pode adotar estruturas reconhecíveis de organização textual, que independem da linearidade ou ordem cronológica para a compreensão e significação dos enunciados, sendo passível de se significar e se encadear a qualquer outro nó ou enunciado vinculado à rede de *hashtag*. Portanto, ela não é produzida numa escala contínua e interdependente de postagens antecedentes. Ainda que os enunciados atrelados possam ser lidos sem ordem cronológica, sem que haja relação de amizade ou vínculo entre os enunciadores, sem (re)conhecer na vida pessoal a situação relatada, de maneira geral, é possível compreender a intenção do enunciador, bem como a magnitude simbólica que tange o enunciado. Pesquisas como de Moura e Mandaji (2013), Resende e Arbex (2014) e Recuero (2012) corroboram com a noção de que essa estrutura que pertence ao todo é, ao mesmo tempo, capaz de vagar dispersa entre todos os enunciados proliferados e, portanto, seria um molde funcional admitido pela circulação da *hashtag* assumindo sua máxima reverberação no Facebook, entre as mulheres e homens que se sensibilizam ou se identificam com as situações relatadas nos discursos da *hashtag*.

Recursos de indexação, *taggeamento*, categorização ou construção HTML são, frequentemente, incorporados por usuários de computador. Com a ascensão da internet e proliferação de adeptos à elaboração de ferramentas, o uso pessoal do computador tem tomado rumos bastante diferentes dos previstos no início dos anos 2000 (RECUERO, ZAGO, BASTOS, 2014; BARTON e LEE, 2013). Num cenário de ascensão e ressignificação de ferramentas, extensões e operações, as redes sociais ainda constroem sua posição e funcionalidades para os usuários. Considerando suas remodelações, tanto no modo utilitário quanto no valorativo, o Facebook

suscita estudos, sobretudo, no que tange à linguagem e às enunciações que se propagam pelas conexões da rede. Assim, é interessante retomar que o presente trabalho considera fundamental a noção de que há uma apropriação de determinados elementos pelos usuários, ressignificando-os. Ou seja, no que tange ao combate à violência contra a mulher, as participantes da campanha #MeuAmigoSecreto se apoderam do elemento #, atribuindo-lhe significação pessoal e coletiva por meio de seu uso como linguagem, evidenciando que as tecnologias são meios moldáveis para atender às demandas sociais (LEMOS, 2005).

As *hashtags* são palavras ou frases antecedidas pelo símbolo “jogo da velha” (#), e têm por finalidade *linkar* e etiquetar os termos acoplados, formando uma catalogação de fácil acesso ao usuário. Ao inserir o símbolo, todas as palavras e caracteres adicionados sem espaço tornam-se um hipertexto, que segundo Xavier (2013, p. 160), pode ser compreendido como a ressignificação dos elementos redirecionando, atribuindo, colaborando ou incrementando o conteúdo através de recursos não lineares, englobando textos complementares, multimídia, indexando sites e demais informações que possam ser elencadas e acessadas pelo hiperlink.

O microblog twitter foi um dos principais responsáveis pela popularização das *hashtags* como ferramenta de *taggeamento* pelos usuários. Aplicados em postagens pessoais, a categorização buscava elencar assuntos, temas, conteúdos e conversas, formando uma base de dados acessível ao público em geral, usuários ou não do microblog.

Em 2013, a rede social Facebook aderiu ao sistema de buscas e catalogação através das *hashtags*. Com a inserção do símbolo em fotos, vídeos, postagens compartilhadas ou autorais é possível indexá-los a categorias automaticamente, compilando a publicação aos demais conteúdos igualmente *taggeados*¹⁰. Perante a difusão e utilização das *hashtags* em grande escala, em 2014, o dicionário de língua inglesa Oxford incorporou em sua publicação o termo para designar mensagens pertencentes a um assunto específico¹¹, reforçando a noção de que os usos sociais e manifestações coletivas recorrentes de linguagem são capazes de alterar a língua mesmo em sua mais arraigada oficialização, o dicionário.

¹⁰ Segundo dados disponíveis em <https://pt-br.facebook.com/help/587836257914341>. Acessado em 28/06/2017.

¹¹ Disponível em <https://en.oxforddictionaries.com/definition/hashtag>. Acessado em 24/06/2017.

O Facebook, enquanto rede social, manifesta-se como um espaço de trocas interacionais, aproximando culturas, hábitos, ideologias e afinidades, proporcionando um espaço digital de construção, consumo e produção de sentidos. Uma rede de hiperconexão que agencia seus interlocutores, os dispõe, interpõe, interconecta e, continuamente, desafia e reconfigura as acomodações físicas e temporais das composições linguísticas (RECUERO, 2014). Além da função de *taggeamento*, as *hashtags* ganham novas utilizações, como estratégias de disseminação de conteúdo, denúncia, mobilização ou, ainda, apenas um viés humorístico e de entretenimento.

A variedade de recursos tecnológicos a serviço da comunicação humana, na sociedade atual, permite não só a criação de uma infinidade de manipulações gráficas em computadores, mas também a rápida propagação da informação, e conseqüentemente de novas formas de apresentação da escrita (DIONISIO, 2011, p. 138).

Os meios digitais ainda proporcionam a incorporação de novos termos, conceitos e linguagens que se estendem à ação de enunciar dos sujeitos em esfera social, fazendo parte da construção de identidades, visto que há um rompimento e reorganização de elementos comunicativos. Como apontado por Xavier (2013, p. 89), há uma

maneira própria de dispor, compor e superpor, entrelaçadamente, em uma mesma plataforma enunciativa, os recursos semióticos de natureza linguística e não-linguística —, fato este que o torna distinto da escrita alfabética, ainda que dependente e profundamente nela enraizado.

Sendo regida também por influências do espaço digital, que geram diferentes formas de emissão, configuração e conexão e se refletem na linguagem e expressão individual e coletiva, as enunciações no ambiente digital compõem um interessante objeto de análise tanto nas esferas sociais quanto linguísticas (XAVIER, 2013).

1.3 A constituição da linguagem do ciberespaço

Os textos que se embrenham nas atividades humanas e permeiam os cenários sociais agora são imanentes à Web 2.0. Integrado e adaptado, ainda que, geralmente, acoplado de múltiplas mídias, como imagens e sons, o texto angaria um importante espaço nas redes sociais digitais (BARTON e LEE, 2013), seja ele

compondo uma interface, uma legenda ou operacionalizando um sistema HTML. Dominic Wolton (2005) apontou que "a internet é um meio comunitário, segmentado, temático", em que há uma infinidade de conteúdos, ofertados aos mais diversos interesses, havendo também a possibilidade de escolha e um consumo mais ativo dos usuários. Convergindo com Xavier (2013), pode-se caracterizar o espaço digital como fluido, plural e ao mesmo tempo segmentado e interligado às dinâmicas sociais. O invólucro estético que permeia e esteticiza os ambientes digitais é, também, o mesmo que articula e movimenta as camadas sociais, assim, Castells (2003) aponta que a internet e, portanto, o ciberespaço, é uma construção reflexiva e refratária do *habitus* social, noção que corrobora com Shirky (2010), em que a tecnologia participa da coordenação dos eventos no mundo físico ou *offline*.

Os enunciados vinculados à #MeuAmigoSecreto, que são produzidos na internet e, a princípio, para ela¹², precisam, então, ser tomados como um híbrido processo de usos da língua — que é social e constantemente afetado pelas alterações e novas significações cotidianas — e da própria transposição ao meio das redes sociais digitais. Nesse sentido, ainda que possa parecer inquestionável, deve-se ressaltar que os processos comunicativos não nascem ou formulam-se a partir da web 2.0, mas podem ser afetados, alterados ou exponenciados por ela. Como exemplo, as formas de abordar e denunciar a violência à mulher podem ser encontradas em boletins de ocorrência, notícias jornalísticas, comentários, histórias ficcionais, mas se deve considerar também que ao serem transpostas às plataformas digitais, os enunciados são atravessados por dinâmicas da própria rede, que obedecem também às normas cibernéticas (MARCUSCHI, 2005).

Dessa maneira, pode-se pensar que os espaços digitais promovem uma ruptura com a continuidade, logo que há uma quebra na linearidade, na sequência lógica, na pressuposição de que o leitor ou o público seguirá a ordenação didática, segmentar, previsível do letramento. Agora o usuário traceja e permeia a rede sem fixar-se, mas embrenha-se de modo a estabelecer sua ligação e hiperconexão autônoma de aprendizado. Misturam-se as concepções de hierarquia e caos. Para Lemos (2002), há uma desterritorialização de múltiplas esferas, entre elas a cultura, havendo um impacto direto em "estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais"

¹² Em geral, a ação mais imediata de um discurso produzido e veiculado na internet ocorre no próprio ambiente digital. Seja o compartilhamento, a interação ou a simples interlocução. No entanto, não se exclui a possibilidade e probabilidade de que haja uma série de repercussões e causalidades fora da plataforma ou ambiente digital.

(p. 68). Há, portanto, uma nova forma de conceber, manifestar, incorporar, expressar e absorver espaço e tempo. Não apenas nas incorporações métricas e mensuráveis, mas também nas valorativas e significativas. Ou seja, não apenas na capacidade tecnológica e operacional dos sistemas e redes, mas também nos aportes comunicacionais que são carregados e submergidos informacionalmente, transformados em emaranhados de múltiplas plataformas de conhecimentos, linguagens, informações e interações (LÉVY, 2009).

Mais especificamente para o presente trabalho, a demanda múltipla da construção do saber descentraliza a produção, multiplica as fontes, horizontaliza as possibilidades de se fazer ouvir, pois os enunciados que circulam nas redes sociais digitais — munidos das noções de democratização da tecnologia — são produtos dessa característica múltipla da cibercultura. Ou seja, há uma produção pelas próprias usuárias, que vivenciam e traduzem em postagens suas experiências e percepções, fazendo com que as postagens trafeguem pela rede e sejam consumidas por outras usuárias também produtoras de informação ou conteúdo.

Nesse aspecto, a linguagem e o ato de significar e se significar no mundo sedimentam vínculos ainda mais fortes. O sujeito, que essencialmente não abandona as múltiplas formas de linguagem e expressão para interagir, expor, contrapor e manifestar sua individualidade ou coletividade no espaço-mundo, encontra, no ambiente da web 2.0, a necessidade de dominar as técnicas leitura, escrita e, não obstante, as digitais para que haja uma coparticipação entre interlocutores. Ainda que a proposta da internet seja permeada de uma suposta democracia e rompimento do silenciamento social, além do acesso ao computador, a necessidade de dominar os meandros tecnológicos e fazer-se entender através dos dialetos e códigos informáticos, sejam eles também gírias, *emojis*, *emoticons*, memes ou expressões típicas sugerem que o ambiente *online* é também bastante resguardado e culturalmente fechado aos seus sujeitos ímpares. Portanto, como sugere Orlandi (2004), sociedade, conhecimento e sujeitos se enlaçam e entrecruzam com as construções de linguagem em que ela manifesta-se como uma base, um sustentáculo para as modelações de eixos sociais.

Indo ao encontro de Orlandi, Hall (1997) aponta os caminhos entre a língua e a construção de sentidos no mundo. Os significados, que a priori são dados num conglomerado de manifestações complexas, são articuladamente circunscritos nas interações e construções enunciativas em que há um compartilhamento de

experiências, um reconhecimento situacional, uma culturalização. Ou seja, uma compreensão de contexto, experiência e realidade vivenciada pelos interlocutores, há um compartilhamento de significações e, portanto, o estabelecimento do que Hall (1997) toma por cultura. A língua opera como um sistema representacional significando, atribuindo valor, sentido e cargas afetivas aos atos-mundo através das diversas linguagens (HALL, 1997), construindo assim um universo linguístico.

No ciberespaço, a língua assume-se operadora e articuladora, em que se baseiam e se exprimem ações, sentimentos e interações essencialmente pelas mídias, sejam elas vídeos, clipes de voz, imagens e, também, a escrita. Esta última merece especial atenção no que tange às formas de se produzir, articular, ocupar e preencher os espaços digitais, especificamente quando se observa os enunciados vinculados às *hashtags* no Facebook, constituindo novos olhares e interpretações sobre os gêneros textuais absorvidos pelas tecnologias *online*. Bawashi e Reiff (2013), amparadas pelos Estudos Retóricos de Gênero, situam-no como categorias que se concebem diante de necessidades e ações sociais e, logo, tomam forma, estabilizam-se nas atividades de interação e comunicação humana. Os gêneros permeiam espaços de reconhecimento e acomodam formas de comportar-se e corresponder no mundo tipificadas, mediando ações, resultando em moldes estabelecidos de reconhecer as situações, pois “também funcionam como artefatos culturais capazes de nos informar sobre como determinada cultura define e configura situações e modos de agir” (BAWASHI; REIFF, 2013, p. 96). Ainda que a compreensão conceitual de gênero textual pareça abrangente, é exatamente a sua vagueza que lhe confere uma permeabilidade seletiva, tornando-os estruturas relativamente estáveis e capazes de serem reconhecidas pelos seus falantes, porém ainda maleáveis às mudanças sociais (ROJO, 2005).

Destaca-se ainda que, considerando suas especificidades e configurações funcionais, o Facebook se estabelece como um misto entre indivíduos e instituições, trocas comunicativas pessoais e corporativas, em que se misturam diferentes estilos e normas comportamentais dependentes de quem enuncia e para quem se enuncia. Mais do que apenas promover a conexão íntima ou familiar entre os participantes da rede, o Facebook dispõe de uma série de possibilidades que podem envolver um maior ou menor grau de formalidade na hora de promover uma conversa, postar e produzir conteúdos, expor fotos e compartilhar conteúdos. Mas, também, há uma espécie de multissegmentação em que o indivíduo é capaz de selecionar a melhor

maneira de arquitetar a comunicação considerando o suporte e suas limitações, a intenção ao enunciar, os interlocutores, bem como o lugar social que eles ocupam (MARCUSCHI; XAVIER, 2005). Portanto, ainda que seja possível entremear em uma mesma postagem no Facebook diversas mídias e funções, como vídeos, músicas, hiperlinks, fotos, *gifs* animados, *check-in*, fazendo com que cada um desses elementos seja organizado pelo enunciador, a mobilização desses recursos retóricos e linguísticos se dá não somente pela estrutura digital da plataforma, mas também pela bagagem social e intenção de comunicação e interação do enunciador (BARTON e LEE, 2013).

Mais do que uma imensidão de postagens realizadas no Facebook, é sobressalente o olhar atento para diversas modalidades que emergem e se manifestam nas redes sociais digitais, constituindo e remodelando as linguagens e, neste trabalho, especificamente a análise cuidadosa dos enunciados vinculados às *hashtags* #MeuAmigoSecreto permite observar como os indivíduos concebem e privilegiam as organizações linguísticas para argumentar, produzir sentido, referir ao mundo, expressar cultura, produzir e reproduzir conhecimento, articular falas, exprimir sentimentos, reportar as ações do mundo interagir e se constituir como sujeito através da língua.

Nesse sentido, a linguagem que permeia a maioria das manifestações indivíduo-mundo é responsável por articular e estabelecer essa ponte sógnica que vai, concernente, muito além do que os dicionários podem atribuir às frases emitidas. Ao enunciar, os sujeitos articulam ao mundo um emaranhado de manifestações simbólicas, referenciais, variativas, ideológicas, valorativas, que podem ou não acarretar múltiplos sentidos em seus alocutários, a depender dos contextos de enunciação (FIORIN, 2016).

1.4 Violência e cultura na web 2.0

Perante à constituição e aos atravessamentos que o objeto em estudo no presente trabalho carrega, faz-se necessário compreender os aspectos que fomentam a convergência do público e do privado no ambiente *online*. Destaca-se que não cabe a este tópico discorrer sobre a existência ou os mecanismos que perpetuam a violência à mulher, bem como toda a complexa engrenagem machista e patriarcal que a sustenta, pois, para este trabalho, torna-se como um fato explícito

e atuante nas sociedades a partir de dados oficiais, estatísticas e, também, dos próprios relatos presentes no corpus¹³, de modo que, atualmente, observa-se a ascensão de estudos¹⁴ que se empenham em compreender e desfazer os nós densos dessa malha social que limita a existência feminina e impede sua liberdade. Não recente, os estudos sobre feminismo, gêneros, igualdade e condição da mulher são marcados por produções intelectuais de Simone de Beauvoir, Judith Butler, Virgínia Woolf, Pierre Bourdieu, Joan Scott, entre uma infinidade de outras referências, que apontam as diversas perspectivas da abordagem sobre a opressão, a violência e a desumanização do ser-mulher.

Além do aporte teórico, basta, ainda, considerar que, em 2013 no Brasil, 1 mulher é assassinada a cada 2 horas e, por hora, 503 são agredidas, segundo o Dossiê Violência Contra as Mulheres¹⁵, por crime de ódio. Os dados podem ser ainda maiores devido à dificuldade e resistência social e institucional em nomear corretamente a condição criminal (DIRETRIZES NACIONAIS FEMINICÍDIO, 2016). Segundo dados da ONU — Organização das Nações Unidas, o Brasil, com a proporção de 12 mulheres assassinadas por dia, é o 5º país no ranking com maiores taxas de feminicídio¹⁶, apontando que, apesar de alarmantes, a violência não se restringe ao território nacional e não encontra barreiras políticas ou geográficas para se perpetuar, logo que é uma condição enraizada na historicidade social (BEAUVOIR, 1960).

Por fim, ainda cabe apontar que, no caso do feminicídio, esse é o ponto derradeiro, a última instância de violência, mas que ela reverbera em tantas outras esferas — violência verbal, psicológica, sexual, financeira, profissional, afetiva, física —, e que de modo algum podem ser consideradas agressões menores. Portanto, a partir desse pequeno esboço dos sistemas que vigoram, admite-se que a violência

¹³ Além dos dados oficiais, que constroem a realidade estatística sobre violência à mulher, pode-se tomar como ponto propulsor os próprios relatos que são apresentados neste trabalho, bem como tantos outros que circulam, também, nos espaços digitais. Isso se dá perante a noção de que há mulheres construindo discursivamente realidades em que a violência existe.

¹⁴ Até o presente momento, o Brasil conta com 52 grupos de estudo de gênero listados e reconhecidos pelo Senado Federal, que abragem diferentes vertentes, olhares e bases teóricas para desenvolver debates, pesquisas e produções científicas. Ressalta-se que o número é, possivelmente, maior, pois há grupos independentes, centros informais de debate e encontros desvinculados da esfera acadêmica. Dados disponíveis em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/programas/pro-equidade/nucleos-de-estudos>. Acessado em 15/07/2018.

¹⁵ Dossiê Violência Contra as Mulheres, Instituto Patrícia Galvão, disponível em <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/>

¹⁶ Disponível em http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_feminicidio.pdf

contra a mulher opera sistêmica e constantemente, cabendo a este tópico discorrer, sem o intuito de esgotar o assunto, sobre sua manifestação também no Facebook, bem como apontar os usos que as próprias mulheres fazem da rede como forma de criar espaços, enfrentar a violência, conectarem-se a outras mulheres e estabelecer formas de enfrentamento.

Nesse sentido, de acordo com Natansohn (2013), as mulheres apresentam, em escala mundial, pouca participação nas tecnologias relacionadas à internet, tanto na esfera de participação quanto na produção institucional. Isso se deve, segundo a autora, pelos poucos recursos de acesso — baixa alfabetização ou baixa renda que dificultam a navegação — ou o mercado profissional que desqualifica as capacidades baseadas no espectro de gênero — mulheres não são aptas, segundo a vigência patriarcal, para desempenhar cargos de chefia, comando ou produção tecnológica.

Portanto, com base nesse cenário, as redes sociais possibilitam o encontro de usuárias que apresentam suas habilidades e encontram um espaço para ocupar. Ainda que o Facebook não seja, num primeiro momento, um espaço de produção intelectual ou profissional, ele possibilita a construção de uma gama de manifestações, como a conexão entre amigos ou o fortalecimento de elos sociais. Assim como apontado por Castells (2013), a internet confere um ambiente dinâmico, que se altera conforme as demandas sociais e, ao mesmo tempo, as cria. Ou seja, da mesma maneira que há a necessidade de encontrar um espaço para expressar-se, as mulheres reforçam a noção de que é preciso estender as demandas de ocupação feminina também às áreas, até então, majoritariamente compostas por homens.

É necessário destacar, novamente, que as tecnologias digitais conferem às pessoas novos espaços para preencher com recursos que, geralmente, já eram demandas passadas. O Facebook, então, se torna “um eco daquele antigo modelo de cultura, agora em roupagem tecnológica” (SHIRKY, 2010). O que pode caracterizar a atuação social na era das redes sociais digitais é, então, uma facilidade em conectar ideias, pensamentos, iniciativas e pessoas interessadas nas mesmas temáticas, fazendo com que as ações sejam efetivadas com mais facilidade.

Nesse sentido, a *hashtag* #MeuAmigoSecreto é assumida como um propulsor de denúncias que adquirem um formato característico dado pela forma de organizar

a linguagem. Mas, antes de compreender as linhas finas e densas que ligam as vivências individuais e coletivas às estruturas enunciativas, precisa-se ressaltar que a *hashtag* não se iniciou com o intuito institucional, comercial ou de cooptação das usuárias como consumidoras. A primeira postagem, realizada pelo perfil do coletivo feminista Não Me Khalo¹⁷ foi com articulações linguísticas comuns, destinadas às seguidoras já acostumadas ao perfil comunicacional da página. Ou seja, não houve um planejamento ou organização para que aquela postagem, em especial, repercutisse na proporção que foi tomada.

De acordo com Shirky (2010) a internet possibilitou uma produção facilitada e, portanto, maior de conteúdo. A dimensão do que é colocado em circulação nas redes digitais é enorme, constante e carregada de possibilidades, pois ainda que muito do que é produzido possa ser apenas um esboço da intimidade, uma necessidade de sentir-se pertencente ao ambiente criando e compartilhando os excedentes cognitivos, há também a possibilidade de tornar socialmente significativa as mobilizações iniciadas na rede (2010, p. 31).

Portanto, considerando que o twitte propulsor da campanha foi publicado sem a pretensão, inicialmente, de tamanha circulação, conforme informações do Coletivo, a aceitação e replicação massiva pelas usuárias elucida que aspectos de identificação são imprescindíveis na comunicação e interlocução. Nesse sentido, as formas com que se constitui o ambiente web são alteradas e atravessadas pelo perfil dos usuários (XAVIER, 2013), que modificam e arquitetam a esfera, transformando-a em uma extensão de suas vivências e experiências, bem como um espaço a ser preenchido além dos utilitários técnicos.

As distintas formas de se estabelecer cultura, de se conceituar tradição e de se romper com a norma, compondo uma contracultura, são todas partes integrantes de uma sociedade que se historiciza e se compõe de fragmentos, estilhaços, aceitações, mas, sobretudo, contravenções, rebeldias e rompimentos à norma. Até mesmo para que um novo tipo de texto se modele dentro de um gênero é necessário que haja um reconhecimento da funcionalidade de sua estrutura, bem como sua aceitação na identidade social, fazendo com que os falantes absorvam e

¹⁷ Coletivo feminista atuante sobretudo nas redes sociais, como Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e Tumblr, promovendo engajamento e mobilizações. Também entendido como ciberfeminismo. <http://www.naomekahlo.com/>

reconheçam um novo formato relativamente estável de articular a língua (ROJO, 2005).

Em meio a um furor de conceitos e implicações, definições ora certas, ora vagas que transitam entre o tradicional e o transgressor, torna-se delicado e bastante airoso conceituar e dar referentes, sobretudo, ao que permeia a cultura, sociedade e indivíduo, visto que são instituições voláteis e passíveis de atribuições subjetivas. Mesmo que essas remodelações e adaptações nas estruturas não sejam fruto da era digital, a hiperconexão e a Web 2.0 dão mais efemeridade e transitividade aos sustentáculos sociais, causando antagonismos temporal e espacial (LÉVY, 2009; LEMOS, 2002), bem como uma ruptura identitária cultural.

É vasto o modo de se conceber cultura, que pode delinear as mais consagradas formas de tradição e manutenção de valores significativos à determinada comunidade ou sociedade, bem como um mais recente enfoque que desdobra o termo em tudo que abarca o cotidiano dos indivíduos, por vezes tingindo o conceito de cultura com uma redução simplista “a termos puramente classificatórios e operacionais: tudo o que é humano é, em alguma medida, cultura” (RUDIGER, 2011, p. 46). Portanto, a existência individual e tudo que se refere a ela, sem esquecer dos laços sociais intrínsecos às vivências – compõem uma ação cultural.

Considerando que debates formais e informais sobre violências têm se destacado, expressões como “cultura do estupro”, “cultura da violência”, “cultura do machismo” passaram a ser introduzidas em debates e conversas cotidianas. Então, cabe destacar, a inserção temática que pode advir das vivências, ou seja, das experiências individuais, conflui em uma questão coletiva (SHIRKY, 2010).

Por um lado, Rudiger (2011) aponta a problemática dessa naturalização da violência e dos absurdos que, apesar de soarem incabíveis aos meandros modernos e pós-modernos em que se insiste em postular a sociedade, tornam-se cada vez mais cenas corriqueiras, transitando entre afazeres triviais e, por fim, culminam em indivíduos que se acumulam em estatísticas. Em meio ao sistema que desumaniza a sociedade, estabelece-se um viés ainda mais cruel que outorga critérios a fim de justificar a violência e desigualdade social, dadas pelo sistema sócio-histórico patriarcal, classicista, desigual e meritocrático que persiste numa existência ferrenha ante o próprio agressor ou opressor. Mas, ao tornar-se indivíduo, o sujeito ciente de seu posicionamento social e munido, sobretudo, de consciência reflexiva, escolhe ou

não corroborar para a manutenção desse sistema. Porém, por outro lado, há uma dinâmica interessante no que pode parecer uma naturalização da violência, em que Shirky (2010) aponta que as redes sociais podem desempenhar suporte para avanços sociais a partir das possibilidades que emergem, pois as mídias deixaram “de ser apenas uma fonte de informação e se [tornaram] também um local de coordenação” (2010, p. 37). E, corroborando com a noção de que os participantes afetam os rumos das tecnologias (Xavier, 2013), Shirky (2010) indica que os usuários não são meros produtores de conteúdos, mas também sujeitos capazes de determinar os usos e gerar impactos ao social, capazes de serem tomados como instrumentos de coordenação do mundo *offline*.

É importante pensar, então, quando é que a violência e, especificamente, o estupro, começam a fazer parte da cultura linguística, considerando que, factualmente, elas permearam todo o trajeto social. Ou seja, há a possibilidade dos ambientes digitais abrirem, efetivamente, mais espaço para que sejam enunciadas as realidades que existem, mas não são asseveradas pela falta da palavra, em que o não-dizer também é consolidar um universo linguístico. Se o homem se constitui na e pela linguagem (BENVENISTE, 1988), a falta da expressão ou remissão da violência e estupro pode supor uma falsa simetria de sua extinção, ainda que sejam recorrentes no mundo empírico. Linguagem, tecnologia e meio social não podem se desvincular e, como indica Shirky (2010), as mídias sociais já não podem ser consideradas uma alternativa à vida real, mas sim uma parte integrante em níveis distintos¹⁸.

As redes sociais, carregadas da possibilidade de dar voz a mais pessoas, invertendo, muitas vezes, o compromisso do público que antes majoritariamente consumia conteúdo (SHIRKY, 2010), promove uma ascensão de debates e explanações também sobre violência, machismo e estupro. Pautas que estiveram sempre entrelaçadas às ocorrências históricas e sociais, mas foram suprimidas pela voz hegemônica da mídia patriarcal e do sistema social machista e que são ascendidas pela demanda que vem do meio *offline* – e já preexistente às redes

¹⁸ . Cabe uma ressalva quanto ao grau de interferência da internet nas vivências individuais, pois há uma parcela significativa da população que não está incluída na chamada era digital. Pode-se, então, admitir que há uma movimentação social, um fluxo coletivo que, na sua noção de unidade, é conduzida pelas ações que se vinculam aos ambientes digitais e, portanto, acabam refletindo também nos excluídos tecnologicamente – por exemplo, mudanças na arquitetura das cidades que visam otimizar a condução de redes e sinais de internet, afetando também a moradia de pessoas que não as usam (Xavier, 2013).

digitais —, mas também pela inserção e atuação das mulheres nos espaços tecnológicos e digitais, sejam eles de uso pessoal ou profissional. Nesse sentido, Natansohn (2013) aponta que as tecnologias carregam capacidades desestabilizantes ou subversivas às estruturas patriarcais, devido ao alcance político e social, envolvendo as vivência e, também, as lutas.

Retomando que os enunciados que serão analisados posteriormente, no capítulo 5, se inserem na temática de violência contra a mulher, é importante notar como se efetiva e se faz evidente a inscrição da vivência individual e coletiva na constituição dos espaços compartilhados, sejam eles *offline* ou *online*, apontando que o poder da comunicação se dá, também, nos mais sutis entrelaçamentos linguísticos. Se toda articulação de enunciados é carregada de uma pretensiosa virtude de convencer, argumentar e dialogizar (FIORIN, 2016), os enunciados são manifestados e articulados de modo a conceber suas melhores formas e organizações. Ao compor uma campanha social, a *hashtag* #MeuAmigoSecreto postula, ainda que inconscientemente, uma estrutura funcional e de fácil incorporação pelas mulheres que reconhecem suas vivências e memórias sociais em meio aos relatos. Absorvendo as características das redes sociais digitais, a organização linguística da *hashtag* traça uma rápida identificação e reprodução, gerando um grande número de aderência pelas usuárias.

Todas essas novas produções de conteúdo, organizações de linguagens, formulações e composições, com características híbridas do meio digital e das individualidades de cada usuário, conflui para um elevado aumento de informações circulantes (SHIRKY, 2010). Cada enunciado compartilhado, publicado ou replicado na web, seja em páginas institucionais ou em perfis pessoais de Facebook, conduzem à construção e registro da historicidade social, possibilitando que vivências antes resumidas às estatísticas possam, efetivamente, soar tocantes às pessoas. Shirky (2010, p. 29) aponta que as escolhas de tornar público algum fato privado é um modo de apresentar aos outros uma realidade que, apesar de ser compartilhada, é por vezes desconhecida ou negligenciada. Portanto, é com base nos apontamentos de que as pessoas, quando inseridas nessa dinâmica da web 2.0, querem sentir-se conectadas, engajadas, estimuladas a participar da rede, não apenas compartilhando o que chega até elas parcialmente finalizado, mas também produzindo e marcando a si mesmas no percurso digital.

Por fim, retoma-se, sinteticamente, que os sujeitos se compõem como indivíduos, bem como as sociedades se marcam na historicidade, pelas significações e representações dadas às linguagens e pelas linguagens. Sem o objetivo de posicionar e conceituar cultura e seus meandros, cabe, como parte da construção analítica deste trabalho, explanar sua frequência que, recentemente, tem sido mais observável, *a priori*, devido à pluralização e abertura de espaços interativos e comunicativos aos diversos indivíduos. Ao conceber seus desníveis de conhecimento e capacidades utilitárias, a reapropriação de remodelação dos espaços, ferramentas e linguagens na web é expressivamente mais rápida, célere. Alteram-se as percepções de novo e obsoleto com a efemeridade de uma nova atualização. Se esse novo ambiente digital, que ainda é extremamente fluído e inexplorado, apresenta-se como uma manifestação sociocultural, política e individual, denota-se das ordenações e mobilizações linguísticas, especificamente da #MeuAmigoSecreto, um encadeamento para o leitor, fazendo-o conceber o enunciado não apenas como um relato, mas também como uma correspondência ao mundo empírico e às ações dos sujeitos.

SÍNTESE DO CAPÍTULO 1

É necessário compreender a tecnologia como um componente constante das sociedades e seus desenvolvimentos, capaz de atuar como um recurso, um meio de mulheres e homens interagirem com o mundo, conduzindo, remodelando ou construindo realidades. É preciso, ainda, tomar a tecnologia como um recurso além da mera operacionalidade e tecnicidade, compreendendo os impactos que o uso ou negação dela pode refletir, de acordo com as noções e aspectos apontados por Xavier (2013), Lemos (2002), Recuero (2012, 2016) e Barton e Lee (2013).

Com o objetivo de discorrer sobre os aspectos digitais e tecnológicos que fazem parte da interação e interlocução atualmente, o capítulo visou descrever alguns aspectos pertinentes da internet e suas cada vez mais amplas e diversas possibilidades que oferecem um ambiente novo, complexo, hiperconectado, capaz de exponenciar potencialidades individuais.

Quebrando as barreiras de tempo e lugar promovidas pela hiperconexão, os ambientes sociais digitais se comportam como um reflexo e refletor do que se pode

chamar de esfera *offline*, emergindo temáticas comuns ao cotidiano, mas possibilitando reações, manifestações e conduções diferentes. Portanto, o perfil e as características desse meio digital são formadas pela condução histórica que antecedeu a internet, bem como o atual cenário social, logo que se nota uma descentralização, uma democratização — ainda que socialmente parcial — das vozes manifestadas. Faz-se, então, possível perceber temáticas e comportamentos que surgem como resultado de uma necessidade coletiva, como as novas formas de organizar, compor e estruturar as linguagens, tornando-as mais próximas dos usuários enunciadores e seu público.

Retomando que as individualidades atravessam e são atravessadas pela realidade coletiva, destacou-se que, continuamente, as realidades individuais construídas por meio de relatos nas redes sociais digitais são indicativos e modeladores da realidade coletiva.

Sendo a violência uma ocorrência constante na sociedade e, sobretudo, um fato presente na realidade dos usuários das redes sociais digitais, torna-se compreensível e justificável que haja uma transposição do tema às pautas que emergem no ambiente web, logo que o espaço é preenchido e ocupado pelas vivências coletivas e individuais, ganhando forma e sendo manifestadas através de recursos gramaticais e apropriação e remodelação de elementos linguísticos.

As tecnologias, então, atuam como possibilidades de interação, expressão e constituição de sujeitos – na esfera coletiva ou individual —, que de modo algum podem ser isoladas dos percursos sociais, possibilitando a pessoalização e demarcação histórico social, pois, assim como apontado por Xavier (2013), as tecnologias ganham forma, rumos e usos a partir da apropriação de indivíduos.

CAPÍTULO 2: ARGUMENTAÇÃO: DO ENUNCIADO AO CONVENCIMENTO

Após percorrer os meandros das relações sociais, sobretudo no que tange às redes sociais estabelecidas, modificadas e reconfiguradas a partir da tecnologia, faz-se necessário apontar as bases teóricas que comporão o capítulo de análise. Objetivando analisar e identificar a organização linguística dos enunciados vinculados à #MeuAmigoSecreto em seu engendramento argumentativo, faz-se fundamental explanar as noções conceituais de argumentação, destacando as categorias de Fiorin (2016), que acompanharão as análises futuras. Não se pretende esgotar ou estender as teorias argumentativas, interessando a este capítulo emergir aquelas categorias que possibilitam melhores análises e resultados.

Inicialmente, encontra-se um esboço teórico sobre argumentação e, em seguida, elencam-se categorias que apresentam possibilidades de enquadramento devido a suas características descritivas.

2.1 Os laços entre enunciado e argumentação

A argumentação se manifesta nos enunciados e discursos sempre intrínseca à linguagem. Quando os sujeitos produzem suas falas e articulam a língua, é numa ordem de convencimento, veracidade, hierarquização ou atração do alocutário, portanto, os enunciados produzidos não são neutros, imparciais ou descabidos de intenção, e

por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo (KOCH, 2011, p. 17).

Ainda que os jogos de palavras soem despreziosos num primeiro momento, atenta-se para o anseio de que as falas produzam sentido de veracidade e sejam recebidas com credibilidade pelos interlocutores. Os indivíduos são dotados de construções culturais e ideológicas distintas que afetam e alteram suas percepções da realidade, implicando em alterações na construção e concepção de mundo e verdades (HALL, 2006). Se as sociedades não são homogêneas, confluentes, posicionadas num fluxo único de interesses e necessidades, as vozes

que se manifestam e anunciam nos espaços de interação promovem diálogos e debates constantes, apresentando a troca de posicionamentos entre sujeitos, exposição de perspectivas e cruzamento de opiniões (FIORIN, 2016). Portanto, visando mudanças organizacionais, bem-estar coletivo e individual, avanço ou manutenção das estruturas e sistemas sociais, as interações e a linguagem são sempre um ponto dialético imprescindível para se constituir como sujeito e explicar pontos de vista (BENVENISTE, 1988). Neste sentido, mesmo que o locutor se valha do intuito de ludibriar, refutar ou enganar o interlocutor, o interesse primeiro é que quem recebe a informação acredite nela, dando-lhe caráter de verdade ou, diante da força dos argumentos, acate os pontos de vista de quem se pronuncia.

A credibilidade concedida ao enunciado advém de uma diversidade de fatores argumentativos, mas, como aponta Koch (2011, p. 19), os discursos, para cumprirem sua intenção de produzir sentidos, devem ser organizados obedecendo às condições de progresso e coerência, resultando no que a autora conceitua como “texto”. Ainda que a acepção do termo seja bastante diversa, Koch (2011) aponta sua dualidade que pode designar as manifestações através de sistemas de signos, sejam eles literatura, pintura, música ou, também, englobando os conceitos de discurso, em que se consideram os enunciados e os efeitos do enunciar, resultando numa unidade semântico-pragmática (2011, p. 20). Portanto, corroborando os apontamentos de Fiorin (2016), a autora assume que os argumentos estão inscritos na linguagem e são parte indissociável da construção discursiva, devendo ser permeados pela coesão e coerência, a fim de conceder credibilidade e funcionalidade persuasiva.

A persuasão é, muitas vezes, tomada como uma estratégia dotada de atribuições pejorativas. Ao se pensar isoladamente o ato de persuadir, infere-se uma carga geralmente negativa ao sujeito locutor, como se remetesse, impreterivelmente, ao ato de ludibriar ou enganar, atribuindo aos textos jogos discursivos não objetivos, eloquentes, todavia redundantes ou vazios. A recorrente atribuição negativa à retórica dá-se pelo percurso histórico, social e teórico que o termo foi retomado e constituído (LEMBGRUBER; OLIVEIRA, 2011). Numa breve contextualização histórica, a Retórica Clássica, advinda da Grécia, é vinculada à arte da oratória no sentido de hierarquização social e, para Citelli (2002), é inescusável abordar ambas conjuntamente. Mais do que uma disciplina para articular as estratégias de convencimento e emotividade dos discursos, a retórica se comporta como uma

manifestação e expressão de poder, logo que o ato de bem-falar, demonstrando propriedade e articulação lexical, quase num tom poético, era referência de alta sabedoria e poderio (CITELLI, 2002). Neste ponto, Fiorin (2016) também ressalta as diversas modificações que o conceito de retórica sofreu, podendo ser remetida ao fazer influência, ornamentar, tornar claro, adequar as expressões de maneira que estes atos se vinculem o discurso como modo de tornar-se persuasivo (FIORIN, 2016, p. 21).

Sendo um cenário bastante significativa na constituição e configuração social, os preceitos de hierarquização social por meio da língua, que permanecem reforçados historicamente, percebem-se consolidados nas sociedades, em que grupos ou sujeitos que não dominam a norma padrão da língua são geralmente excluídos, oprimidos e rechaçados, reforçando que ela seja subvertida em uma ferramenta excludente e maniqueísta (FARACO, 2008). Verifica-se que a arte da retórica, a oratória, são também vinculadas ao status e ao prestígio. Dominar a língua, fazer-se claro e capaz de pronunciamentos públicos é, em geral, valorizado e prestigiado. Destacam-se os discursos jurídicos, políticos, as falas oficiais e cargos de mediação, por exemplo.

Contudo, alicerçando a argumentação impreterivelmente aos diálogos e interações sociais, em que toda manifestação é, em graus diversos, imbuída do mostrar, comprovar, apontar e, portanto, convencer, deve-se esvaziar o ato de persuadir das atribuições histórico-sociais negativas ou enganatórias, em que o locutor visa prosaicamente desorientar o alocutário ou apenas enfeitar sua fala, privando-a da objetividade. Assim, concebe-se a argumentação, especialmente a argumentação retórica, como ato intrínseco à interação social, pertencente ao diálogo e à expressão dos sujeitos coletivos ou individuais.

Retomando que o objetivo principal deste trabalho é a análise de enunciados publicados no Facebook e vinculados à #MeuAmigoSecreto, é fundamental compreender a dinâmica que se estabelece em meio à produção e publicação, pois há, por um lado, a condução coletiva estabelecida por regras e condutas sociodigitais ou cibernéticas como explanado no capítulo 1, e, por outro, a mobilização individual e pessoal da linguagem como forma de construir uma expressão única, carregada de particularidades de quem enuncia.

Portanto, admite-se que há, também, uma variedade no modo de apresentar e dispor as falas, permitindo mais ou menos reflexão e manifestação dos

interlocutores. Como exemplo, na esfera jurídica e política, as contestações argumentativas ficam bastante claras, em que há demarcações temporais e linguísticas para elas, dadas pelas noções de gênero textual, discutidas no capítulo 1. Estipulando-se um tempo para réplicas e tréplicas argumentativas nos debates, delimitando enfaticamente o momento em que os interlocutores podem se opor ao que foi exprimido, manifestando uma defesa ou justificando determinado acontecimento. Essas esferas em que se desdobram a argumentação, num aspecto bem demarcado e explícito, são especialmente abordadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), que se detêm na acepção estrita de argumentar, convencer, logo que o autor permeia seus estudos sobretudo na área de filosofia do direito. No entanto, como já apontado, outros espaços de comunicação e interação carregam também marcadores e táticas argumentativas, ainda que menos perceptíveis ou recortáveis. Esses espaços são constantes e inerentes ao cotidiano, em que constroem brechas ou possibilidades dos interlocutores aceitarem ou refutarem os argumentos, como é o caso de textos dissertativos, relatos, notícias, filmes, pronunciamentos, propagandas ou conversas corriqueiras (KOCH, 2011). Como exemplo, relatos que visam convencer o ouvinte sob determinada perspectiva de um acontecimento, publicidades que visam incentivar o público a consumir determinado produto, diálogos que se desenvolvem a partir da crença que os falantes pronunciam verdades. Assim, cabe aos interlocutores acatar, refutar ou dispensar os enunciados, dando credibilidade – ou não – ao relato, consumindo o produto ou escolhendo outro, tomando como verdade ou se posicionando contrariamente às posições do enunciador. Em algumas dessas modalidades e gêneros textuais, ainda que não haja um espaço formal demarcado para a refutação ou contra argumentação, é dado ao alocutário o direito de negar-se ao argumento, permanecer em suas convicções e pontos de vista, além de desacreditar ou desacreditar o que lhe é enunciado. Nesse sentido, se um relato, notícia ou filme não instiga ou seduz o público, conferindo laços frágeis de interação ou incorporação do ponto de vista, pode-se assumir como ineficaz o trabalho de convencimento estabelecido.

Ainda que se possa mobilizar diversas palavras e eixos lexicais para conduzir o interlocutor ao sentido desejado (KOCH, 2011), o enunciador organiza o enunciado influenciado pelas maneiras que julga serem as mais favoráveis e otimizadas para a situação, sabendo que as escolhas lexicais, e até mesmo de

entonação, são capazes de interferir na aceitação do enunciado. Pode-se, ainda, constatar uma série de fatores que interferem nessa seleção, vista que, muitas vezes, há uma aproximação dos sentidos e significados dos enunciados como nos casos de sinônimos, porém as mobilizações linguísticas são em algum nível bastante distintas (KOCH 2011). Por exemplo, pode-se dizer que [A] “Não quero mais sair hoje à noite” e [B] “Que tempo feio faz lá fora”. A implicatura de [B] permite constatar, dado o contexto pertinente, que não se deseja sair devido ao tempo, resultando num sentido aproximado de [A], porém sem a objetividade da informação que está explicitamente contida, dita, verbalizada no enunciado.

Centrando nas redes sociais digitais, espaço em que este trabalho se debruça, é necessário atentar para a complexidade que as organizações enunciativas assumem na era da Web 2.0, pois o espaço digital é constituído de múltiplas trocas sociais e manifestações linguísticas mais flexíveis, voláteis e transitivas (BARTON e LEE, 2013), integrando, alterando e constituindo os modos de se conceber a língua e as linguagens. Se, até a Web 1.0, os textos eram a parte quase totalitária da constituição dos diálogos e navegação no ciberespaço, agora, remodelam-se as características e capacidades argumentativas, sendo necessário desprendê-las dos artifícios exclusivamente lexicais e frásicos, atribuindo aos recursos multimodais e multimídias a capacidade de persuadir, convencer e comover o público – entre eles, imagens, símbolos, *emojis*, GIFs, entre outros. Se, restritos à oralidade e enunciados escritos, o ato de enfeitar e embelezar o discurso pode operar como estratégia argumentativa, na Web 2.0 o emprego adequado de linguagens multimodais e multimídias favorece a recepção pelo público, resultando também numa tática de se fazer ouvir por meio da mobilização de diferentes recursos.

No que tange à produção na Web 2.0, faz-se necessário tomar os conceitos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), na Nova Retórica, em que agora se estabelece uma inter-relação de orador com um auditório, podendo este ser universal, genérico, heterogêneo. O Facebook conecta e estende as vozes aos mais diversos perfis e identidades, fazendo com que as publicações, geralmente, assumam um caráter de mensagem pública. Portanto, o enunciador vagueia numa diversidade de estruturas e organizações sintáticas, opções semióticas e multimídias e que, numa propagação enunciativa, pretende comunicar um mesmo efeito de sentido às suas conexões da rede social digital. Ou seja, quando o público é diverso

e a comunicação é genérica, intui-se dizer que há um sentido amplo e cabível a todos os interlocutores, sem que haja a intenção de produzir uma interpretação distinta para cada um. Logo, ao se apropriar desses espaços *online* de interação, o usuário dubiamente vira refém e regulador do que se torna ou não critério de seleção. Se, por um lado, tem-se a acomodação da plataforma do Facebook cerceando a navegação e interação entre redes sociais, expandindo a quantidade de caracteres comparada a outras plataformas, agregando diferentes mídias (BARTON e LEE, 2013), tem-se, também, a liberdade multifacetária de se optar pela construção argumentativa e linguística. Dada pelo enredo – cultural, socioeconômico, contextual, intencional e até mais imediato, logo que o suporte, por exemplo, um celular ou notebook, ou a plataforma podem interferir no tamanho do texto publicado –, há uma variável influência de fatores que se alteram para tanger a significação que o indivíduo vê em sua enunciação e “ele deverá utilizar argumentos múltiplos para conquistar os diversos elementos de seu auditório. É a arte de levar em conta, na argumentação, esse auditório heterogêneo que caracteriza o grande orador” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 24).

Entre essa amálgama complexa de escolhas impostas ou arbitrárias para compor os enunciados, pode-se analisar as construções dos interlocutores sob os aspectos do *Ethos* e do *Pathos*, ainda que, a priori, eles sejam indissociáveis. O primeiro é modo do enunciador se colocar no texto, como uma construção discursiva que se dá na enunciação do enunciado (FIORIN, 2016, p. 70). Ou seja, ao mobilizar a língua, o falante insere marcas discursivas que projetam ao alocutário a imagem ideal do locutor. A partir do que é manifestado e publicizado, quem recebe o discurso faz uma dedução do que lhe é conferido no enunciado. Não é, nesse aspecto, uma abstração subjetiva da identidade de quem enuncia, ou seja, o interlocutor não se vale da livre percepção e interpretação para construir a imagem do enunciador, mas sim utiliza e explora tudo que é manifestado linguística e pragmaticamente no discurso.

Nos enunciados da *hashtag* #MeuAmigoSecreto, intui-se o apaziguamento entre *quem enuncia* e *quem se denuncia*, em que os comportamentos femininos e masculinos são, possivelmente, separados por marcações linguísticas. Logo que o *Ethos* intenta à confiança, à veracidade e à legitimidade, a análise, desenvolvida no capítulo 5, visa identificar se há uma constituição opositiva dos sujeitos articulados no enunciado. Sabendo que a diferenciação se dá entre cada enunciador, também

se destaca o interesse em observar se há afastamentos na esfera generalizante de sexo, ou seja, se os enunciados esboçam aproximações ou distanciamentos entre Mulheres e Homens, pois ao opor-se ao sujeito-homem que é denunciado, a locutora se apropriaria da credibilidade, bom-senso e legitimidade, em que “a consciência de si mesmo só é experimentada pela contrastes” (BENVENISTE, 1988, p. 286).

Faz-se ainda necessário abordar as questões de *Pathos*, em que este “não é a disposição real do auditório, mas uma imagem que o enunciador tem dela” (FIORIN, 2016, p. 74). Aqui se ressalta a noção de que o enunciador escolhe suas táticas argumentativas engendrando sua intenção aos seus conhecimentos do público, tendo como base primária sua percepção à recepção do alocutário. Nesse sentido, quem fala se vale de uma produção argumentativa baseada na produção de efeito em quem ouve, recorrendo às emoções causadas. Por exemplo:

O #meuamigosecreto já disse a uma mulher que ela não "merecia" ser estuprada. (Alguma merece?)

Em que se observa uma pergunta destacada da denúncia, dirigida diretamente ao público, agindo como forma de estabelecer e estimular a interação. A tática, portanto, baseia-se na noção de que o enunciador já formulou uma imagem dos interlocutores, em que há um compartilhamento da noção de que *nenhuma mulher merece*, caso contrário, a recepção do enunciado como verdadeiro se fragiliza.

Posicionando-se na imanência do convencimento presente nas esferas sociais e interacionais, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) concebem a interdependência de orador, discurso e auditório como elementos da argumentação, em que esta permeia “técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 4). Nesse sentido, pode-se tomar o emprego de espíritos para aludir à plenitude da argumentação, logo que concordar não é, necessariamente, deixar-se convencer. Ou seja, ao elaborar as teses, o locutor visa mais do que superficialmente mostrar o fato ou o seu posicionamento, mas se incube de cooptar o interlocutor, indo além de uma concordância simplista de quem recebe o argumento, mas efetivamente convencendo o sujeito ou o público. No que tange ao objeto de análise deste trabalho, a adesão dos espíritos pode ser

compreendida como a intenção de ir além da denúncia e comoção do público, mas efetivamente gerar a compreensão da extensão da violência à mulher.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), então, inserem a lógica na esfera da demonstração, em que os encadeamentos são esperados e necessários, cabendo ao enunciador evidenciar o caminho percorrido para a ocorrência dos fatos. Já na esfera retórica, os desdobramentos são possíveis, imagináveis, mas não irrevogáveis entre as premissas expressas. Como exemplo, se A diz que “sair na chuva irá me molhar” é um fator inegável e irrefutável, no entanto, se A diz que “pegar chuva me deixará gripado”, é possível e, em certos casos, até esperado que seja verdade, no entanto, a chuva e a gripe não são ação-reação condicionadas, sendo atravessadas por outros fatores, como imunidade.

Ainda que o auditório seja, para Perelman e Olbrechts-Tyteca, sempre “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (1996, p. 21), o autor discrimina três tipos de auditórios, em que o primeiro é intitulado Auditório Universal — homogêneo e generalizante, numa busca por abranger todos os seres humanos. Um segundo que se constitui na interlocução, estabelecendo laços mais estreitos entre locutor e alocutários — pode desencadear um diálogo, debate ou manter-se na exposição de argumentos. E, por fim, um auditório constituído pelo orador, num ato essencialmente solitário e íntimo — atua como uma autoexplicação dos argumentos e teses, logo que cabe ao orador crer naquilo que enuncia.

Destaca-se que é possível encontrar os 3 tipos no Facebook — por exemplo, compartilhamento de notícias ou links, que se destinam ao público geral, um diálogo entre um grupo limitado de usuários e, por último, publicações com intuito de registro privado, feitas unicamente para salvar informações. No entanto, quanto à *hashtag* #MeuAmigoSecreto, observa-se a predominância do auditório universal, em que quem enuncia visa estabelecer uma interação com os usuários em geral ou, ao menos, as mulheres em geral.

Portanto, sem o intuito de prolongar ou aprofundar as categorias de auditório, assume-se essas categorias como premissa articulativa do locutor. Ou seja, espera-se que quem argumenta tome conhecimento de quem deve ser persuadido, implicando em diferentes técnicas e recursos argumentativos, sendo eles mais genéricos, íntimos, modalizados ou impositivos. Também, retoma-se que, cada vez mais, é explícita a dificuldade em determinar e delimitar o que pode influenciar nas

mobilizações linguísticas, logo que meios, suportes, arbitrariedades e imposições sociais e técnicas se sobrepõem e intercalam, impactando nas formas de se conceber e organizar os enunciados. Portanto, a organização e predileção sintática e semântica podem ser alteradas pela bagagem cultural do locutor, pelo meio em que se está inserido, pelo público que receberá o enunciado, pelo meio em que se produz e vincula o discurso, bem como o conhecimento e intimidade em que há entre os interlocutores.

Independentemente de a quem se destina o argumento, os enunciados são carregados de inferências responsáveis pela progressão dos discursos (FIORIN, 2016). A recepção de um texto ou enunciado é atribuída de raciocínios inferenciais dados pelo público que admite o que foi dito como verdadeiro, ligando e correlacionando as informações a outras proposições tidas como verídicas, logo que se um dos interlocutores toma como inverdade a informação ou argumento, extingue-se o desenvolvimento do debate. Nesse aspecto, o auditório, aberto e receptivo ao discurso, tece uma interpretação para além do que está colocado no enunciado, já que, para Fiorin (2016), quando se enuncia, exprime-se mais do que está explicitamente colocado, carregando a fala de “pressuposições, subentendidos e consequências não ditas” (2016, p. 31), como exemplo, ao dizer “o dia está quente”, pode-se produzir uma série de interpretações, como “abra a janela” ou “devemos aproveitar o dia”, ainda podendo acarretar diretamente a ação de alguém abrir a janela ou ligar um ventilador. Ainda para o autor, as inferências podem ser catalogadas nas ordens lógica, semântica e pragmática, em que respectivamente se caracterizam pela relação entre proposições, a significação que palavras ou termos atribuem ao enunciado, e a relação com os usos da linguagem (2016, p. 32), que, por fim, compõem eixos da argumentação.

Perante o exposto, até o momento, compreende-se que há noções pertencentes aos enunciados mesmo que não estejam sempre explícitas. Nesse sentido, as intenções do enunciador podem se valer de formas mais ou menos identificáveis de produção de sentido, ainda que não haja uma reflexão sobre quais as táticas que devem ser empregadas no ato da manifestação dos enunciados.

Cabe ao próximo subitem a apresentação e descrição das noções teóricas sobre argumentação, baseadas nas concepções de Fiorin (2016), Koch (2011) e Perelman (2011) e Olbrechts-Tyteca (1996), traçando os saberes e compondo bases para a análise futura dos enunciados da #MeuAmigoSecreto.

2.2 Inferência e argumentação

A construção contextual do alocutário vai além das informações recebidas no momento da interação. Há, portanto, uma soma constante de conhecimentos, experiências e interligações informacionais entre os interlocutores para que haja o desenvolvimento do diálogo, a melhor interpretação do enunciado, formulando novos direcionamentos semânticos. Nesse sentido, sabe-se que há, muitas vezes, um universo muito mais amplo e carregado de significações do que aquele que está linguisticamente pronunciado. Possibilita-se, então, que organizações enunciativas carreguem, por si próprias, produções de sentido que lhes foram atribuídas por enunciações antecedentes.

Sabendo que as interações que ocorrem no Facebook, e fora dele também, são produtos dessa múltipla e complexa rede de possibilidades, intenções e construções linguísticas, os itens a seguir discorrem sobre os processos inferenciais lógico, semântico e pragmático, encadeando-os com os aspectos argumentativos, para que possam compor critérios para a análise do corpus deste trabalho.

2.2.1 Consequências matemáticas ou a argumentação lógica

Para Koch (2011), a argumentação baseada na lógica, causa e consequência, permeia uma relação de convencimento. Ou seja, o diálogo se pauta nas ocorrências do mundo empírico e que, *a priori*, são factuais e comprováveis buscando apenas mostrá-las ao interlocutor. Não se faz necessário, ao enunciador, empregar estratégias retóricas, persuadindo através de jogos lexicais, mas apenas apresentar e expor os fatos dados no mundo como forma de convencer.

Numa organização enunciativa, o universo linguístico pode se vincular e se estruturar em construções racionais e consequentes para conduzir conclusões e encaminhar o interlocutor às respostas e encadeamentos desejados. Através de silogismos, bastante usados no cotidiano argumentativo, ainda que de forma não tão sistematizada, o locutor vale-se de um raciocínio linear e reproduzível para ordenar as ocorrências no mundo linguístico. Como exemplo, se Maria está interagindo no Facebook, inevitavelmente ela está *online*. Assim, toda vez que Maria interage, ela está usando a rede social. No entanto, os silogismos permitem inversão do fato, que

nem sempre permanece verídico, já que, nem sempre que Maria está *online*, ela estará interagindo.

Para Fiorin (2016), essa modalidade de argumentação se insere nas inferências lógicas, que abrange dez processos argumentativos que necessitam estabelecer relações entre ocorrências e proposições. Sendo eles a Eliminação, a Afirmção consequente, a Negação do antecedente, a Disjunção exclusiva, a Regra do encadeamento, a Contraposição, a Negação da disjunção dupla, a Bidirecionalidade e a Dupla negação (2016, p. 33). Todos os processos situados na argumentação lógica atribuem características sistemáticas ao argumento, ou seja, são métodos que, *a priori*, funcionam universalmente devido à sua capacidade de serem ordenados. Há, portanto, uma quase obrigatoriedade de reconhecer o argumento lógico como válido ou verídico, ainda que caiba ao interlocutor não se deixar convencer. Por exemplo, tendo [A] “o sol é quente, logo, quando o sol bate na sala, ela esquenta” como um argumento lógico, confere-se ao alocutário o direito de não concordar, não aceitar ou desacreditar na informação. Quando os enunciados adotam a lógica como estruturas encadeadas de acontecimentos, há uma consciência tácita entre os interlocutores de que as relações estabelecidas funcionam obedecendo à irrefutabilidade racional e, portanto, não se necessita de um jogo retórico para aderir às informações.

Portanto, silogismos, enquanto argumentos lógicos, poupam os interlocutores do jogo retórico e persuasivo, implicando uma fórmula replicável de obter o convencimento. Por exemplo, se toda vez que Maria faz uma postagem, suas amigas curtem, quando Maria postar novamente, receberá curtidas das amigas. Assim, se A produz X, dadas as devidas equivalências, A irá produzir o resultado X. Indo além de um estabelecimento quase metodológico para os resultados dos acontecimentos, a argumentação lógica supõe também um sistema de encadeamentos de atos, em que A e B possuem o mesmo posicionamento organizativo, logo A e B valem-se das mesmas liberdades e restrições. Se B não puder, tampouco A poderá (FIORIN, 2016), por exemplo, se homens têm acesso às redes sociais, as mulheres também devem ter acesso.

Nesse aspecto, a grande vantagem da lógica aplicada à argumentação é uma economia de análises variáveis. A ordem de equivalência se articula ao funcionamento empírico, as mobilidades linguísticas se constituem em estruturas

quase matemáticas para comprovar, convencer, justificar, cooptar. Portanto, se as condições são as mesmas, a replicação dos resultados também será.

No entanto, ainda que os silogismos desempenhem um papel bastante significativo na argumentação, em que possam parecer quase incontestáveis, pois são argumentos válidos do raciocínio e causa-consequência, a argumentação quase lógica atua na esfera retórica e persuasiva sem minimizar ou comprimir suas articulações de convencimento, sendo muito utilizada no emprego argumentativo cotidiano “que nos valem todos quando falamos de coisas possíveis, plausíveis, prováveis, mas que não são necessárias do ponto de vista lógico” (FIORIN, 2016, p. 116).

Assim, as consequências argumentativas, pautadas pela sequência ou linearidade lógica, apresentam-se como um recurso argumentativo, podendo preencher os mais diversos espaços de interação ou temáticas, desde de que o enunciador consiga se valer da progressão argumentativa, fazendo os atos e circunstâncias convencerem ou cooptarem o público pela noção quase matemática da realidade.

2.2.2 Construção de sentidos ou inferência semântica

Retomando a noção de que os enunciados interagem com o meio e, portanto, os sentidos são dados também pela ação de enunciar, é necessário compreender que são diversos os aspectos capazes de interferir na condução da interpretação. Nesse sentido, este subitem tem o objetivo de destacar a importância que os fatores pertencentes ao enunciador, ao público e à enunciação carregam quando se lança olhares às conduções de sentido pretendidas nas interações e, mais especificamente para o presente trabalho, nas publicações sobre o #MeuAmigoSecreto.

No que tange às inferências semânticas, faz-se necessário, para Fiorin, distinguir significação de sentido e frase de enunciado (2016, p. 36). Então, toma-se que a significação é dada pela construção e disposição dos elementos linguísticos que, escolhidos pelo locutor, formam relações entre si. Assim, a significação concerne ao dito, ao localizável no enunciado. Já o sentido se dá pela somatória da significação e das condições de enunciar, em que o contexto pode induzir a demais conclusões não evidentes no texto. Nesse aspecto, atenta Fiorin (2016), é dado ao

mesmo enunciado a capacidade de implicar múltiplos sentidos se valendo das condições de enunciação e da bagagem interpretativa na recepção. O enunciar “sou mulher” em diferentes contextos, como em uma manifestação feminista, um diálogo cotidiano e em meio a um debate sobre violência, pode acarretar sentidos de resistência, afirmação de gênero e denúncia, consecutivamente.

Já nas noções de frase de enunciado, aquela é concebida como elemento linguístico carregado de relações sintáticas e apenas uma significação, sendo as relações dadas pelo emprego da língua e ordenações socioculturais de comunicação. Já os enunciados se ligam ao fator interpretativo e intencional do que é manifestado, ou seja, o que o falante quis subentender com o que foi dito. Nesse sentido, a mesma frase pode conter diversas intencionalidades que podem ser reconhecidas ou não pelos interlocutores. Por exemplo, pronunciar “está calor, mas sou mulher” com a intenção de vincular as noções de violência e opressão à mulher numa cultura em que majoritariamente as mulheres vestem saias, resvala na ineficiência do conhecimento produzido pelo contexto. Assim, os alocutários negam, ainda que não intencionalmente, o direcionamento de sentido intuído pela enunciadora.

Faz-se necessário também ressaltar que as condições em que se recebem os enunciados são sempre fatores sensíveis na construção dos sentidos. Grice (1982) aponta a necessidade da cooperação para haver uma troca comunicacional efetiva. Por cooperatividade compreende-se uma rede de trocas e conhecimentos prévios complexos, em que o diálogo só se efetiva quando há equiparidade cultural e cognitiva entre os falantes. Não se trata, no entanto, de impossibilitar a comunicação entre diferentes comunidades, sujeitos ou saberes, mas sim que haja compreensão mútua entre os interlocutores. Caso haja uma discrepância grande entre as atribuições de sentido pelos falantes, é necessário que os argumentos sejam conduzidos da forma mais lógica e objetiva possível, evitando ambiguidades ou vagezas na interpretação. Como exemplifica Fiorin (2016, p. 36), a frase “o serviço de trens subterrâneos [...] está fora de funcionamento” pode ser expressa com a intencionalidade de subentender-se para que outro meio de transporte seja tomado, porém, se o interlocutor não tiver o conhecimento cultural e urbano que há outras possibilidades de locomoção, a informação recebida irá ser interpretada como mera anunciação dos problemas de transporte.

Por fim, há também as inferências pragmáticas que se pautam numa complexa e mutável relação da utilização da linguagem verbal. Mais do que atribuir significado às palavras e compreender as ordens sintáticas das frases, a inferência pragmática se constitui nos conhecimentos e reconhecimentos do mundo. Ou seja, não basta aos interlocutores compreender as articulações linguísticas e propriedades semânticas, é imprescindível que ele esteja imerso no funcionamento elástico da linguagem na sociedade e capacitado a operar como sujeito falante. Em outras palavras, o contexto, os sentidos atribuídos e o conhecimento das relações sociais são necessários para que as nuances comunicativas sejam adequadamente percebidas e interpretadas. Neste aspecto, Fiorin retoma Grice (1975 apud Fiorin, 2016) e exalta o conceito de cooperação, demonstrando sua imprescindível correlação com a argumentação, logo que as trocas comunicacionais ou interações são responsáveis por efetivar as intenções e direções argumentativas. É necessário, portanto, uma elucidação além do dito, permeando o que está muitas vezes além do texto, do linguístico, do observável, recaindo numa interpretação e leitura contextual e situacional.

Portanto, numa breve retomada dos aspectos trazidos até agora, faz-se importante conceber a produção de sentido e interpretação além do que é linguisticamente observável no enunciado. Há atravessamentos constantes nas interações, valendo-se de fatores contextuais, individuais e sociais que constituem a completude do que é enunciado. Admitir a possibilidade de múltiplas interferências em um mesmo enunciado possibilita o reconhecimento de esferas de produzir sentido, além das alternativas para construir a interpretação, evidenciando que não se pode desprezoar o enunciado de sua esfera e condição de enunciação. Assim, neste trabalho, os enunciados vinculados à #MeuAmigoSecreto são fruto de um interesse comum da campanha — denunciar a violência à mulher —, tornando esse um elemento determinante nas leituras e compreensões do público.

2.3 As vozes do enunciado

Os enunciados são formulados, moldados e ressignificados perante os interlocutores que dele participam. Nesse sentido, retoma-se a ideia de que há diferentes maneiras de produzir um mesmo sentido. O sujeito, então, assume um protagonismo enunciativo, em que sua prevalência reverbera nos modos de organizar e conceber a linguagem. Neste momento, busca-se elucidar a significância

dos interlocutores e como suas atuações são acentuadas quando se pensa no espaço das redes sociais digitais.

Nos diálogos e enunciados cotidianos, frequentemente, nota-se a vinculação ou retomada de múltiplas vozes para inferir proposições, legitimar informações, replicar ou descrever acontecimentos. É interessante, portanto, observar que enunciador e locutor não necessariamente ocupam o mesmo lugar na enunciação, possibilitando a apropriação e retomada de falas originárias de outras vozes. Para Koch (2011), com relativa frequência, a polifonia é uma estratégia recorrida para que o locutor não seja responsabilizado direta ou unicamente pelo que é dito, atribuindo ou conferindo autoridade a outros enunciadores. Assim, as vozes mobilizadas e manifestadas num mesmo enunciado podem ser múltiplas, variadas e distintas, ainda que pertencentes a um único enunciado, como é o caso da paráfrase ou, especificamente dentro do Facebook, do compartilhamento.

Neste aspecto, é também interessante ressaltar a caracterização descentralizada e hiperconectada no ambiente digital, em que as identidades são continuamente atravessadas pelos múltiplos papéis sociais desempenhados pelo sujeito. Devido à propriedade de agregar e compilar diversas atuações do usuário, ainda que não seja uma propriedade exclusiva do ambiente *online*, as redes sociais digitais facilitam a alternância das identidades e vozes temáticas do sujeito, expressando humor, política, intimidade, construção profissional e demais posturas que possam pertencer a cada usuário da rede.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo deslocadas (HALL, 2006, p. 12)

Por se estabelecer como um espaço híbrido, a web 2.0 vocifera essa constante produção de enunciados variados, pertencentes à esfera familiar, pública, profissional, política e, por vezes, pessoal, ainda que manifestada abertamente. Atenta-se para a colocação de que essa multiplicidade identitária, esse sujeito transitivo em suas atuações e papéis sociais não é fruto da era cibernética ou da insurgência pós-moderna, mas sim uma característica pertencente aos sujeitos ao longo de suas trajetórias sociais. No entanto, as redes sociais digitais causaram um impacto rompante na noção de público e privado, em que cada vez mais estes espaços se confundem e minimizam seu limiar (CASTELLS, 2003). A exposição da

intimidade, a derrubada das paredes metafóricas, a vontade de ver e ser visto promulga uma inspeção coletiva, um *voyeurismo* que, mesmo pertencente à história da humanidade, eleva exponencialmente a produção de enunciados muito mais entrecruzados, transitivos, multi-identitários e, portanto, polifônicos. As narrativas construídas nas redes sociais digitais, especificamente no Facebook, denotam essas características íntimas e expositivas, privadas e publicizadas, que traçam uma articulação linguística pessoal e própria do locutor, mas que, ao mesmo tempo, apropriam-se de estruturas e características já utilizadas, permitindo, portanto, a reformulação rápida e frequente dos enunciados. A apropriação através do compartilhamento se torna ainda mais usual, contanto que a atribuição de personalidade à linguagem seja evidente.

Tratando-se da campanha #MeuAmigoSecreto, em que um dos principais objetivos é causar a aderência pelos usuários, fazendo-os se reconhecerem pertencentes à temática, intenta-se que as escolhas linguísticas busquem traçar identificação com os leitores por meio de recursos e características de branda apropriação. Ou seja, o enunciado é delineado visando atender aspectos funcionais, estéticos e comunicativos, em que o significado veiculado seja claro, compreensível e desperte o interesse do usuário que navega entre diversos elementos concorrendo por sua atenção (BARTON e LEE, 2013; RECUERO, 2016). Quem produz o discurso deve ter algum conhecimento sobre quem irá recebê-lo, pois é a partir da receptibilidade do auditório que o enunciador deve direcionar sua argumentação. Quanto mais genérico, heterogêneo e distante for o interlocutor, menos específica e verticalizada será a mensagem (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1966). Ao se tratar de campanhas digitais de cunho social, muitas vezes, as organizações linguísticas adotadas são reproduzidas e incorporadas à memória afetiva ou empática do enunciador a partir da ação de *compartilhar*, recurso das próprias redes sociais, sem que sejam, necessariamente, atribuídas de experiências individuais do usuário. Por exemplo, campanhas que visam estabelecer uma comunicação com vítimas de assédio sexual podem incorporar elementos mais segmentados do que àquelas que desejam atingir todas as mulheres. Para isso, recorrem aos relatos que se ligam aos aspectos emocionais.

Bastante comum nas esferas jornalística e jurídica, a mobilização de outros enunciadores se insere como forma corriqueira de validar ou asseverar as afirmações diante dos interlocutores. Faz-se necessário retomar que as redes

sociais digitais estenderam e abrangeram as vozes populares, individuais ou não-públicas. Nesse sentido, há uma crescente e constante manifestação de atores que, a priori, podem ser desacreditados ou diminuídos em seus pronunciamentos. Ainda que a web esteja inegavelmente distante da democratização social e liberdade de expressão (RUDIGER, 2016), pode-se considerar que há uma abertura, ainda que cerceada pelas barreiras econômicas, de pronunciamentos e reflexões não hegemônicas. Portanto, as táticas argumentativas de autoridade são artifícios recorridos com frequência também no ambiente das redes sociais digitais, em que os indivíduos recorrem à oficialização, ao pronunciamento institucional ou ao discurso citado de vozes credíveis para sustentar seus enunciados.

Destarte, os argumentos de autoridade, como denominados por Fiorin (2016), podem se valer da premissa de que o autor da enunciação ou do enunciado tem credibilidade, conhecimento, valência sobre o que se pronuncia, digno de irrefutabilidade. Para dar crédito ao enunciador originário ou atribuir-lhe responsabilidade, é possível que o locutor destaque ou parafraseie um ato ou enunciado, o locutor insere preposições que não são necessariamente suas, mostrando as asserções e evocando outro enunciador. Por exemplo, quando um veículo jornalístico noticia casos de aumento da violência, inserindo falas estatísticas de órgãos oficiais, como a Secretaria de Segurança Pública, fazendo com que haja uma validação argumentativa de autoridade para o que é reportado. Ou seja, o argumento de autoridade se utiliza da confiabilidade de quem enuncia para fazer crer na veracidade da locução, admitindo que há uma instância, seja pessoa ou instituição, capaz de manifestar enunciados validos de credibilidade, confiabilidade e prestígio, que se vale de “atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese” concebendo também argumentos de prestígio (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 348).

Perelman e Oldebrechts-Tyteca (1996) definem o ato de argumentar como aquele estrito ao sentido de convencer, fazer com que quem recebe o argumento admita-o em sua totalidade. Nesse sentido, a argumentação por autoridade possibilita que haja um deslocamento ditatorial ou impositivo, fazendo com que a retomada enunciativa de outros falantes ateste a veracidade da informação, sem soar um discurso unívoco ou intransigente. Ainda para o autor, a autoridade se debruça em uma avaliação comportamental ou situacional, recorrendo ao que se sabe sobre o locutor para asseverar o que foi dito, logo que “utiliza [-se] os atos ou

juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova em favor de uma tese” (KOCH, 2011, p. 143). Bastante empregada como meio argumentativo, essa estratégia de autoridade insere o interlocutor numa situação complexa de negação ou refutação, já que o argumento reforça um enunciado advindo de fontes confiáveis. Assim, o interlocutor é colocado em uma posição delicada contra argumentação, não lhe cabendo deslegitimar o locutor, apenas desmontar o argumento ou descredibilizar o enunciador.

Se instituições e centros de pesquisa detêm a característica de verdade, como no domínio científico através de metodologias, o contexto sócio-histórico também formula e institucionaliza outras formas de manutenção do crível através de senso comum, cultura, tradição ou construção histórica. Essas instituições de autoridade podem se expressar em âmbito local – determinadas culturas ou regiões –, bem como permear a sociedade global – como sistemas políticos e regimentares. É necessário compreender o funcionamento ou, ao menos, esboçar as características que articulam o funcionamento social para que, na análise que se desenvolverá no capítulo 5, as manifestações argumentativas encontradas nos enunciados do Facebook possam ser devidamente compreendidas. Pois, avaliando a sociedade em seu constructo sócio patriarcal, também pode-se estabelecer a dominância masculina como uma entidade de autoridade, logo que se identifica a atribuição de valores ao domínio do homem, em que as elucidações e manutenções de controle e domínio se dão também através da linguagem.

Enfatizando constantemente o papel social da linguagem, em que

o homem usa a língua porque vive em comunidades, nas quais tem necessidade de comunicar-se com seus semelhantes, de estabelecer com eles relações dos mais variados tipos, obter deles reações ou comportamentos, de atuar sobre eles das mais diversas maneiras (KOCH, 2011, p. 15)

é necessário traçar e pontuar essa correlação, entrelaçamento das instituições que se formam e estabelecem hierarquizações nas comunidades e sociedade, com os discursos como forma de regular, manter sistemas, emitir relações de poder (GNERRE, 1994). Dessa maneira, assume-se um paralelo dominante entre a estrutura social patriarcal com o emprego, reprodução, manutenção e reflexo das instâncias de dominação e opressão da mulher por meio, também, da linguagem. Nesse sentido, pode-se estabelecer genericamente uma utilização de outras vozes, falas e entidades — institucionais ou pessoais — atreladas, vinculadas e articuladas

às enunciações individuais nas redes sociais digitais como forma de validar o que se expressa. Ou, como apontam Perelman e Oldebrechts-Tyteca (1996), persuadir o auditório baseado nos prévios conhecimentos sobre ele. Assim, se o interlocutor é inclinado a aceitar argumentos baseados em estatísticas ou reportados pela mídia, por exemplo, atrelar notícias, dados e falas institucionais faz com que aquilo que é pronunciado seja mais facilmente acatado.

Aprofundando nas relações dialógicas, enquanto os enunciados e enunciações femininas são desvalorizadas ou minimizadas, há enraizado no condicionamento social, a predominância da enunciação masculina (BOURDIEU, 2002). Conseqüentemente, há o reforço histórico-social das acomodações atribuídas aos sexos feminino e masculino pelas falas e discursos produzidos e reproduzidos diariamente. Bourdieu (2002) aponta, nesse sentido, que a sociedade experimenta um controle sexista em que a virilidade do gênero é sobreposta aos sujeitos que são, incondicionalmente, confinados e delineados pelos papéis binários de homem e mulher. Assim, é cabível constatar e entremear a confiabilidade ou veracidade atribuída ao enunciado através da noção preestabelecida de dominância masculina que, apesar de ser regida pelas vias de desigualdade, pode gerar a mesma aquiescência ao ser recebida pelo público. Para isso, insere-se na fala, postagem ou manifestação argumentativa corriqueira a autoridade do homem para asseverar a informação, em que a enunciativa retoma ao enunciado ou à enunciação masculina, conferindo uma instância de poder e credibilidade.

Ressalta-se, ainda, a emergente manifestação da mulher contra argumentando e refutando o *status quo* através de organizações enunciativas opositivas ou transgressivas¹⁹ constituindo, portanto, um processo de convencimento. Correlacionando a polifonia ao contexto enunciativo social, em que a referida ordem masculina pauta os comportamentos supostamente corretos e aceitáveis, a transgressão apresentada na fala feminina coloca em funcionamento a quebra desse sistema comunicacional e opera como forma de resistência e elevação da mulher no mundo discursivo e empírico. Essa noção se sustenta nos apontamentos de Hall (2006) de que grupos sociais produzem e reproduzem sistemas que formulam a cultura, afirmando-a ou refutando-a. Como exemplo, “apesar de um homem achar que mulheres devam se comportar de maneira amena

¹⁹ Empresta-se o termo empregado por Ducrot (1987), em que transgressão argumentativa refere-se ao encadeamento não esperado pela primeira preposição.

e submissa, eu continuo legítima e reconhecidamente mulher enquanto me comporto de forma agressiva ou não feminilizada”. Ou seja, a locutora usa de uma enunciação para reafirmar-se em sua identidade apesar de infringir a fala do homem.

Para Perelman e Oldebrechts-Tyteca (2011, p. 15) “as relações sociais [...] são positivas quando estabelecidas à base de acordos, de consentimento, de colaboração. São negativas quando se têm por elemento constitutivo o antagonismo, a luta, a concorrência”. Ainda que o autor postule uma visão bastante idealista do funcionamento social, em que a garantia de bem-estar social se dê através do diálogo e da diplomacia, faz-se preciso ressaltar que uma sociedade só pode dialogar e argumentar quando é formada por grupos sociais plurais, diversos, divergentes. Ou seja, se a composição ideológica for um consenso, não há evolução de diálogos e, dificilmente, ocorrerão mudanças. Assim, atribui-se uma certa utopia à noção de que haveria progresso ou mudança social sem confronto e resistência. Portanto, ainda que fruto da luta, das transgressões ou da barbárie, o conflito é, por vezes, a abertura para o diálogo ou consequência dele. Mas, para que se desdobre uma argumentação e apontamentos benéficos, a relação entre orador e auditório deve favorecer o debate, havendo um acordo prévio, ou seja, uma aceitação da temática, logo que não é possível ensejar um debate ou diálogo em que os interlocutores argumentam sobre assuntos diferentes, como sugere Perelman e Olbrechts-Tyteca em relação ao auditório (1996).

Especificamente no objeto #MeuAmigoSecreto, as redes sociais digitais se compõem, majoritariamente, com conexões entre usuários que se conhecem ou possuem laços sociais no mundo *offline* ou apenas *online*, mas que, em geral, compartilham interesses e pontos em comum. Havendo essa multiplicação de vertentes e pontos de vista, ainda que sobre um mesmo assunto, há um cenário exemplar para desenvolver debates críticos e enriquecedores. A possibilidade de buscar rapidamente novas fontes de informação, checar fatos e hiperlinkar múltiplas fontes, proporciona que os argumentos se delineiem e fomentem uma exposição argumentativa muito mais ampla e plural. Nesse sentido, o tema comum, que poderia ser um critério de exclusão ou supressão de opiniões heterogêneas em grupos sociais, não se torna barreira ou impedimento para lançar luz a novas perspectivas, mas sim configura-se como um campo articulativo propício para proferir e refletir sobre as questões levantadas. Nesse aspecto, podem-se indicar

debates feministas que ocorrem no Facebook e acatam posicionamentos distintos de mulheres feministas. Por exemplo, quando há confronto das vertentes do feminismo, a utilização de dados oficiais sendo aplicados às teorias, em que a complementação informativa ocorre de forma simultânea através da argumentação e exposição de diversos pontos de vista que podem corroborar ou refutar argumentos.

SÍNTESE DO CAPÍTULO 2

Neste capítulo, discorre-se sobre as noções de argumentação pertencentes às enunciações, por meio de uma breve apresentação das teorias e conceitos referentes à enunciação.

A partir das definições apresentadas e do caminho descrito, sobretudo no aspecto retórico da argumentação, é possível compreender as *hashtags*, assim como todos os demais enunciados manifestados, como produções linguísticas que têm o intuito de convencimento e cooptação dos demais interlocutores. Assim, as mobilizações lexicais e semânticas não podem ser consideradas sumariamente despreziosas, logo que há uma troca constante entre público e enunciador que, a priori, tende a promover a interação.

As formas de argumentar, portanto, podem se apresentar de diversas maneiras em que o enunciador recorre às diversas táticas para efetivar o compartilhamento informacional ou construção de sentido, recorrendo, inclusive às possibilidades ofertadas pelas plataformas digitais, como as *hashtags*. Nesse sentido, o enunciador se vale do espaço das redes sociais digitais, junto com sua vivência e conhecimento quanto ao público interlocutor, para apropriar, modelar e legitimar as linguagens a fim de conduzi-lo à compreensão sobre aspectos de violência, machismo, denúncia ou ocorrências na sociedade.

Portanto, com base na noção de argumentação intrínseca aos enunciados, segue-se à descrição das categorias argumentativas que serão utilizadas, no capítulo 5, para a análise das *hashtags*.

CAPÍTULO 3: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E AS CATEGORIAS ARGUMENTATIVAS

Sabendo que a “linguagem natural tem sua própria lógica” (FIORIN, 2016, p. 87) impossibilitando que sejam sempre aplicáveis as leis da Lógica, é necessário aprofundar outras táticas de argumentação que não as pautadas puramente no raciocínio e na razão. Para desenvolver, posteriormente, a análise dos enunciados da #MeuAmigoSecreto, faz-se aqui uma explanação sobre os aspectos linguísticos que serão observados na análise, bem como a seleção das categorias que conferem melhores definições de enquadramento argumentativo. Para que a tabulação e categorização sejam eficazes e proporcionem uma adequada análise de dados, partiu-se das concepções, sobretudo, de Castilho, Koch e Fiorin (2016) para dar base à compreensão sobre morfossintaxe, enquanto na esfera da argumentação são as categorias de Fiorin (2016) as empregadas para este trabalho. Destaca-se que não se pretende esgotar ou aprofundar todas as táticas argumentativas definidas pelo autor, mas sim aquelas que melhor atendam às necessidades enunciativas da *hashtag* #MeuAmigoSecreto.

3.1 Os suportes sintáticos que compõem a argumentação

Para que uma mensagem seja devidamente compreendida e efetive seu papel comunicativo, há pontos sintáticos fundamentais. Ressalta-se que, como discorrido no capítulo 1, o ambiente web promove mudanças nas formas de constituir a linguagem, bem como no comportamento dos interlocutores — seja por meio da inserção de *emojis* ou pela noção de não haver mais barreiras geográficas (XAVIER, 2013). Portanto, os recursos disponíveis para que o usuário se faça entender, às vezes, podem ser limitados ou atravessados por diversos tipos de diferenças, como as regionais e sociais — em que uma mesma palavra pode carregar múltiplos referentes.

Nesse sentido, sabendo que majoritariamente são empregadas táticas textuais para compor o enunciado vinculado à #MeuAmigoSecreto, faz-se necessário que as regras sintáticas e ortográficas sejam, ao menos, parcialmente cumpridas, pois é preciso que os interlocutores sejam capazes de decifrar e atribuir sentido ao enunciado. Porém, ressalta-se que nem todos os desvios — sejam na

concordância ou na escrita, por exemplo —, produzem equívocos ou incertezas quanto ao objetivo da enunciadora, como é o caso do “#MeuAmigoSecreto não me agride, mais me xinga”, em que a grafia incorreta do “mas” não torna indecifrável o sentido ou significado pretendido.

Sabendo que a enunciação é um ato único e irrepitível, é por meio da análise dos enunciados que se podem compreender as conduções promovidas pelo ato. Assim, cabe a esta análise se ater às observações dos recursos linguísticos, do sentido em relação ao aqui-agora e do sujeito que enuncia, sendo esta a justificativa para o aprofundamento dos aspectos gramaticais presentes neste capítulo e que serão posteriormente aplicadas nas análises da organização dos enunciados, que são ordenadas a partir dos parâmetros gramaticais da língua do falante..

Para Perini (2005), a língua, em seu aspecto sintático, é composta de hierarquias, ou seja, elementos que possuem outros elementos (p. 68), que dispostos na enunciação se relacionam uns com os outros. Portanto, a definição dos aspectos e propriedades gramaticais surge, neste momento, como uma base para a compreensão e solidificação posterior das análises, logo que a língua é apropriada e alterada de acordo com uma complexa rede de atravessamentos, delimitações e intenções dos falantes, que utilizam os espaços e artefatos disponíveis da maneira mais condizente com suas pretensões argumentativas já descritas nos capítulos 2 e 3 (FIORIN, 2016). Ou seja, diante de uma série de elementos lexicais, possibilidades linguísticas e formas de conectar argumentos, é fundamental observar como as enunciantoras mobilizam a linguagem, concebendo essas escolhas como as mais funcionais ou adequadas às pretensões da enunciação.

Também se ressalta que não é o intuito do presente trabalho aprofundar as categorias gramaticais, mas apenas delinear uma definição condizente ao seu uso no ambiente web, destacando os conceitos e propriedades que, a priori, mais se evidenciam na rede social Facebook, ficando delimitadas à apresentação e definição de classes e funções gramaticais. Sabendo que as análises morfológicas centralizam os elementos isoladamente, atribuindo-lhes a uma das 10 classes gramaticais estipuladas pela gramática normativa — a saber: substantivos, artigos, pronomes, verbos, adjetivos, conjunções, interjeições, preposições, advérbios e numerais —, a análise sintática compreende esses mesmo elementos considerando sua ligação e funcionamento dentro da oração, pois podem direcionar a

compreensão, dando significados e cumprindo os objetivos argumentativos de acordo com as escolhas do falante.

Retomando o objetivo deste trabalho, de analisar o comportamento organizacional dos enunciados vinculados à *hashtag* #MeuAmigoSecreto e sua ação argumentativa, é preciso evidenciar os aspectos morfossintáticos como microestruturas em uma relação de interdependência à construção de sentido e, portanto, de argumentação. Portanto, alguns elementos são priorizados neste subcapítulo, a fim de não estender ou prolongar as definições morfossintáticas, em que os elementos nucleados de uma oração são, então, brevemente definidos, construindo uma compreensão de sua importância e relevância no encaminhamento da compreensão dos interlocutores.

Para Castilho (2010), a questão do sujeito apresenta certa flexibilidade em sua conceituação, que pode permear as esferas sintáticas, semânticas ou discursivas, enquanto os aspectos sintáticos englobam a expressão através de um sintagma nominal, geralmente precedendo um verbo e determinando a sua concordância e podendo ser elidido (2010, p. 289). Portanto, no que tange à gramática do português brasileiro, o sujeito pode ser preenchido por classes gramaticais distintas ou, ainda, estar oculto no enunciado. Como em “Ela foi assediada”, “Eu fui assediada”, “Fui assediada”, em que o sujeito corresponde a Ela, Eu e um sujeito oculto, respectivamente, demonstrando a capacidade de a categoria ser ocupada nas classes gramaticais diferentes.

Na esfera semântica, o sujeito é, em geral, vinculado à propriedade agentiva, ou seja, o responsável pela ação do verbo. Por exemplo, em “O #MeuAmigoSecreto agride a mulher”, percebe-se que o sujeito “#MeuAmigoSecreto” é responsável pela ação de agredir, auxiliando na condução de sentido. No entanto, a referencialidade nem sempre é verdadeira ou facilmente interpretada sem a ambiguidade, como em “#MeuAmigoSecreto me faz cortar o cabelo”, em que apenas o contexto ou mais informações podem determinar se o cabelo é cortado pela própria enunciativa ou por outra pessoa.

Como aponta Castilho (2010), a relação entre sujeitos e verbos é intrínseca, logo que, em aspectos gramaticais, a alteração numérica do sujeito — do singular para o plural — deve alterar também o verbo. Por exemplo, “o homem acha que mulher precisa ser delicada”, quando alterada numericamente, passaria a ser “os homens acham que mulher precisa ser delicada”, em que há “uma espécie de

harmonia formal entre o verbo e o constituinte” (p. 76). Assim, devido à correlação e interdependência dos agentes sintáticos, é preciso compreender a noção de verbo.

Para o autor, morfologicamente, o verbo é uma classe que dispõe de um radical e de morfemas flexionais sufixais específicos e, sintaticamente, defini-se como uma palavra que articula, projeta, encaminha seus argumentos. Para uma definição semântica, emprega-se que verbo compreende palavras que manifestam ou exprimem ação ou o estado das coisas, conferindo a capacidade de atualizar ou localizar fatos, pessoas e aspectos.

Os verbos, portanto, vinculam e articulam o encaminhamento interpretativo desejado. Sabendo que os enunciados vinculados à *hashtag* se comportam, em geral, como denúncias, o elemento carrega o núcleo do enunciado, esboçando o aspecto violento e impróprio da ação, como em “#MeuAmigoSecreto já agrediu a esposa”.

No entanto, percebe-se que nem todas as palavras atribuídas à categoria de verbos se comportam homogeneamente, pois inferem uma ação emocional ou psicológica, que age de modo distinto na relação causar/promover uma mudança de estado, sendo denominados verbos psicológicos. Segundo Cançado (1996), os verbos psicológicos são aqueles que apontam para um estado mental ou emocional, tendo, obrigatoriamente, o papel temático²⁰ atribuído ao experienciado que se localiza na posição de sujeito ou objeto. Como exemplo:

(1) *"#MeuAmigoSecreto tem medo de ser denunciado"*

(2) *"A denúncia assusta o #MeuAmigoSecreto"*.

Observa-se que na primeira sentença (1), o sujeito #MeuAmigoSecreto é o experienciador, já na segunda (2), ele se comporta como objeto/receptor da ação. Mas, em ambas, o papel temático é o estado emocional de medo ou temor. Considerando os aspectos de produção de sentido, as sentenças podem causar efeitos distintos, ainda que possuam a mesma temática, fazendo com que, segundo Cançado (1996), ocorra uma interpretação semântica em que, em 1, o sujeito tem maior responsabilidade pelos sentimentos que o afetam, enquanto em 2 há maior

²⁰ Admite-se a conceituação de Cançado (1996) sobre papéis temáticos, que compreende uma lista de traços acarretados pela relação semântica entre verbos e sujeitos ou que apenas mantêm alguma compatibilidade com essa relação.

atribuição de causalidade — e, portanto, deslocamento da centralidade ou responsabilidade do sujeito.

Os adjetivos e advérbios possuem, na condução argumentativa, comportamentos aproximados, pois são formas de atribuir propriedades, modalizar os sentidos, exprimir circunstâncias referenciais, como o espaço, o tempo, intensidade e o lugar. Sabendo que a disposição desses elementos é variada — por exemplo, há advérbios que se ligam a adjetivos ou outros advérbios —, reforça-se que as escolhas lexicais imprimem uma rede complexa de função sintático-semântica e, portanto, interferem amplamente na constituição dos sentidos atribuídos nas enunciações, no direcionamento da compreensão e, conseqüentemente, da argumentação.

Os artigos merecem atenção sobretudo por auxiliarem na designação de número, de gênero, mas também por tecer uma condução interpretativa, individualizando ou estendendo a ação ou comportamento relatado nos enunciados. Artigo são separados em definidos (a, as, o, os, à, às) ou indefinidos (um, uns, uma, umas). Em geral, os artigos definidos desempenham um papel de desinência de gênero bastante relevante à temática, logo que, quando empregados, auxiliam na marcação e distinção entre homens e mulheres.

Mas, faz-se um adendo, as relações gramaticais elucidadas até o momento permeiam as esferas da morfossintaxe Há, nesse ponto, concordâncias formais que podem ou não ser respeitadas pelos falantes, mas que não necessariamente implicam em dificuldades em encaminhar o interlocutor ao sentido pretendido. Ou seja, a flexão numérica dos verbos ou a concordância entre sujeito e gênero do adjetivo não resulta, a priori, na inibição ou ineficiência enunciativa, porém, como aponta Cançado (2005), a composição morfossintática não pode ser desatrelada da esfera semântica, que, por sua vez, desempenha um papel latente na constituição de sentido.

Para o presente trabalho, então, assume-se que os aspectos gramaticais desempenham um papel fundamental na compreensão da organização argumentativa das usuárias, em que a análise partirá da observação e quantificação dos elementos gramaticais dos dados, dando suporte às análises e ligações dos argumentos. Nesse sentido, como aponta Cançado (2005), analisar um todo ou um fragmento comunicacional deve englobar os aspectos semântico e sintático, pois eles tecem concomitantes o encaminhamento compreensivo e atributivo de sentido.

Desta maneira, além das elucidações argumentativas, que se inserem com preponderância na esfera semântica, faz-se necessário lançar olhares atentos às escolhas morfossintáticas das enunciantoras, levantando questões também sobre a interação entre sintaxe e semântica. Para Cançado (2005), há uma relação entre o intuito argumentativo e as propriedades sintáticas mobilizadas e preferidas pelos enunciadores, em que a “construção da sentença só pode ter a direção da estrutura semântica para a sintaxe” (2005, p. 28).

Sabendo que a estrutura ou organização da *hashtag* em análise é replicada, ou seja, não se restringe à uma única postagem ou a uma usuária, pode-se pensar em questões de estrutura composicional, que tratam dos modos que os elementos compõem e se distribuem pelo enunciado. Ou seja, pode-se pensar, agora no aspecto morfossintático, nas maneiras como as escolhas dos elementos linguísticos acarretam em formulações aos leitores. Nesse aspecto, Cançado (2005) desenvolve um critério reformulado sobre a interação dos níveis linguísticos, chamando-as de regras de projeção. Para a autora, portanto, há uma tendência das línguas assumirem determinados comportamentos perante o intuito argumentativo. Nesse aspecto, a autora evidencia a ação semântica, em que todo o enredo articulativo interfere na constituição temática do enunciado.

Retomando o objeto em análise #MeuAmigoSecreto, investigar as mobilizações argumentativas recai na quase obrigatoriedade de traçar um panorama voltado aos agentes linguísticos presentes ou não nos enunciados, por meio da elucidação dos aspectos sobre entidades agentivas e seus impactos na estruturação enunciativa. Considerando, então, que o presente trabalho visa analisar os aspectos linguísticos dos enunciados numa perspectiva de construção de sentido, é essencial reforçar que a mobilização da língua se faz na esfera da emissão argumentativa. Ou seja, é preciso que os enunciados sejam admitidos pelos interlocutores como adequados e pertencentes à campanha. Pois, ainda que a *hashtag* catalogue, no aspecto técnico e automático, o enunciado na mesma categoria das demais publicações, o texto não pode se desprender do contexto, da interação social e da admissão de pertencimento pelos demais interlocutores.

Após a coleta e quantificação de ocorrências pela *LinguaKit*, foram observados com mais atenção o comportamento dos elementos gramaticais que se destacam também devido à necessidade em recortar e delimitar os aspectos a

serem observados, fazendo com que seja viável uma observação consistente da amostra.

Para a análise, ressalta-se, ainda, que os estudos e categorizações sobre a argumentação são amplos e distintos, por tal motivo, é necessário um resgate teórico mais pertinente aos objetivos, problemas e limitações desta pesquisa em particular. Assim, não se estipula a mais válida, verdadeira ou correta distinção conceitual, apenas configura uma escolha teórica e metodológica que atende às necessidades e abordagens de argumentação semântica pretendidas.

Para tanto, utilizando as divisões sugeridas por Fiorin (2016), estabelece-se que a análise será guiada pelas categorias e subcategorias que estão sistematizadas na tabela 1, sendo explicadas suas caracterizações a seguir.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA
Quase lógicos	Princípio de identidade; princípio da não contradição; princípio do terceiro excluído.
Fundamentados na estrutura da realidade	Implicação e concessão; causalidade; causas necessárias e suficientes; fatos; relação de sucessão; coexistência.
Fundamentam a estrutura do real	Indutivos; Argumentum a simili.
Dissociação de noções	Essência e Aparência; distinção.
Outras táticas argumentativas	Recurso aos valores; distorção do ponto de vista do adversário; do Excesso; apelam para o Páthos.

TABELA 1 — CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE ARGUMENTAÇÃO
 FONTE: A AUTORA

Assim, diante da tabela 1, aponta-se que serão descritas e aprofundadas as 5 categorias maiores e que, dentro de cada uma, há ao menos 1 categoria menor ou subcategoria, a fim de facilitar e sistematizar as análises posteriores.

3.2 Argumentação Quase lógica

Como já abordado, os argumentos quase lógicos são recorrentes no cotidiano, em diversas esferas de interação para apontar segmentos plausíveis e

possíveis, porém não debruçados na lógica (FIORIN, 2016). Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), esses mantêm uma relação bastante próxima das inferências da lógica formal e, com recorrência, podem ser confundidos com elas. Devido à proximidade ao convencimento quase matemático, intui-se que os argumentos quase lógicos compõem uma maneira objetiva de tecer o convencimento em espaço e tempo reduzidos. A dinamicidade do ambiente digital e a relativa limitação de recursos vinculados à *hashtag* necessitam que os enunciados apresentem organizações facilmente compreensíveis e de rápida aceitação. No que se refere à noção objetiva do argumento, em meio a um debate *online*, quanto menores as aberturas retóricas, menores os fatores de refutação do enunciador.

Fiorin (2016) sugere que a categoria quase lógica é recorrida com frequência e, retomando a noção de ambiente web toma para si algumas das características habituais antecedentes e estima-se que haverá também constância em sua utilização nas redes sociais digitais. Para tanto, visando inserir o leitor dentro da abordagem temática, os tipo argumentativos mais condizentes com o comportamento do enunciados emitidos no Facebook, sobretudo os relacionados à #MeuAmigoSecreto, serão abordados e apresentados visando a tecitura que acomodará a análise dos dados. Ou seja, não se pretende esgotar todas as categorias e tipos argumentativos de Fiorin (2016), mas trazê-los de modo pertinente ao corpus que se seguirá no capítulo de análise.

1) Fundados no princípio de identidade

Argumentos fundados no princípio da identidade assumem a decorrência de que “sujeito e predicado remetem ao mesmo referente” (FIORIN, 2016, p. 117). Ou seja, há uma essência na argumentação que é atribuída de uma caracterização, uma identidade, ou tomada como tal, atuando como um espectro de reconhecimento entre o que – ou quem – se manifesta e a quê – ou quem – se destina. Fiorin (2016) ainda apresenta uma subcategorização dentro dos princípios de identidade, sendo ela a:

Tautologia – *A priori*, as tautologias trabalham com um jogo de repetição de terminologias, sem acrescentar informações a quem recebe o enunciado. Porém, destaca Fiorin (2016), na argumentação, a segunda enunciação do referente assume um sentido distinto do primeiro. Como no caso de “[A] homens são sempre

[B] homens”, em que [A] se refere ao referente sujeito, ser humano do sexo masculino, genérico ou específico. Já [B] assume o sentido de sujeitos do sexo masculino que reproduzem comportamentos designados em alguma instância sociocultural aos homens.

Definição – Não havendo uma maneira irrevogável, única, universal de definir alguma coisa ou alguém, as definições confluem numa dinâmica de convencimento através do relato, descrição, observação, podendo gerar conflitos e divergências quanto à perspectiva adotada. Neste aspecto, definir é reproduzir um referente através de uma tenra rede de escolhas, exclusões, subjetividades, interpretações e personalidades. Por exemplo, pode-se argumentar por meio da definição quando se mobiliza as características do sexo masculino, essencialmente negativas ou nocivas, para explicar a violência. Como em "ele a agrediu, pois homens possuem mais força física, são mais agressivos".

Comparação – A comparação é uma tática argumentativa em que se observa, relata e define determinado referente em contraposição a outro. Há uma busca de assimilar, equivaler ou distinguir dois ou mais referentes. Como em casos em que a mulher é agredida devido ao seu comportamento ou modos de se vestir. Inicialmente, tem-se um problema na concepção social que valida a violência contra prostitutas e trabalhadoras do sexo. Posteriormente, essa premissa é utilizada para comparar outras mulheres a partir de suas roupas ou comportamentos, conduzindo à lógica de que se parece com uma prostituta, merece ser agredida.

Reciprocidade – O argumento pautado na reciprocidade se delinea na ideia de que há, entre os sujeitos, uma equiparidade, uma simetria, em uma atribuição mútua de identidade, exigindo que o interlocutor coloque-se no lugar de que enuncia, exaltando para a aceção terminológica de que uma ação recai igualmente sobre os sujeitos. Pode-se exemplificar por meio da reivindicação das mulheres por equidade profissional, por apontamento que, como trabalhadora que exerce as mesmas funções dos demais trabalhadores, merece ser respeitada e valorizada igualmente.

Transitividade – Partindo na noção de reciprocidade, a subcategoria comporta-se como uma aplicação matemática de condição necessária. Ainda que o argumento, em enunciação, seja apenas provável e não irrefutável, a condição expressa é a de que A é igual a B e B equivale a C, então, A será igual C.

Pode-se apontar como exemplo os casos em que dois homens apresentam um comportamento violento e agressivo, e ambos participam de um círculo social que é condescendente e permissivo com as ações. Pode-se estender as atitudes ao restante dos homens também, pois para ser complacente com a violência é preciso, ao menos, ser indiferente à ela, configurando um ato de violência.

Inclusão e divisão – Utiliza-se a noção de que o todo é composto por partes, logo, as características do todo são, também, as características inclusas nas partes. Na argumentação, pode-se percorrer dois caminhos de atribuição, em que as propriedades das partes permanecem no todo ou que as propriedades do todo, quando fragmentado ou dividido, permanecem em cada parte.

Por exemplo, quando se diz que todos os homens são potenciais assediadores está empregando ao todo as características comportamentais da parte dos homens. Não há uma adjetivação unitária, mas uma generalização. No processo inverso, tem-se que, se a mulher assume que todos os homens são violentos, mesmo que um deles aparente não ser, ele manterá a característica, pois é parte do todo.

Argumento a pari – Refere-se às situações, sujeitos ou fatos comparados como homogêneos e, portanto, carecidos da mesma resolução ou implicação. Assim, desconsideram-se diferenças, propriedades ou fatores contextuais, assumindo a semelhança como operadora fundante.

Nesse caso, pode-se considerar, por exemplo, um casal que termina uma relação devido à traição. Pode-se argumentar que, caso reatem o relacionamento, a traição se repetirá, pois o contexto e a pessoa são as mesmas da primeira traição.

Argumentum a contrario – opondo-se à noção do *Argumentum a pari*, agora as diferenças são determinantes para distinguir as consequências. Assim, situações e identidades opostas devem indicar outro encaminhamento. Ou seja, se uma mulher é agredida por se vestir com roupas justas, intui-se que ela estará mais segura se vestir roupas largas.

Argumento dos inseparáveis – Se estabelece uma relação indissociável entre as premissas, em que necessariamente deve haver uma situação para que a outra ocorra. Como exemplo, só há a possibilidade de morrer se, antes disso, o sujeito estiver vivo. Logo, estar vivo é imprescindível e inegável para quem irá morrer.

2) Fundados no princípio da não contradição

Se pauta na não possibilidade de alguma coisa ser e não ser ao mesmo tempo ou atuar em um sistema que proíba algo e, ainda assim, executar essa ação, ferindo o funcionamento lógico. Também são distinguidos em princípio da não contradição e incompatibilidade, consecutivamente, por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Por exemplo, não é possível ser machista e lutar pelos direitos das mulheres.

Argumento probabilístico – Baseia-se numa correlação entre informações quantitativas e qualitativas, envolvendo as proposições com mensuração social e atribuição da maioria. Os argumentos são embasados, atribuídos ou delineados a partir de estatísticas sobre violência, por exemplo. “É preciso investir em educação e políticas de proteção à mulher porque os dados indicam que o feminicídio aumentou”.

3) Fundados no princípio do terceiro excluído

Apresenta-se, nesta subcategoria, uma possibilidade verdadeira e outra falsa, cabendo à situação ser apenas uma ou outra. Não há, portanto, um meio termo ou graduação de aceitação, eliminando uma terceira classificação. Por exemplo, quando se diz “os homens respeitam as mulheres ou não”, assim, não há um meio termo ou um modo de respeitar parcialmente.

Síntese dos argumentos quase-lógicos

Na categoria argumentativa quase-lógica, o enunciador se vale de uma linearidade, um jogo de encadeamentos de fatos ou raciocínios que conduz, gradualmente, o interlocutor à conclusão. Em geral, há uma atribuição identitária ou característica aos fatos ou situações, em que se precisa elencar, vincular ou distingui-las entre si, para que o público consiga estabelecer uma relação entre os fatores, chegando a uma conclusão ou interpretação mediada pela lógica.

3.3 Fundamentados na estrutura da realidade

São argumentos que não se desprendem do real, mantendo um elo profundo com as relações que estabelecem no mundo empírico, no funcionamento social, na

vida individual (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996). Inclusive, as experiências e vivências podem pautar um princípio argumentativo desta categoria, tornando-a bastante maleável e aplicável aos acontecimentos. Fiorin (2016, p. 159) aponta que há “até uma formulação latina para este princípio: *post hoc, ergo propter hoc* (depois disso; portanto, por causa disso)”, apontando sua aparição em crenças, senso comum e superstição.

Implicação e concessão

Retomando as relações causais entre as premissas, ponto fundamental dos argumentos designados à estrutura do real, difere-se que a implicação permeia a esfera do possível, tratando-se de regularidades e constâncias, em que “*a, então b*”, e a esfera do concessivo, em que se quebra a linearidade, a expectativa, rompendo o habitual, em que “*a, embora b*” (FIORIN, 2016, p. 149).

Causalidade

Apresentar ou relatar as causas de uma situação é uma tática argumentativa bastante recorrente, pois se supõe e leva a crer no encadeamento dos fatos. Assim, uma ação induz ou proporciona a ocorrência da outra. Ainda que um mesmo ato ou acontecimento possa resultar em diferentes consequências, cabe ao enunciador elencar aquelas que conferem as melhores elucidações ao argumento.

Causas necessárias e suficientes

Há uma condição primeira para que algo possa ocorrer, sendo uma causa necessária para dar-se determinada ação, proporcionada pelo antecedente. Ou seja, uma condição necessária se dá por condicional irrevogável, por exemplo, ser pernambucano é, necessariamente, ser brasileiro (FIORIN, 2016, p. 156). Já no que se refere às causas suficientes emprega que o fato ou consequência atende a determinada característica, porém não implica na obrigatoriedade de ocorrer.

Fatos

Ainda que passíveis de interpretação, os fatos são narrativas e descrições que conferem uma tática argumentativa bastante forte. Mesmo quando utilizados de maneira articulativa, visando conferir veracidade a pontos de vista, essa categoria utiliza-se, muitas vezes, de apelos emotivos e subjetivos para endossar a

persuasão, como no caso de relatos sobre violência ou tortura, em que a própria descrição ou narrativa remete à comoção (FIORIN, 2016, p. 161).

Relação de sucessão

Os argumentos fundados nas relações de Sucessão estabelecem uma relação intrínseca com a noção histórica e temporal. Atentam para os resultados já obtidos, as consequências que podem se desencadear, bem como a interdependência das ações anteriormente realizadas e as ainda objetivadas.

Argumento do desperdício – A argumentação leva em consideração o percurso realizado, as ações tomadas e os resultados obtidos. Nesse sentido, visa-se não perder ou desperdiçar os esforços já empregados.

Argumento da ultrapassagem – Permeando a noção de progresso e superação, essa tática argumentativa estipula-se nas metas e conquistas. A partir do que já foi conquistado ou realizado, objetiva-se a constante superação ou progressão.

Coexistência

Desapregoados das preposições e articulações argumentativas, a tática de coexistência apela à relação de um atributo com a essência ou de uma ocorrência com um sujeito, podendo subdividir-se em:

Argumentum ad hominen – Atentam para a qualificação dos sujeitos apontados no enunciado, sendo um argumento dirigido à pessoa e não ao ato ou ocorrência. Podendo conferir um ataque ou direcionamento pessoal direto – apresentando qualidades negativas ou pejorativas ao sujeito –, pessoal indireto – levanta-se a credibilidade ou imparcialidade do oponente –, e apontamento de contradições das ações e falas da pessoa que é desqualificada – denunciando contradições entre as falas e as ações dos sujeitos.

Argumentum tu quoque – Essa categoria se debruça na desqualificação do argumento considerando a inconsistência das ações e práticas do sujeito. A incoerência, hipocrisia ou incompatibilidade na relação sujeito-ação sustentam a argumentação, por exemplo, desqualifica-se o sujeito que prega a preservação da natureza, porém não separa o lixo.

Argumentum a fortiori – se estabelecem ordens de grandeza, em que se admitem argumentos baseados na lógica do maior para o menor e vice-versa, bem como do mais forte para o mais fraco e vice-versa. Nesse sentido, se um homem é capaz de levantar uma mesa, conseqüentemente, levantará uma cadeira. Também se assume a máxima “quem pode o mais pode o menos” (FIORIN, 2016, p. 182).

Síntese dos argumentos fundamentados na estrutura da realidade

Os argumentos fundamentados na estrutura da realidade, em síntese, estabelecem um paralelo com as condutas sociais. Nesse sentido, é a partir do funcionamento do real que se apresentam as ações esperadas, sendo necessário que os interlocutores apresentem conhecimentos sobre as relações de interdependência das ações-reações ou ações-consequências.

3.4 Argumentos que fundamentam a estrutura do real

Os Argumentos que fundamentam a estrutura do real são aqueles que usam dos fatos e ocorrências precedentes para implicar o valor argumentativo à sentença, admitindo que regras gerais ou modelos se estabeleçam, em que “a maioria dos tipos argumentativos baseados na estrutura da realidade obedece à lógica implicativa” (FIORIN, 2016, p. 150). A partir de uma situação específica ou caso particular, estendem-se às causas e consequências admitindo-as em situações mais gerais ou coletivas.

Indutivos

Desdobrando os argumentos indutivos, Fiorin (2016, p. 185) ressalta que na esfera da retórica há a distinção entre ilustração e exemplo, fato que não ocorre na linguagem comum, cotidiana.

Exemplo – Tomando um caso específico ou uma situação particular, no exemplo, assume-se a possibilidade ou a probabilidade dela ocorrer novamente seja por idealização do fato ou generalização.

Ilustração – Opondo-se ao exemplo, em que o apelo é mais factual, concreto – parte-se do particular para o geral –, na ilustração o apelo é emotivo, com intento de

sentimentalizar o argumento. Nesse sentido, utiliza-se a ilustração como forma de reforço de uma ideia primordialmente aceita.

Modelo e antimodelo – Instaura-se ou definem-se características, personalidades ou essências ideias a serem seguidas, exaltando-as. Por consequência, as características ou identidades opostas se vertem em antimodelos, conceitos a serem evitados ou refutados. Aqui, há uma preambulação entre o que deve ser veementemente imitado, copiado e disseminado, bem como aquilo que deve ser extinto ou silenciado.

Argumentum a simili

Baseado na experiência e vivência empírica, o *argumentum a simili* se pauta na comparação das relações, transpondo o que foi vivenciado em uma situação para outra situação semelhante. Bastante frequente em táticas argumentativas em que o interlocutor não conhece ou não se reconhece em determinada situação particular, porém se reconhece em uma situação aproximada, sendo essencial que as ocorrências sejam, de fato, comparáveis. Neste sentido, resume-se em “a está para b, assim como c está para d”.

Síntese dos argumentos que fundamentam a estrutura do real

Os argumentos que se atrelam à estrutura do real se valem de situações ocorridas, exemplificações, generalizações ou relatos pontuais para construir uma argumentação, um convencimento. É preciso que o interlocutor compartilhe os valores implícitos na ação ou relato para compreender as possíveis relações que podem se estabelecer. Nesse sentido, há uma lógica implícita e atrelada às interpretações ou valores sociais dos fatos.

3.5 Argumentos pela Dissociação de noções

Quanto aos argumentos fundados na desassociação de noções, Fiorin (2016) destaca a quebra da tática até agora descrita, enquanto as categorias argumentativas anteriores se fundamentam na associação de noções, equiparação, comparação e semelhança, “os argumentos por dissociação separam ideias que aparecem em pares hierarquizados” (2016, p. 193). Aqui, conceitos que possam

soar, *a priori*, indissociáveis, carregam um vínculo bastante frágil ou inverossímil, incorretamente concatenados.

Essência e Aparência

Há noções que são internalizadas como intercaladas, associadas, indissolúveis. Seja pela repetição popular – ditados, senso comum ou provérbios –, seja pelo reforço intencionalmente construído, algumas relações são estabelecidas e adotadas como verdadeiras. Fiorin (2016, p. 193), exemplifica com um dito bastante comum, em que “é típico dos brasileiros deixar tudo para última hora”. Nesse sentido, o reforço faz com que seja adjetivado à essência dos sujeitos brasileiros a irresponsabilidade, tornando esta uma máxima conceitual. Porém, ainda que tidas como verdade e repetidas à exaustão, algumas associações possuem elos bastante frágeis e inverossímeis, supondo uma ligação que, na verdade, não se estabelece.

Distinção

Apontando inadequações entre a comparação, a Distinção evita falsas simetrias. Por vezes, argumenta-se aplicando noções de equivalência ou transpondo ação-consequência para situações, identidades ou fatos diferentes. Por exemplo, apesar da reivindicação salarial igualitária ser fundamental, ela deve ocorrer entre casos, ou cargos, com atribuições equivalentes. Assim, se uma homem e uma mulher trabalham na mesma empresa, com a mesma carga horária, mas com atribuições distintas, há um fator que distingue e impede a equiparação salarial.

Síntese da dissociação de noções

Há, na argumentação pela dissociação de noções, um elo ou uma retomada às características construídas, atribuídas ou reconhecidas aos fatos ou atos. Nesse sentido, os aspectos sociais são bastante fortes ou presentes logo que é necessário retomar ou recorrer constantemente aos constructos, reforçando ou rompendo com as imagens pré-estabelecidas, como exemplo, os constructos atribuídos às mulheres — em que devem ser dedicadas ao lar e à família.

3.6 Outras técnicas argumentativas

Por fim, adentra-se na categoria de Outras técnicas argumentativas, em que Fiorin (2016) destaca a abnegação de determinadas estratégias ao longo dos estudos desenvolvidos sobre argumentação, entre eles, os argumentos falaciosos. Consideradas falas de má-fé, estas ficaram de fora das análises empregadas por muitos autores, como Perelman e Olbrechts-Tyteca (apud Fiorin, 2016), mas é necessário reconhecer sua existência e prática recorrente, sobretudo, em discursos da publicidade e da política, bem como admiti-las como categorias argumentativas válidas.

Recurso aos valores

Os argumentos que remetem aos valores são, irrevogavelmente, vinculados aos preceitos sociais, temporais e, portanto, morais. Atrelando ao que determinada época atribui como legítimo, verdadeiro ou adequado, os valores são mutáveis, culturais e históricos. Ao se recorrer às atribuições morais, os argumentos precisam se inserir nos hábitos e tradições, geralmente utilizando-as para manter o *status quo* e revogar mudanças. Por exemplo, há alguns anos, a circulação de discursos baseados nas noções de que mulheres devem estar condicionadas ao lar, fora do mercado de trabalho, eram muito mais recorrentes. Ainda que hoje persistam, percebe-se uma gradual modificação perante à necessidade e inevitabilidade da inserção feminina na área profissional. Assim, o valor social da mulher doméstica e da mulher não-doméstica são dados de acordo com a época.

Distorção do ponto de vista do adversário

Através da deslegitimação do argumento adversário ou do enunciado, é possível reverter o ponto de vista e invalidá-lo. Há diversas maneiras de subverter a ação ou a fala do oponente com uso de modalizações, implicaturas ou exaltações de contextos recortados. Por exemplo, pode-se argumentar que o enunciador não se detém no preconceito racial a partir de sua enunciação “o preconceito de classes é prejudicial”, apontando que o oponente minimiza a equiparação social.

Argumento do Excesso

Assim como nas generalizações, o argumento do excesso recorre à hipérbole, à homogeneização situacional ou identitária dos adversários. Nesse sentido, pode-se maximizar uma situação ou atribuir, igualmente, características aos sujeitos. Por exemplo, “todos os políticos são corruptos”.

Argumentos que apelam para o Páthos

São táticas argumentativas vinculadas ao apelo emocional, às paixões e emotividades. Entrelaçam um discurso afetivo e visam à comoção, à empatia, à transposição da situação a quem recebe o enunciado.

Argumentum ad populum – destinado à comoção da plateia ou do interlocutor, essa tática argumentativa exalta tanto emoções positivas quanto as negativas. Assim, o enunciador pode utilizar-se de paixões, medos, lealdade, objetivos pessoais, vingança, inveja e demais sentimentos ou emoções que julgar pertinentes e capazes de persuadir o público. Pode-se, ainda, vincular-se aos preceitos morais, logo que a comoção social é, por vezes, escorada na tradição. Ou seja, “desde sempre a sociedade funcionou assim. Logo, deve continuar assim é o modo correto”.

Argumentum ad baculum – Apresenta-se a obtenção de melhorias ou vantagens por meio de um único recurso, forçando o interlocutor a admitir o enunciado como causa necessária. Por exemplo, pode-se argumentar que só se evitará alagamentos nas cidades se a população parar de jogar lixo nas ruas. Como numa causa e consequência, o interlocutor é apresentado a limitadas alternativas.

Argumentação por implícitos

No argumento que recorrer ao implícito, Fiorin (2016) aponta que para compreender efetivamente o que se diz, não se pode atentar somente ao explícito, ao observável, pois há enunciados que carregam sentidos determinados pela inferência. Nesses casos, são necessárias duas operações de interpretação e apreensão do que é dito: a lógica e o recurso ao contexto, pois há “coisas que se compreendem sem que seja necessário dizê-las” (FIORIN, 2016, p. 206). Como exemplo, diante de uma afirmação de que a luta feminista é incoerente, pode-se argumentar apenas com “o número de feminicídios aumentou”. Nesse caso, o fato de aumentar o número de vítimas de violência de gênero pode indicar, implicitamente, que a luta feminista é necessária ou, ainda, que apesar do

movimento político de mulheres, a organização ainda surte pouco efeito e precisa ampliar suas ações.

SÍNTESE DO CAPÍTULO 3

Objetivando a análise organizativa dos enunciados vinculados à *hashtag* #MeuAmigoSecreto, considerando os suportes sintáticos mobilizados para efetivas as intenções argumentativas, este capítulo discorreu sobre as categorias de argumentação postuladas por Fiorin (2016). Ressalta-se que coube ao capítulo 3 esboçar de maneira mais aprofundada, porém longe de ser esgotada, as noções sobre as categorias argumentativas mais relevantes ao presente trabalho, servindo como suporte e condução da análise que será desenvolvida no capítulo 5.

Portanto, as categorias apresentadas contribuem para reforçar as noções de que os enunciados manifestados são sempre carregados de marcas de convencimento e cooptação, que podem se efetivar ou desdobrar em diferentes níveis e interesses de convencimento, mas sempre carregadas de marcas argumentativas.

4 METODOLOGIA

Os dados *online* assumem características próprias que devem ser consideradas na hora de escolher as formas de coletá-las. Sabendo que há um registro recuperável dos enunciados produzidos — desde que não haja a deliberada exclusão ou alteração de privacidade das postagens pelo usuário ou pela plataforma —, é através dessas formas de se apresentar, pertinentes não somente à web 2.0, que se constitui a escolha metodológica desenvolvida no capítulo 1.

O capítulo a seguir, portanto, descreve as formas como se dará a constituição do presente trabalho, detalhando a coleta de dados, bem como os meios para analisá-los, de forma a evidenciar e delimitar o trajeto a ser percorrido.

4.1 Descrição do percurso teórico acerca de tecnologia, sociedade e linguagem

Para traçar o caminho metodológico seguido neste trabalho, faz-se necessário evidenciar seu caráter inicialmente descritivo e explorativo, no que se refere aos aspectos teóricos sobre tecnologia, modelação social e, sobretudo, argumentação. Para a produção dos primeiros capítulos, a metodologia consistiu numa mobilização de autores que se inserem majoritariamente nos campos da cibercultura — devido ao local da coleta de dados — e teorias da argumentação — em que a análise será desenvolvida. Portanto, é preciso construir uma base consistente que seja capaz de sustentar os enunciados posteriores, bem como as possíveis inclinações que eles darão. Ainda que o objetivo não seja abarcar todo o escopo sobre tecnologia e argumentação, de modo que nem seria possível, busca-se entrelaçar autores e teorias capazes de enredar as primeiras noções, constituindo o principal aspecto de pesquisa bibliográfica deste trabalho.

Dessa maneira, os capítulos anteriores foram elaborados para tecer esse suporte teórico, e entre os autores mobilizados e trazidos ao capítulo inicial, encontram-se Lévy (1998; 2009), Xavier (2013), Rudiger (2011; 2016) e Recuero (2014; 2016) que compõem uma malha firme capaz de recobrir os dados coletados no capítulo 4. Destaca-se ainda que apesar das ideias, em geral, confluírem e caminharem paralelamente, não há necessariamente um consenso teórico ou terminológico entre os autores trazidos. Há, no entanto, alguns confrontos que visam indicar os diferentes eixos interpretativos da sociedade e da tecnologia.

Tratando inicialmente das questões teóricas, os capítulos 1 e 2 se debruçaram na verticalização e exposição crítica de biografias essenciais. Inserida no segmento da pesquisa bibliográfica, o primeiro capítulo visou elucidar o cenário político tecnológico atual, que se entende pelo resultado do percurso histórico, com as mudanças que promovem o acesso à tecnologia, bem como uma leitura social dos impactos que as redes sociais digitais constantemente acarretam nas formas de se estabelecer comunicação. Elencando autores voltados às temáticas de tecnologia, sociedade e linguagens, o objetivo dos capítulos iniciais foi, portanto, oferecer uma base de fundamentação reflexiva, ponderante. Especificamente no capítulo 1, as questões que engendram desenvolvimento tecnológico e social são estendidas, apresentando, a partir de perspectivas de Lemos (2002; 2005), Rudiger (2011; 2016), Xavier (2013) e Shirky (2010) aspectos pertinentes às reflexões sócio tecnológicas.

No capítulo 2, as formulações sobre enunciado e enunciação foram abordadas. A proposta não foi a de conceber uma cronologia da teoria e seus principais estudiosos, sequer esgotar as definições e concepções de diferentes autores enunciativistas. Assim, restou ao segundo capítulo um esboço de alguns pontos-chave da Enunciação, bem como apontamentos concernentes ou oportunos à presente pesquisa, buscando delinear uma compreensão dos caminhos de análise e reflexões sobre os dados. Autores como Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, 2011), Fiorin (2016) e Koch (2011) são mobilizados para traçar um panorama quanto aos conceitos abordados nos próximos capítulos.

Posteriormente, os caminhos metodológicos adotados se inserem no campo da pesquisa quantitativa e qualitativa. Nesse momento, faz-se necessário destacar que cabe ao presente trabalho caminhar guiado por um fio condutor ligado à noção de sentido como elemento central, pois sendo a língua dotada de significação, produção de sentidos e, portanto, argumentação.

Para tanto, baseia-se o trajeto nas noções elaboradas por Minayo (1992), que faz apontamentos preciosos quanto aos aspectos que devem ser abordados e emergidos. Ainda que haja outras possibilidades de constituir a presente pesquisa, julga-se pertinente avaliar as ocorrências em sua frequência, bem como em sua aproximação. Tais abordagens, portanto, pretendem traçar um caminho assertivo à sistematização, tabulação e resultados, carecendo de olhares múltiplos e articulativos nas interpretações, pesquisas e abordagens temáticas. Portanto, mais

do que se debruçar em possibilidades numéricas ou estatísticas, visa-se alinhar aspectos linguísticos, cibernéticos e argumentativos advindos da observação vertical, cuidadosa e, portanto, qualitativa dos dados coletados, resultando no que se julga ser uma compreensão mais abrangente e condizente com o aporte dos dados

Esta pesquisa, então, assume um percurso metodológico altamente vinculado à internet, às redes digitais e, portanto, à tecnologia, pois constrói seu corpus com enunciados coletados no Facebook, por meio do mecanismo de busca e filtragem da própria rede social, compondo o escopo quantitativo da análise. A utilização de mecanismos de busca, API's²¹ e softwares de coleta e análise de dados se torna um facilitador para a compilação, tabulação e extração percentual dos resultados, se desdobrando em um norteamento para o devido aprofundamento analítico dos resultados, logo que a quantificação na coleta não anula a necessidade de qualificar os resultados, a depender dos objetivos do pesquisador (MARCONI E LAKATOS, 1982). A expressividade dos resultados é fundamental para dar indícios das ocorrências, frequências e variáveis presentes nos enunciados, porém, faz-se necessário o aprofundamento dos dados e resultados quantificados, tecendo agora uma metodologia qualitativa e uma verticalização analítica, colocando os dados em um plano aberto, flexível, complexo e contextualizado (LUDKE, 2013). Portanto, a integração metodológica quantitativa e qualitativa evita o risco de considerar os resultados apenas no plano de ocorrências e frequências dos enunciados, afunilando a base coletada e minerando os fatores de maior interesse e relevância para este trabalho.

Estabelecidos os fundamentos que guiarão esta pesquisa, no capítulo 3, apresenta-se um aprofundamento da teoria de Fiorin (2016), bem como um aprofundamento das categorias argumentativas de análise. Ressalta-se que tais categorias não visam esgotar àquelas formuladas por Fiorin, mas sim verticalizar a compreensão naquelas que apresentam características que podem ligar-se aos enunciados da #MeuAmigoSecreto, considerando, para isso, uma prévia pesquisa e conhecimento da campanha, as interações estabelecidas nas redes sociais digitais e suas possibilidades.

²¹ API é uma sigla para “Application Programming Interface” ou “Interface de Programação de Aplicações”. São, em geral, elementos que se integram a diferentes plataformas ou espaços web, como redes sociais, blogs e programas, inserindo de maneiras simplificada funções. Por exemplo, pode-se inserir uma calculadora em uma postagem de blog por meio de eu um API já produzido e disponibilizado.

A coleta de dados se situa como uma pesquisa de cunho etnográfico em ambiente digital, também chamado de *Netnografia*, que possui a mesma premissa de um estudo de campo, visando a inserção do pesquisador no ambiente de escolha, coletando dados e fazendo um acompanhamento ampliado do objeto de estudo, como forma de estudar um fenômeno cultural na internet (KOZINETS, 2014). Cabe aqui ressaltar que o direcionamento do pesquisador se faz, também, por meio do objetivo almejado e, portanto, promove que, mesmo diante das amplas possibilidades e dados que um estudo de caso possibilita diante da *hashtag* #MeuAmigoSecreto, é sob um olhar linguístico social que se desdobrarão as análises.

A *Netnografia*, ligada à antropologia, ainda toma as relações humanas como fator central à pesquisa (KOZINETS, 2014), considerando as estruturas sociais e culturais, formando uma rede extensa de possibilidades que são articuladas graças às características de artefato cultural que os ambientes digitais podem assumir, e são apropriadas pelos usuários a partir de motivações e marcações que constituem um “repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, nos quais é possível, também, recuperar seus traços culturais” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2008). Nesse sentido, conforme Kozinets (2014), a *netnografia* não é um caminho novo, mas uma adaptação e extensão das potencialidades de pesquisa social e cultural ao meio da internet, que busca, de forma imersiva e aprofundada, descrever, compreender ou retratar, por meio de diferentes técnicas e instrumentos de pesquisa, manifestações e fenômenos que emergem espontaneamente no ambiente virtual.

Montardo e Rocha (2005) apontam que as pesquisas etnográficas nos ambientes digitais adentram as novas formulações e concepções sociais dentro de comunicação e cibercultura. Portanto, pensar as remodelações da linguagem dentro do universo digital é debruçar-se sobre os rumos que indivíduos estão traçando como parte do emaranhado complexo da interação. Logo, realizar a pesquisa na rede Facebook é aprofundar-se num ambiente ainda pouco explorado, porém cada vez mais significativo. Os estudos relacionados às tecnologias e redes sociais digitais “pode[m] ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto)” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013, p. 17), portanto, ressalta-se que a escolha

da rede social digital se deu pelos números de usuários em âmbito nacional e mundial²², a menor delimitação de recursos – como caracteres —, além da expressiva circulação da *hashtag* dentro do Facebook.

4.2 A campanha e o engajamento social

Sabendo que há uma infinidade de *hashtags* publicadas e repercutidas nas redes sociais, faz-se necessário apontar as características e comportamentos que justificam a escolha da #MeuAmigoSecreto.

Nesse aspecto, inicialmente se deve considerar que estratégias de enfrentamento à violência, opressão, injustiça e demais debates sociais encontram na internet um espaço propício à disseminação de informações, campanhas e pautas que direcionam movimentos políticos através da intensificação das temáticas e da inserção de sujeitos distanciados dos coletivos ou movimentos sociais. Aliado à emergência dos debates feministas, no dia 25 de novembro o coletivo Não Me Khalo lançou a campanha #MeuAmigoSecreto, que visava engajar mulheres vítimas de assédios ou violências a denunciarem e repercutirem as ações. Através de uma postagem na rede social twitter do coletivo, deu-se início uma série de relatos protagonizados por diversas mulheres usuárias da rede (imagem 2). Relembrando que a internet é um constante atravessamento hiperconectado (LEMOS, 2002), a *hashtag* se disseminou pelas outras redes sociais digitais, entre elas o Facebook. Apesar das plataformas possuírem públicos-alvo, usuários e recursos diferentes, há em geral a compatibilidade de temáticas e conteúdos produzidos, compartilhados e acessados pelos usuários.

²² O Facebook registrou, em 2018, 2,2 bilhões de usuários mensais em todo o mundo, e no Brasil 127 milhões.

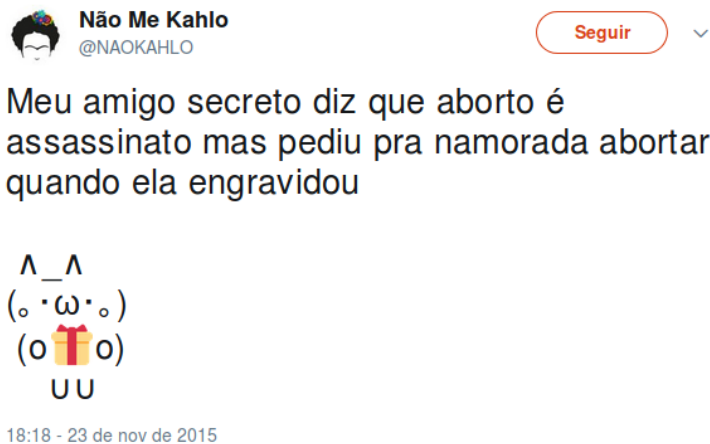


FIGURA I — PRIMEIRO TWITTE DA CAMPANHA MAS
 FONTE: <https://twitter.com/NAOKAHLO>

Nesse aspecto, a mais observável diferenciação entre as redes sociais digitais é a forma de articular e estruturar o conteúdo, logo que o mesmo assunto – por exemplo, a mesma reportagem de um veículo jornalístico – será resumida, atribuída de comentários e recursos multimídia de formas diferentes.

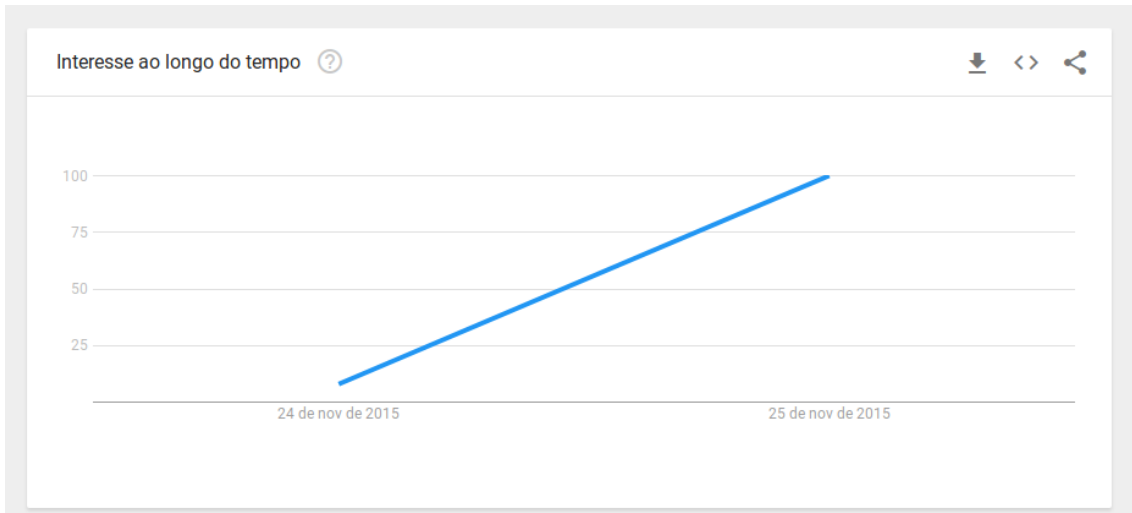
Portanto, mesmo que se estabeleça um recorte espacial, selecionando-se uma plataforma ou rede social digital para aprofundar a pesquisa, o objeto analisado permanece inscrito na estrutura geral da rede amplamente conectada. Mecanismos de busca como o Google²³ podem apresentar dados, conteúdos e postagens realizadas dentro de sites específicos, como blogs e redes sociais digitais. A filtrabilidade dos mecanismo de busca se dá de acordo com critérios de privacidade estipulados pelos usuários, portanto, postagens públicas podem ser acessadas na plataforma do Facebook partindo de buscas gerais em toda a web.

Para demonstrar a ascensão do termo²⁴ #MeuAmigoSecreto, realizou-se buscas na ferramenta *Google Trends*²⁵ a fim de gerar métricas quanto a sua disseminação, visando estabelecer recortes temporais da pesquisa. Com lançamento no dia 24 de novembro, a *hashtag* teve um rápido crescimento, como se verifica na figura II:

²³ Google.com. O buscador pode ser configurado para realizar buscas em determinados sites ou varrer toda a rede, apresentando resultados vinculados aos termos de busca. Os resultados podem variar a cada atualização, dependendo de mudanças algorítmicas, critérios de privacidade e desabilitação de conteúdos.

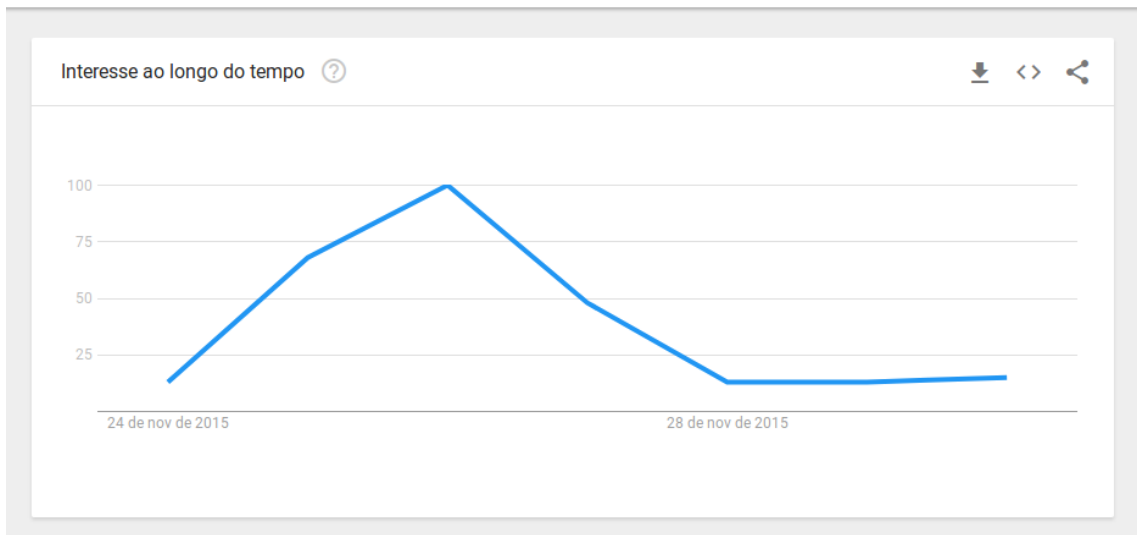
²⁴ A expressão “termo” é preferida aqui para designar qualquer tipo de busca afim de obter métricas e grafos. Não há, portanto, distinção para *hashtags*, palavras-chave, palavras isoladas ou frases.

²⁵ <https://trends.google.com.br>



**FIGURA II — GRÁFICO DE PUBLICAÇÃO MAS
FONTE: GOOGLE TRENDS**

A permanência dos assuntos e temáticas levantados nas redes sociais digitais assume as características da própria rede de internet, que tende a ser mais efêmera e imediata, inclusive pela vasta quantidade de conteúdo ofertado (XAVIER, 2013). Portanto, como se observa na imagem 4, a #MeuAmigoSecreto tem uma rápida queda nos dias posteriores, contabilizando uma diminuição considerável no dia 28 de novembro.



**FIGURA III — GRÁFICO PUBLICAÇÃO MAS
FONTE: GOOGLE TRENDS**

Traçando uma visualização mais ampliada da campanha, também se demonstra a atividade na rede entre os dias 24 de novembro de 2015 e 31 de

dezembro de 2015, período em que a campanha teve sua atividade mais significativa (imagem 4):

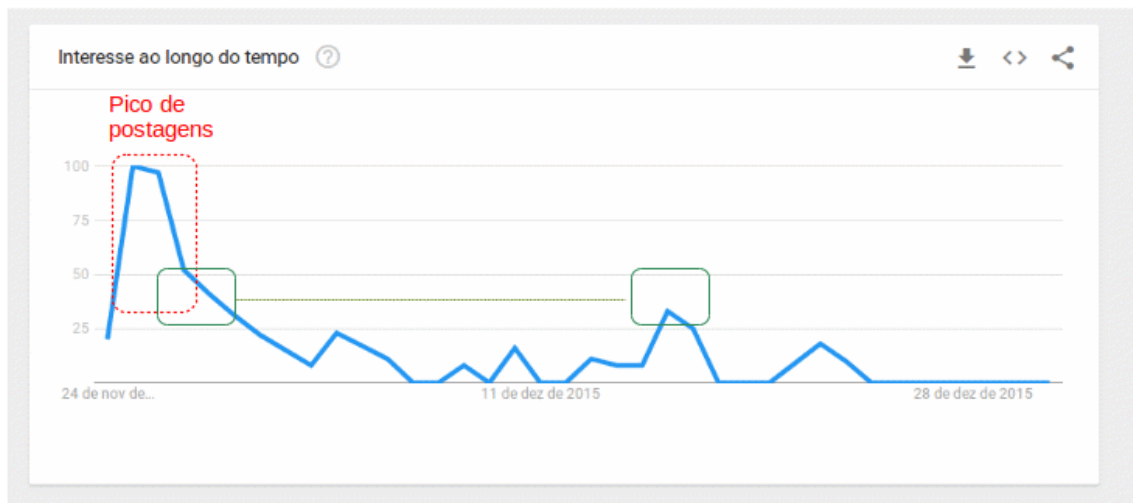


FIGURA IV — GRÁFICO PUBLICAÇÃO MAS
FONTE: GOOGLE TRENDS

O gráfico da figura IV apresenta a rápida apropriação da *hashtag* pelas usuárias e a variação de suas buscas e citações na rede até o fim de 2015, conforme caracteriza a noção de Lemos (2002), em que há uma reconfiguração dos elementos e dos espaços de acordo com os usuários, como apontado no capítulo 1. O pico de engajamento se manteve entre os dias 24 e 29 de novembro, sendo que, após a queda de interação com a *hashtag*, os mesmos valores de interesse marcados na data de 29 de novembro foram atingidos no dia 16 de dezembro. Nesse sentido, os aspectos de Xavier (2013) sobre a velocidades das redes pode ser metricizada e grafada perante a rapidez com que os números de engajamento se elevam e caem.

A coleta de dados é sempre um processo delicado, sobretudo no que tange às redes sociais digitais, logo que a amostragem pode ser ineficaz ou inadequada aos objetivos, no entanto a captação completa dos dados da rede é extremamente dificultosa em vias de análise quantitativa (BOYD, 2010).

4.3 Descrição da coleta de dados

Para a obtenção de dados, optou-se pela coleta de postagens da rede de conexões da pesquisadora²⁶ entre os dias 24 e 30 de novembro de 2015, mês e ano de lançamento da campanha #MeuAmigoSecreto, que tenham utilizado a *hashtag*. O

²⁶ Conexões de primeiro grau se referem aos usuários que possuem conexão com o perfil de origem. Ou seja, os “amigos” ou perfis adicionados na rede social.

período foi delimitado a partir da postagem precursora da campanha e ocorreu no fim do dia 24 de novembro de 2015. Sabendo do comportamento efêmero das redes sociais digitais, pretendeu-se não estender demasiadamente o período de coleta, logo que a concentração e a disseminação das postagens ocorreram, sobretudo, nos primeiros dias de circulação. Também se atenta para a noção de que é, majoritariamente, nos dias iniciais que se molda e constitui o perfil linguístico da *hashtag*, pois são as primeiras postagens que reforçam ou refutam a estrutura razoavelmente determinada.

A fim de não ferir normas e direitos, as postagens utilizadas na pesquisa são públicas e, preservando a identidade das autoras, não são identificados nomes ou fotos dos perfis. Para Kozinets (2002), há três maneiras de realizar coletas e análise no ambiente digital, sendo elas a coleta e cópia diretamente da web, a inserção do pesquisador em determinado espaço-tempo digital para realizar a observação e interpretação e, por último, a realização de entrevistas, questionários e levantamentos informacionais de maneira *online*. Portanto, condizente com os objetivos desta pesquisa, a obtenção dos dados se dá pela coleta diretamente da rede Facebook, sendo necessário delimitar aspectos e aplicar filtros para afunilar os resultados, sendo estes os filtros de data, conteúdo e graus de conexão a partir do perfil da pesquisadora.

Estipulou-se o espaço digital do Facebook como espaço para a extração dos enunciados e o limite temporal se deu a partir da data de lançamento da *hashtag*, que ocorreu em 24/11/2015, até o dia 30/11/2015, visando estabelecer um período suficiente para coletar amostras significativas. Ao fim do processo, foram obtidos **49** enunciados para a análise.

Para a realização da coleta, foi utilizado o API do Facebook, aplicando filtros de conexão e temporalidade, estipulando o período de novembro de 2015 e conexões de primeiro grau, que abrange amigos partindo do perfil de busca. Após a obtenção das postagens, é necessário apontar a realização de uma verificação manual da afinidade das postagens com os fins da pesquisa, filtros e demais aspectos estipulados. Fez-se necessário, então, averiguar as noções de status público da postagem, suprimir identidades do perfil, bem como possíveis identificações que pudessem estar presentes na publicação.

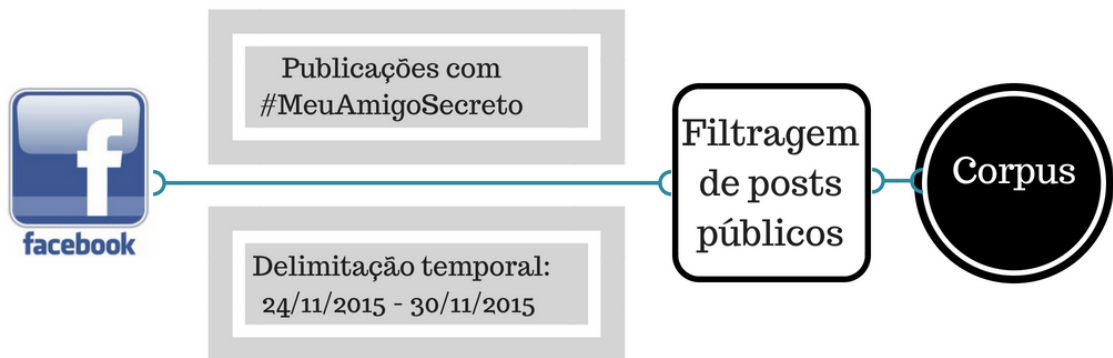


FIGURA V — COLETA DE DADOS
FONTE: A AUTORA

A pesquisadora, “como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época” a. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.3), portanto, as delimitações e recortes da coleta obedecem a critérios de que emergem dos próprios interesses de pesquisa, pautados na temporalidade, contexto e vivência da pesquisadora, além dos fatores essenciais a uma pesquisa, como delimitação do ambiente de análise, consentimento ou autorização para observação e coleta de dados. Em síntese, coletou-se, inicialmente, **87** postagens, sendo que apenas **57** apresentaram, no momento da coleta, status público²⁷. Destas, 8 não se vinculavam aos objetivos da campanha, fazendo outras associações da *hashtag* que não o assédio ou violência contra a mulher. Enfatizando que o objetivo deste trabalho é um olhar sobre os enunciados que se propõem a fazer circular as temáticas de machismo e os modos como se constituem linguística e argumentativamente, esses 8 enunciados fogem do proposto. Portanto, o corpus foi formado com um total de **49** enunciados.

Posteriormente, os dados foram processados no software *LinguaKit*, processador de análises semânticas. A utilização de ferramentas ou plataformas permite, de modo automático e operacionalizado, extrair categorias verbais, nominais e sintáticas dos dados, bem como realizar análises mais profundas de forma facilitada. Entre as diversas opções de softwares, o *LinguaKit* oferece possibilidades bastante completas, intuitivas e de fácil acesso, podendo realizar análises *online*, perante cadastro. Um dos diferenciais da plataforma é seu

²⁷ Faz-se necessário apontar que as postagens, mesmo depois de publicadas, podem ter a privacidade alterada pelo usuário.

alojamento *online*²⁸ com código aberto, ou seja, sua utilização não depende de downloads ou compra de serviços, podendo ser acessado através de qualquer dispositivo conectado à internet. Além disso, aponta-se o uso da ferramenta Sobek²⁹ que funciona como um minerador de texto, através do processo de extração de conceitos mais relevantes dos dados. O objetivo da utilização da ferramenta é a obtenção de nuvens de palavras (grafos) capazes de elucidar visualmente a preponderância e relevâncias dos termos, bem como as ligações que se estabelecem entre eles.

4.3.1 Uso de plataformas de análise: Linguakit e Sobek

Referenciada como um pacote de ferramentas multilíngues para o processamento de linguagem natural – PNL, o *LinguaKit* apresenta opções versáteis e módulos bastante completos para desenvolver análises complexas de enunciados. Dividido em sessões de análise, extração, anotação e correção linguística, o programa admite dados em português, inglês, espanhol e galego, oferecendo os mesmo recursos para todas.

Segundo a própria definição da plataforma³⁰, o *LinguaKit* se organiza em quatro módulos orientativos, em que o primeiro destina-se às ações mais genéricas, como conjugador e tradutor; o segundo verte-se para interessados em análises morfossintáticas; o terceiro oferece opções de análises de sentimentos e sugestão de palavras-chave; por fim, a última seção oferece possibilidades experimentais, em que lançamentos e categorias novas são testadas.

Para melhor compreensão das possibilidades da ferramenta, o quadro abaixo especifica os módulos básico e profundo e suas atribuições pertinentes a esta pesquisa:

²⁸ Disponível em <https://www.linguakit.com>

²⁹ Disponível em <http://sobek.ufrgs.br>

³⁰ Disponível em <<https://linguakit.com/pt/sobre-linguakit>>

	TIPOS DE MÓDULO	MÓDULOS/AÇÃO
BÁSICO	Ferramentas linguísticas	Análise completa
		Resumidor
		Conjugador
PROFUNDO	Análise Linguística	Frequência de palavras
		Palavra-chave em contexto
		Etiquetador morfossintático
		Analizador sintático
	Analítico Textual	Analizador de sentimento
		Identificador de idioma
		Identificador de idioma
		Extrator de palavras-chave
		Extrator multpalavra
	Experimental	Reconhecedor de entidades
		Supercorretor
		Extrator de tripletas

TABELA 2 — MÓDULOS LINGUAKIT
 FONTE: A AUTORA

Para traçar uma visão amplificada das principais funções e aplicações que serão posteriormente realizadas neste trabalho, é necessário apontar as ações possíveis da plataforma, como o pré-processamento, responsável pela primeira leitura dos dados inseridos e que, subsequentemente, auxiliarão nos demais módulos. Na categoria de ferramentas linguísticas, o *LinguaKit* é capaz de fazer uma leitura geral do texto, contabilizando as palavras e frases do conteúdo inserido, indica até cinco palavras ou termos mais expressivos e frequentes, além de apontar o contexto que envolve as palavras-chave escolhidas. Também é possível realizar resumos rápidos com o uso módulo Resumidor, que oferece uma captura central do conteúdo, elencando automaticamente pontos de acordo com o tamanho estipulado pelo usuário. Ainda no módulo básico é possível pesquisar verbos e realizar a conjugação em todos os tempos e modos, inclusive de verbos não reconhecidos pela plataforma.

Na Análise Linguística é possível traçar uma catalogação de substantivos, verbos, adjetivos e demais categorias linguísticas, além de contabilizá-los. O texto é processado por meio regras de *splitting*, em que as contrações ou sequências de verbo e pronome clítico são separadas, por exemplo, “do = de+o” e “comelo = comer o” (GAMALLO, 2017). Como função básica, a plataforma identifica o idioma e, a partir disso, trabalha com um gerador de concordâncias nas sentenças, identificando erros e inadequações ortográficas.

O Etiquetador Morfossintático realiza uma leitura e etiquetação de cada palavra inserida, apresentando suas características morfológicas. Também é possível predefinir siglas, termos específicos e entidades próprias, isolando a palavra para que ela não seja processada pelos módulos e desconfigure o sentido do enunciado. Portanto, a *hashtag* #MeuAmigoSecreto, que pode ser tomado pela ferramenta como três elementos pertencentes ao português-pt incorretamente unidos (“Meu”+“Amigo”+“secreto”), deve ser repartida do restante do enunciado. Para os demais termos, se aplica o etiquetador morfossintático que se liga aos próximos módulos de extração de dados, como análise de sentimentos, palavras-chave e relações semânticas, podendo ainda sugerir correções lexical e gramatical (GAMALLO, 2017). Finalizando a categoria de análise Linguística, é possível estabelecer as relações sintáticas entre os pares de palavras do texto inserido, como as relações de dependência, palavras centrais, categorias gramaticais e posicionamento dentro da frase, utilizando o módulo de Analisador Sintático.

Na Análise Textual é possível aprofundar as relações de direcionamento e sentido do texto. Para tanto, há módulos de Analisador de sentimento, em que são atribuídas noções de positividade, negatividade e neutralidade a cada frase e ao texto como um todo; identificador de idioma, palavras-chave e multipalavra, de acordo com a frequência e a centralidade dos termos, além do Reconhecedor de Entidades que destaca pessoas, lugares, datas, instituições, evitando que haja mudança de sentido nas frases quando termos não reconhecidos apareçam no texto.

A categoria experimental atua como um eixo teste da plataforma, sendo acessível a todos os usuários apenas na modalidade limitada. Além da ferramenta de super correção, que visa uma análise e revisão intensa das normas e acordos ortográficos, há o módulo Extrator de Tripletas o qual busca identificar as relações entre um sujeito determinado no texto e o objeto, apontando com facilidade o fato central, tema e direcionamento do conteúdo.

A plataforma, como mencionado, possui código aberto e encontra-se disponível *online*, possibilitando mudanças e aprimoramentos constantes. Algumas funcionalidades estão em versão piloto, mas podem ser disponibilizadas aos interessados sob autorização dos programadores.

4.4 Categorias de análise sintáticas

Para que a organização dos enunciados seja identificada e estabelecida, é necessário observar os aspectos morfossintáticos que serão atribuídos pela plataforma *LinguaKit*. Assim, após o processamento dos dados, os resultados serão devidamente tabulados e cruzados, promovendo e guiando as análises posteriores.

Nesse aspecto, foram estipuladas categorias relevantes aos objetivos deste trabalho, a fim de verificar se os enunciados se comportam condizentes com a estrutura. Ressalta-se que a organização das *hashtags* não é uma estrutura solidificada e imutável, sendo que as locutoras desempenham possibilidades de modificação dos elementos caracterizantes. Assim como os gêneros textuais, a distribuição e presença de elementos linguísticos, em geral, obedecem a uma estrutura relativamente estável, mas passível de alterações e reinterpretações.

Para facilitar e otimizar o processo de catalogação, foram estipulados aspectos que demonstram ser relevantes para as análises, conforme as especificações contidas na tabela:

Atribuição de ação	Paráfrase	Relato de ação	
Elemento de quebra	Oposição	Negação	Contexto
Verbo de percepção	-	-	-
Conclusão ou encaminhamento	-	-	-

TABELA 3 — CATEGORIAS ORGANIZATIVAS

FONTES: A AUTORA

ATRIBUIÇÃO DE AÇÃO: nessa categoria, busca-se identificar como a locutora insere o fato ao leitor — por meio da paráfrase ou do relato da ação. Ressalta-se que ambas as modalidades podem estar presentes, logo que a atribuição da fala ao sujeito relatado não exclui, obrigatoriamente, a exposição de uma ação.

DISCURSO INDIRETO: O discurso indireto é, assim como a paráfrase um recurso de legitimação, em que o locutor mobiliza a fala do sujeito a fim de enfatizar a responsabilidade a ele. É, portanto, uma tentativa de atingir a neutralidade do relato, uma mera reprodução não interpretativa, eximindo-se da alteração ou interpretação

da ação. Assim, compreende-se que há uma remissão à fala e à ação como um evento interligado, em que se pretende manter o sentido sobrepujando as escolhas lexicais ou organizativas anteriores. Ou seja, pode ser uma nova forma de construir o texto sem que se perca o sentido primeiro ou, ainda, ressaltando ou enfatizando-o. A fala do sujeito, então, não é necessariamente o ponto-chave do enunciado, pois assume ser a parte mais evidente e mais superficial, mas não finalizada no ato de falar — por exemplo, uma fala preconceituosa é apenas um recorte, uma parte menor, de todo o comportamento do sujeito. Portanto, paráfrase compõe uma categoria em que a locutora aponta, rememora, constrói e descreve verbalizações as atribuindo, por meio de diversos marcadores linguísticos, ao enunciador.

Relato da ação: Algumas marcas linguísticas, sobretudo verbais, permitem que a locutora teça um relato, um exemplo ou um fato específico sobre o sujeito #MeuAmigoSecreto. Nesse sentido, a introdução ao fato pode ocorrer pela generalização das ações ou pela pessoalização, em que um ato repetidamente ocorrido ou apenas uma situação pontual podem ser o núcleo do enunciado.

ELEMENTO DE QUEBRA: os elementos de quebra funcionam como o redirecionamento que a locutora emprega a fim de conduzir o interlocutor à negação da ação previamente apresentada. Elas podem ser designadas por conjunções separadas em *oposição*, *negação* e *contexto*.

Oposição: para opor o relato do enunciado e categorizá-lo como Oposição, a enunciadora precisa apresentar elementos sintáticos — sobretudo os conectores conjuntivos — que encaminhem a compreensão de oposição, entre eles o *mas*, *porém*, *porque* (advérbio de justificativa), *contudo*. Também podem aparecer elemento conectivos, como o “*e*” e o “*porque*”, em que esses termos desempenham um sentido de contra coesão, fazendo com que as sentenças não possam ser admitidas como condizentes ou concomitantes.

Negação: para ocorrer a negação, é necessário que a locutora insira elementos de negação enfáticos, como *não*. Nesse caso, as justificativas podem não se apresentar depois, logo que depois de quebrar a linearidade de aceitação do interlocutor, não se faz necessariamente obrigatório justificar, cabendo à negação o elemento capaz de apontar a invalidez da ação do #MeuAmigoSecreto.

Contexto: nessa categoria, os enunciados apresentam poucas marcas linguísticas independentes do contexto. Assim, faz-se preciso associar a análise e o conhecimento antecedente dos aspectos sociais da campanha para traçar o encaminhamento de sentido pretendido pela locutora. Mas se ressalta que os elementos e marcas linguísticas estão presentes e atuantes na condução do interlocutor, sendo apenas necessário compreendê-las numa esfera mais discursiva e atravessada pela ação enunciativa e argumentativa.

VERBO DE PERCEPÇÃO: os verbos de percepção remetem o interlocutor à ação do sujeito relatado. Ressalta-se que não necessariamente haverá a presença de algum elemento de percepção ou retomada ao agente #MeuAmigoSecreto. É possível que a justificativa da ação seja formada pela composição semântica do contexto e não de um elemento sintático.

CONCLUSÃO OU ENCAMINHAMENTO: a locutora usa construções para fechar o enunciado e apontar, avaliar ou atribuir percepções ao interlocutor. A conclusão do enunciado pode ser mais objetiva e unidirecional ou menos, ficando então dependente de outras mobilizações contextuais e conhecimentos prévios de quem recebe o enunciado.

5. ANÁLISE

As redes sociais não são espaços recentes, advindos das tecnologias da informática ou do ciberespaço. Preexistentes à comunicação via computador – ou *smartphones* —, as redes sociais configuram, como apontado nos capítulos 1 e 2, ambientes de trocas complexas, interações atravessadas por sujeitos, gêneros linguísticos e instituições (FARACO, 2008; LEMOS, 2002). No entanto, o que diferencia, de modo mais latente, as redes sociais *online* e *offline* é a capacidade e a facilidade em recuperar os registros (LEMOS, 2002; RUDIGER, 2016). Ainda que no espaço *offline* haja a possibilidade de construir interações pela escrita, gravação ou outros modos armazenáveis, é na internet que se concebe a ideia de arquivo, database, produção de conteúdo etiquetável e recuperável. Há, portanto, uma constante produção de rastros (RECUERO; ZAGO; BASTOS, 2014) na internet, possibilitando que os estudos e pesquisas sejam realizados com maior facilidade, logo que se tem acesso direto e, geralmente, livre ao material original, como conversas, postagens, interações.

Como visto no capítulo 1, além das possibilidades acadêmicas e mercadológicas, a internet alterou e continua alterando as relações pessoais e privadas dos usuários, pois os rompimentos espaciais e temporais possibilitam a aproximação e estreitamento de laços afetivos, familiares e ideológicos que, sem a disseminação da internet, ficavam limitados às dificuldades do sujeito presenciar as diversas redes sociais que lhe interessa. Ao mesmo tempo em que se oportuniza o registro social dos usuários, há a quebra da privacidade, a publicização do usuário que se faz a partir da adequação de rede aos interesses e necessidades de grupos específicos. Se a rede, inicialmente, era para usos comerciais, militares e acadêmicos, agora ela atende também aos modelamentos da comunidade, à reorganização só individual e do coletivo (LEMOS, 2002). Portanto, as redes sociais digitais alteram as próprias estruturas afetivas e pessoais,

Muitos estudos, como os de Recuero (2014; 2016) e Shirky (2010) começam, então, a dar atenção aos laços e conexões pessoais que surgem na rede, sabendo que, apesar de inseridas no ambiente da web, não são construções assépticas do meio social, mas são interferidas, atravessadas e influenciadoras do social *offline*. Assim, como sugerem Recuero, Zago e Bastos (2014), as pesquisas e observações das redes são um estudo dos padrões sociais.

Entre possibilidades que emergem, transitam e permeiam a web e, mais especificamente as redes sociais digitais, as *hashtags* representam uma modalidade que foi inserida, inicialmente, de modo técnico, profissional, seguido de uma incorporação e remodelação de seu uso. Como descrito no capítulo 1, primordialmente, esses elementos são utilizados como etiquetadores de conteúdos, mas agora assumem também aspectos sociais, admitindo padrões e respondendo a eles. Ou seja, através do comportamento estrutural dos enunciados vinculados às *hashtags* é possível desdobrar pesquisas e observações da constituição e composição das redes sociais digitais, logo que a maior produção e utilização, agora, advêm dos usuários comuns da rede, sem finalidades técnicas ou profissionais. Porém, admite-se que mesmo os usuários autônomos, não profissionais, não ligados à esfera de tecnologia ou marketing digital, podem ter acesso às práticas e técnicas utilizadas para melhorar o ranqueamento de conteúdos, melhorar a distribuição e o alcance de público, bem como tornar postagens mais relevantes. Assim, não se abona o emprego de uma *hashtag* como estratégia para compilar determinado conteúdo de um etiquetador ou vinculá-lo aos mecanismos de buscas ligados às palavras-chave.

Este capítulo, permeando a etapa de análise, encaminha, então, a mobilização dos autores e teorias aplicados ao corpus coletado, que será analisado linguisticamente em duas etapas. Inicialmente, busca-se quantificar os elementos gramaticais a fim de estabelecer suas frequência e constância, bem como traçar uma organização morfossintática compartilhada entre as enunciantoras. Posterior ao levantamento organizativo, realizou-se a catalogação argumentativa de cada *hashtag*, a fim de tecer os modos que os enunciados se apresentam em ordem de convencimento. Faz-se preciso considerar os elementos gramaticais na opção argumentativa, já que a organização textual interfere também nas possibilidades de construção de sentido e, portanto, na organização dos processos argumentativos como explanado no capítulo 3.

Portanto, considerando as possibilidades e os impactos dos empregos linguísticos, as análises do corpus deste trabalho se inicia pela apresentação descritiva do processamento do LinguaKit, auxiliada pelo Sobek.

5.1 Mineração dos enunciados com o uso do LinguaKit

A tarefa de minerar dados consiste, de forma geral, em uma avaliação minuciosa do que está sendo analisado a fim de perceber elementos frequentes ou regulares, bem como manifestações únicas ou que fogem ao padrão. Nesse sentido, para este trabalho, cabe aplicar a mineração ao objetivo de facilitar a realização de uma análise detalhada em todo o corpus, levantando quantitativamente as ocorrências linguísticas empregadas pelas usuárias.

Após os dados serem coletados, foram transferidos para um arquivo de texto simples, sem formatação, resultando em um bloco de texto único.

Ainda que os desvios de ortografia padrão dos enunciados coletados não tenham causado erros de interpretação ou compreensão de sentido, para que a ferramenta não contabilizasse erroneamente os dados, realizou-se uma correção ortográfica a fim de uniformizar as palavras.

Como exemplo, o primeiro enunciado presente nos dados, que inicialmente estava grafado:

“#meuamigosecreto mandava muitas coisas gordofobicas, racistas e LGBTfobicas no grupo do whatsapp EVERYFUCKINGDAY. Aí no dia que eu passei um esporro no macho branco hetero e cis, ele me tirou pra loque, alguns me chamaram de violenta e disseram que eu não sei argumentar. A piada intolerante do cara e eu que sou violenta. Tenho obrigação de amaciar ego ferido de omi nao fera”.

Após a uniformização gramatical manteve-se:

“#meuamigosecreto mandava muitas coisas gordofobicas, racistas e LGBTfobicas no grupo do whatsapp EVERYFUCKINGDAY. Aí no dia que eu passei um esporro no macho branco hetero e cis, ele me tirou pra louca, alguns me chamaram de violenta e disseram que eu não sei argumentar. A piada intolerante do cara e eu que sou violenta. Tenho obrigação de amaciar ego ferido de homem não, fera”.

Seguida a correção ortográfica dos demais enunciados, o bloco textual composto de 1922 palavras foi processado na ferramenta LinguaKit. Considerando que os dados são textos de diálogo, a presença de conectivos e artigos para articular as frases é esperadamente alta. Para que a frequência dessas palavras não altere a tabulação dos dados, o processamento também se deu a com a retirada dos

elementos “o, a, os, as, um, uma, uns, umas”. Assim, os dados obtidos resultam na tabela 4, com a frequência das categorias:

Número de frases	68
Variedade lexical	52.77%
Número de palavras	1949
Número de caracteres	8818
Número de lemas diferentes	547
Caracteres sem espaços	7147

TABELA 4 — CATEGORIAS LINGUAKIT
 FONTE: LINGUAKIT

Dá-se destaque ao valor da Variedade Lexical, presente na tabela 5. Em um universo de 1949 palavras, obteve-se uma variedade inferior a 53%, representando uma ocorrência comum dos elementos lexicais mobilizados ou empregados pelas enunciadoras. Sabendo que a taxa é calculada a partir da relação entre a quantidade total de palavras e a quantidade de palavras diferentes. Quanto menor o percentual obtido, mais semelhante ou repetitivo é o texto (GAMALLO, 2017).

Destaca-se ainda que há 547 Lemas, que podem ser definidos, para o LinguaKit, como termos ou frases que servem como entrada ou nóculo condutor das palavras, por exemplo, agredir, agredida, agredido que pertencem ao mesmo lema agredir. Apesar da quantidade indicar uma diversidade de eixos — que poderia sugerir variedade temática —, o assunto dos enunciados não se altera, pois a Variedade Lexical, de 53%, denota que as publicações mantêm relações temáticas estreitas entre si, que é abordar a violência e machismo.

Assim, atribui-se o percentual à temática comum dos enunciados, mas também às possíveis semelhanças entre os relatos, fazendo com que vivências semelhantes sejam retratadas com escolhas linguísticas aproximadas (RUDIGER, 2011). É válido ressaltar que o ambiente *online*, sobretudo o Facebook, permite a interação de usuários e usuárias sem a limitação espaço-temporal (LEMOS, 2002). Nesse sentido, é possível que pessoas em diferentes momentos e lugares criem, compartilhem, apropriem-se e ressignifiquem elementos e enunciados sem a

limitação espaço geográfica e temporal. Nesse sentido, considerando que a variedade lexical se dá por fatores pertencentes à esfera sintática — a língua rege as formas e regras de mobilização — e à esfera semântica — em que a experiência e conhecimento dos falantes atravessam a forma de conceber os enunciados. Ou seja, diferenças regionais, temporais, etárias e sociais podem interferir nas escolhas lexicais.

Nesse sentido, o uso de gírias ou formações morfológicas especiais — que são associações de termos para formar uma nova palavra com sentido diferente das bases associadas (GONÇALVES, 2006) —, por exemplo, podem conduzir a um mesmo sentido interpretativo, mas com o emprego de termos distintos como em:

*“#meuamigosecreto é o típico **esquerdomacho** que prega amor livre mas só se relaciona com **mina** padrão. Se você questiona seus “gostos” diz que não se pode controlar o coração”*

No exemplo, observa-se o emprego de *esquerdomacho*, que deriva da união ou associação dos termos *macho* e *esquerdista*, que isoladamente se referem a *sexo masculino* e *esquerda política*, respectivamente. Sabendo que *esquerdista* compreende, em linhas gerais, um conceito que defende a igualdade de gênero, e que *macho* é comumente empregado para designar comportamentos ou atitudes machistas, os termos unidos assumem um novo sentido de homens de esquerda que permanecem fincados à cultura patriarcal, de opressão ou violência à mulher.

Trazendo também as noções de respeito aos “mina” em referência à mulher, sendo uma gíria ou um referente informal, fazendo com que os enunciados apresentem mais recursos lexicais e, portanto, maior variedade. No entanto, nesse sentido, também se faz pertinente apontar para a construção e organização da publicação, pois sabendo que as usuárias produzem conteúdos destinados a um público comum (usuários ligados em algum nível ao machismo e violência de gênero), a escolha dos termos e organização estrutural é nivelada para se apresentar de forma funcional e compartilhável entre as interlocutoras (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996). Portanto, apesar da convergência das diferenças promovida pela hiperconexão (LÉVY, 2009), o tema e a realidade do machismo fomenta um universo comum, fazendo um contrapeso nos índices de variedade lexical. Nesse sentido, observa-se que, mesmo havendo variedade nos termos

escolhidos, compondo formas únicas ou singulares de compor o enunciado, as estruturas tendem a ser bastante aproximadas na disposição dos elementos ou no referente dos diferentes termos — por exemplo, *mina* e *mulher* designam, em termos gerais, a mesma compreensão. Considerando a heterogeneidade dos usuários que participam das redes sociais, pode-se considerar que a argumentação é favorecida pois há, nesse sentido, diferentes mobilizações linguísticas capazes de acessar com mais eficiência um ou outro público circulando e produzindo sentidos semelhantes — o combate à violência à mulher.

Ao realizar a extração dos principais elementos, seguidos da conexão, tem-se o grafo 1, produzido a partir da mineração do texto pelo software Sobek, em que as relações mais diretas ou mais densas dos elementos e termos fica visível:

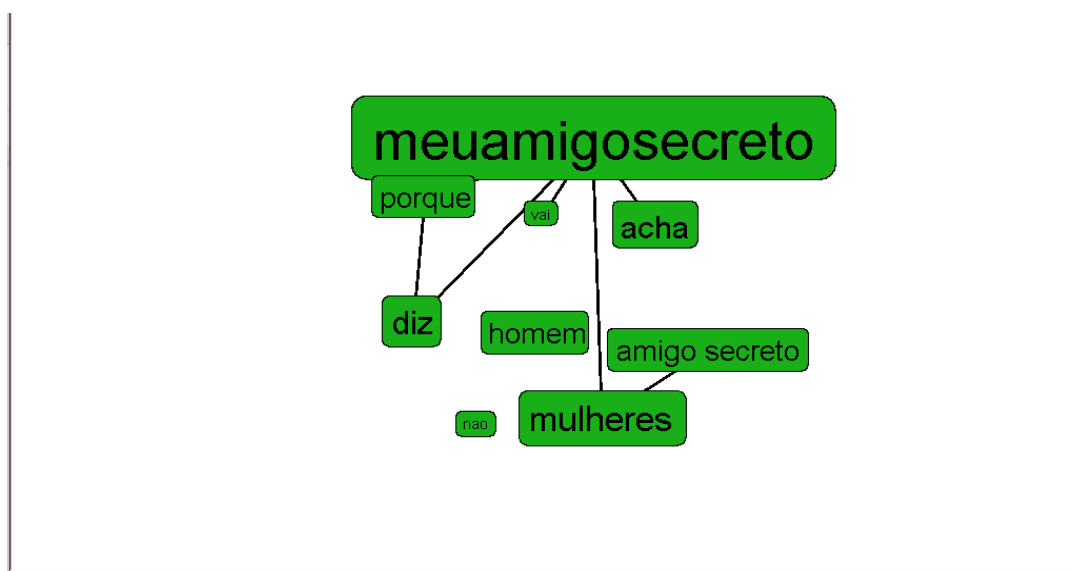


FIGURA VI — GRAFO 1
FONTE: SOBEK

Nota-se que se estabelece um núcleo bastante próximo e interconectado entre os elementos “porque”, “vai”, “diz”, “mulheres” e “acha”, sendo eles mediados pela centralidade de “meuamigosecreto”, ou seja, os enunciados em geral apresentam ligações densas entre os termos que se comportam, respectivamente, como indicadores explicativos, indicadores de ação, atribuidores de fala (paráfrase), de pessoa e de percepção. Essas ligações são tomadas como densas ou fortes devido à proximidade e frequência com que os termos se relacionam nos enunciados.

Faz-se interessante retomar a composição do primeiro enunciado publicado, elaborado pelo coletivo NãoMeKhalo, “Meu amigo secreto diz que aborto é

assassinato mas pediu pra namorada abortar quando ela engravidou”, em que se observa a ocorrência de termos que indicam comportamentos próximos aos do grafo (figura VI). O atribuidor de fala se apresenta pelo mesmo termo no grafo e, no twitte original, mas outros elementos são observados também, como o verbo “abortar”, nome “namorada” e verbo de percepção “pediu”. Portanto, verifica-se que há uma continuidade, dada pela primeira publicação, nos demais enunciados e que, assim, estabelecem núcleos de interrelações das palavras.

Nesse sentido, o verbo *dizer*, presente no Grafo da figura VI, assume um papel de atribuidor de fala com ação mais aberta ou neutra se comparado com outros termos de entrada que podem, dentro do contexto do enunciado, ser sinônimos, como *ordenou*, *confessou*, *afirmou*, *mentiu*, *distorceu*. Quanto ao *porque*, observa-se que o termo funciona como um elemento lógico, ligando justificativa à sentença de relato. Nota-se, também que, segundo o Grafo, o termo está duplamente ligado ao *meuamigosecreto* e *diz*, justificado pela prevalência do elemento lógico ser empregado para justificar o *porquê* do *#MeuAmigoSecreto dizer*.

O verbo *vai*, empregado para referenciar ação do sujeito, tem menor destaque se comparado aos verbos psicológicos, *achar*, indicando que pode haver maior centralidade ao apontamento sobre a temática e, também, à reflexão, em vez da ação ou ocorrência relatada. É necessário, então, compreender a noção psicológica do verbo, que funciona como um elemento argumentativo de fragilização da ação do sujeito, podendo sustentar táticas de Implicação e concessão ou Causalidade, por exemplo, que buscam vincular ou estabelecer relações entre as ocorrências, conforme descrito no capítulo 3.

Destaca-se ainda a presença no Grafo da figura VI dos termos *homem* e *mulheres*, que evidenciam a centralidade das temáticas na questão de sexo biológico, sendo que o nome *mulher* aparece, também, entre os termos considerado palavras-chave:

Peso	Termo	Categoria
2,936.426	MeuAmigoSecreto	peessoa
2,917.614	Mulher	nome
1,468.209	Achar	verbo
1,468.209	adorar	verbo

TABELA 5 — CATEGORIAS FREQUÊNCIA
FONTE: LINGUAKIT

Destaca-se o verbo *adorar* e *achar*, que assume o maior peso após *MeuAmigoSecreto*, que é o elemento propulsor da campanha e, portanto, já era esperado que assumisse um eixo maior de centralidade. Observa-se que a força e centralidade dos verbos é alta, ainda que sejam empregados como articuladores de sentido diversos, já que *adorar* se comporta como um experienciador passível de ser controlado, conforme discorrido no capítulo 3 (CANÇADO, 1995).

No módulo de Estatística, o LinguaKit elabora uma nuvem de palavras, relacionando tamanho a importância e frequência com que cada uma aparece no corpus analisado. A partir disso, tem-se a figura VII:



FIGURA VII — GRÁFICO PUBLICAÇÃO MAS
FONTE: GOOGLE TRENDS

Nota-se que há alguns elementos que se destacam na figura VII devido ao destaque que têm nas publicações, seja pela frequência, seja pela ligação que realizam com outras palavras. Nesse sentido, é preciso retomar as noções elaboradas no capítulo 1, em que a hiperconexão permite nós dinâmicos, densos, transconectados, em constante remodelação (LEMOS, 2002). Sabendo que os enunciados são produzidos por usuárias distintas, a fim de expressar e construir no ambiente do Facebook suas vivências, a ocorrência comum de termos como *mulheres*, *disseram*, *achou*, *não* e *mas* se tornam elos capazes de ligar — linguística e vivencialmente — as enunciadoras.

Nesse sentido, pode-se justificar que os termos assumem posições de centralidade ou destaque pelo comportamento argumentativo que assumem nos enunciados. O *mas*, conectivo mais atrelado à oposição, e o *não*, elemento de negação, ligam-se sobretudo aos enunciados que apresentaram recursos fortes para a quebra do argumento inicial, ou seja, a contra argumentação da enunciadora.

No que se refere à interação dos termos, o grafo da figura VIII extrai informações que facilitam a visualização e comparação do acomodamento dos termos e suas interações quando o elemento chave, que é atribuído como sujeito, é retirado do corpus:

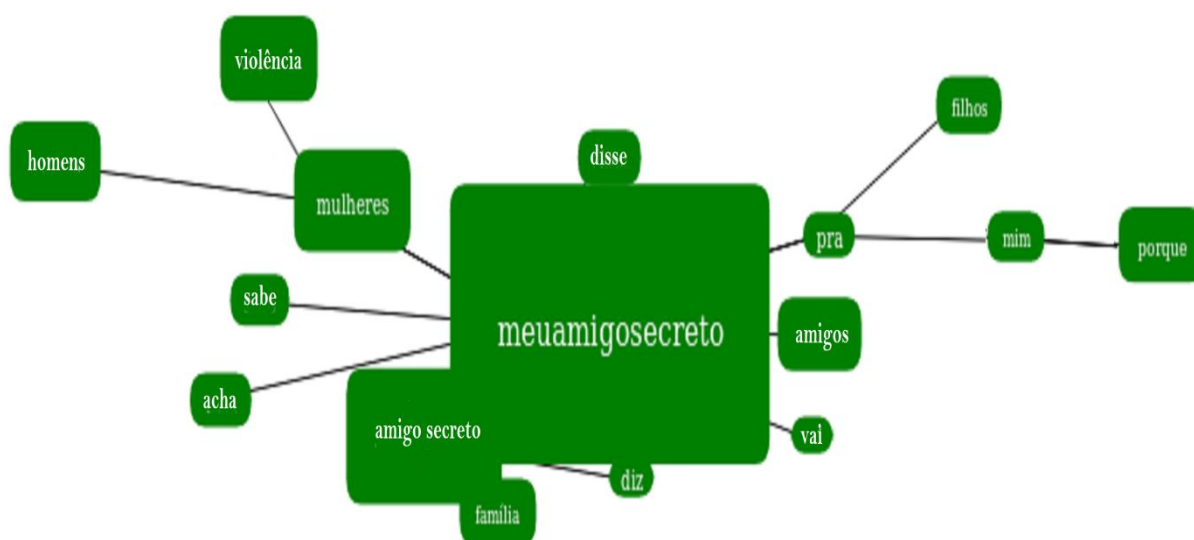


FIGURA VIII — GRAFO DE TERMOS COM #MEUAMIGOSECRETO
FONTE: SOBEK

Observa-se que há uma distribuição geográfica dos termos que envolvem “meuamigosecreto”. O lado esquerdo superior se desdobra em “mulheres” e, em seguida, por “homens” e “violência”, apontando que os dois últimos estão ligados ao termo chave por meio de “mulheres”. Portanto, a partir do grafo 2, é possível observar que há uma semelhança nas formas de posicionar os sujeitos e construir referentes, vinculando em maior ou menor grau ações e comportamentos a cada um.

No mesmo sentido, o lado superior direito apresenta um núcleo composto por “filhos” e “mim” ligados a “pra”. Nesse sentido, há uma construção com base na oposição também, em que “filhos” são postos como terceira pessoa, ainda que sofram ou vivenciem a violência denunciada. Porém, ainda que haja uma relação próxima da enunciadora, referida por “mim”, e o sujeito fora do diálogo “ele/filhos”, observa-se que essa interação compõe um núcleo à parte, distanciado do primeiro “homem-mulher-violência”.

Enquanto no grafo 3, os verbos constituídos pelos termos “vai”, “acha”, “sabe” e “disse” estão diretamente ligados ao sujeito ou à *hashtag* #MeuAmigoSecreto, os termos “homens” e “violência”, foram uma ligação de segundo grau, intermediados pelos termo mulheres, da mesma maneira que “filhos”, “família” e “mim” se distanciam em um nó do sujeito central. Percebe-se, portanto, uma relação acentuada entre o sujeito e a ação.

A relação de ligação entre os termos foi novamente gerada pela ferramenta Sobek, retirando a *hashtag* em análise. Como todo enunciado, para ser etiquetado na campanha, apresenta a #MeuAmigoSecreto, ela acaba por se tornar um elemento obrigatório nos enunciados, independente da escolha da enunciadora.

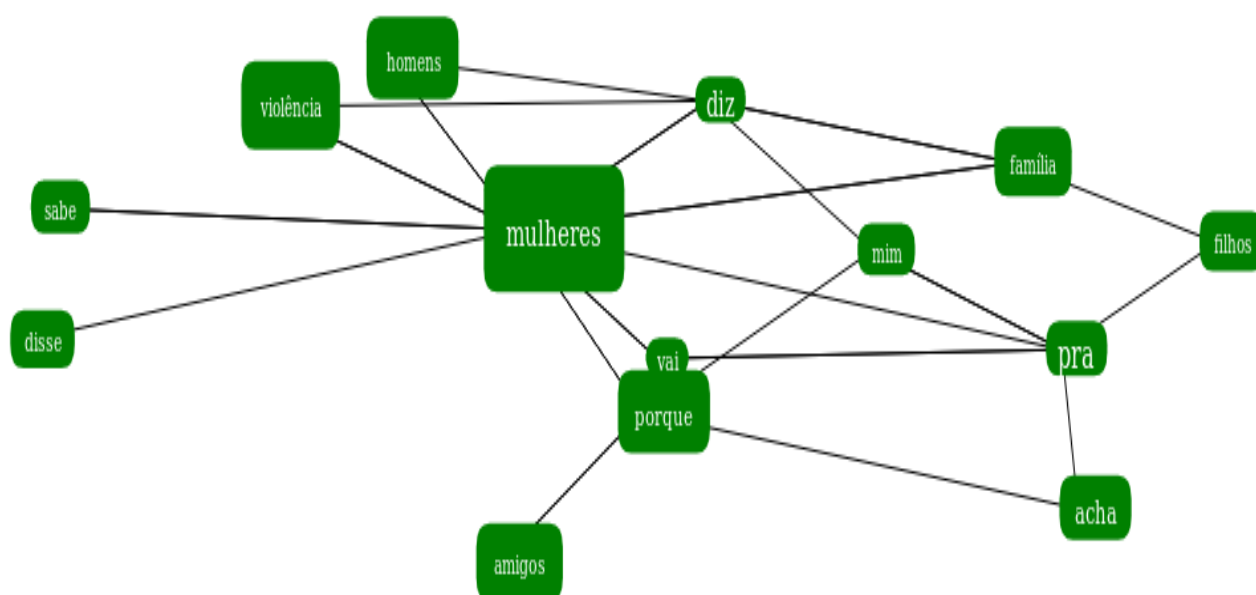


FIGURA IX – GRAFO DE TERMOS SEM #MEUAMIGOSECRETO
 FONTE: SOBEK

Quando se suprime o sujeito central da campanha — MeuAmigoSecreto —, ainda que “mulheres” se apresente como um elemento articulativo, há uma relativa equiparação da centralidade dos termos. Os verbos representados por “diz”, “vai”, “sabe” e “disse” se ligam ao elemento central, mas, comparativamente à ligação com o #MeuAmigoSecreto (figura IX) assumem um distanciamento.

No entanto, destaca-se que o contexto da violência contra as mulheres não se perde mesmo sendo a centralidade mantida no sujeito “AmigoSecreto”, já que as autoras se inserem no enunciado, seja traçando uma postagem autorreferencial — com o emprego de pronomes pessoais me/eu — ou por generalização dos elementos que se ligam a *mulher* — valendo-se das palavras “mulher”, “nós”, “elas”, por exemplo”. Ao agregar-se os termos usados como referência a quem enuncia ou a quem está sofrendo violência, se tem:

Ela/elas	17
Esposa/esposas	3
Eu	14
Me	10

Mim	5
Mina	3
Mulher	36
Namorada	3
Filho/filha (os/as)	8

TABELA 6 – TERMOS DE REFERÊNCIA À MULHER
 FONTE: LINGUAKIT

Portanto, considerando outros agentes participantes dos fatos como sujeitos que sofrem a ação, tem-se 99 eixos de referência nos enunciados analisados. Mas os elementos “Eu”, “Me” e “Mim” são pronomes pessoais que designam a própria enunciativa, fazendo com que a autorreferência esteja presente em 29 ocorrências. Em linhas gerais, esses elementos constituem marcas argumentativas que atrelam, tecem ou desfazem ações e características aos referentes. Assim, no aspecto argumentativo, categorias como Essência e aparência, Dissociação de noções e Recurso aos valores podem ser favorecidos, pois há aspectos que envolvem atribuições socialmente construídas aos referentes, como apresentado no capítulo 3.

Porém, se considerarmos que os enunciados são emitidos por mulheres e a usuária pode recorrer à generalização da desinência — ou seja, englobando-se em mulheres e seus derivados “ela”, “esposa”, “namorada”, “mina”, “mulher” e “filha” —, tem-se então os 99 eixos que possuem marcas que vertem para a própria enunciativa. Nesse sentido, a locutora pode empregar, por exemplo, as desinências de gênero contidas em “mina” — variação da palavra menina — e “mulher” — que atribui a locutora ao grupo — inserindo-se no agente passivo da enunciação e, portanto, passível de sofrer os efeitos da ação relatada. Da mesma forma que “esposa”, “namorada”, “filha” e “ela(s)” se referem a um dos papéis sociais atribuídos, aceitos ou reconhecido que as mulheres, como sujeito feminino, podem ocupar.

Assim, é preciso destacar que, perante os dados deste trabalho, há modos de mobilizar elementos a fim de torná-los auto referenciais também, recorrendo ao conhecimento comum ou compartilhado das usuárias, que, segundo Grice (1982), compreende-se como cooperação essencial para a comunicação, conforme o

capítulo 2. Para tanto, se é preciso que a interlocutora reconheça a locutora como mulher/esposa/namorada/filha submetida ao machismo sistêmico, mas também que se reconheça em algum desses papéis, recorrendo à noção de *phatos*, ou seja, à imagem que é formulada do interlocutor pelo enunciador (FIORIN, 2016).

Retoma-se que o intuito da campanha #MeuAmigoSecreto é promover e amplificar a circulação de denúncias de, entre e para mulheres usuárias das redes sociais digitais, o que reforça a construção da imagem *mulher*, ou vivência, compartilhada entre enunciador e interlocutor.

Dando atenção ao fato de que as enunciatóras relatam vivências e percepções de mundo em suas publicações, há uma produção — de informações e argumentos — demarcando uma construção autobiográfica no espaço web e, portanto, faz-se necessário observar o objetivo da usuária em se inscrever no mundo pela produção dos enunciados atrelados ao *phatos*. Considerando os aspectos de memória social, ou historicidade, abordados no capítulo 1, sobretudo perante a pluralização de vozes compondo os ambientes da web 2.0 (CASTELLS, 2000), há um movimento de construção de saberes coletivo (LÉVY, 2009). Característico da era hiperconectada, a publicização do íntimo, das experiências privadas e das vivências particulares fomentam elos, conexões inter-humanas, estabelecendo redes de afeto entre os pares — no âmbito desta pesquisa, entre as usuárias — como meio de refletir socialmente e apontar as ações de combate ao machismo e à violência contra as mulheres.

Considerando, portanto, a subjetividade presente nas escolhas dos recursos linguísticos para dar significado, observa-se que os enunciados vinculados à #MeuAmigoSecreto recorrem à demarcação do sujeito mulher, ainda que utilizando diferentes elementos lexicais como forma de contrapor ou evidenciar o distanciamento do sujeito homem denunciado. Retomando ainda as noções sobre interdependência de linguagem e sociedade (KOCH, 2011), estabelece-se essa oposição advinda do funcionamento histórico cultural da sociedade, em que mulheres sofrem violência promovida pelos homens, ao mesmo tempo, reforça linguisticamente os referentes “homem” e “mulher” — compondo principalmente formas argumentativas por Essência e aparência ou Distinção — pois que é a partir da linguagem, da interação entre sujeitos, que a linguagem constitui a noção do homem (HALL, 1997).

Observando que há, então, certa regularidade nas escolhas das locutoras, respeitando uma estrutura primeira da *hashtag*, pode-se admitir que os enunciados obedecem a uma organização relativamente estável, aceita e funcional, como abordado no capítulo 2 (KOCH, 2011).

Considerando a frequência dos dados, bem como sua funcionalidade dentro dos enunciados, tem-se, então, a seguinte organização identificada na primeira postagem, feita pelo coletivo Não Me Khalo (imagem 1), e reforçada pelas análises quantitativas do LinguaKit,:

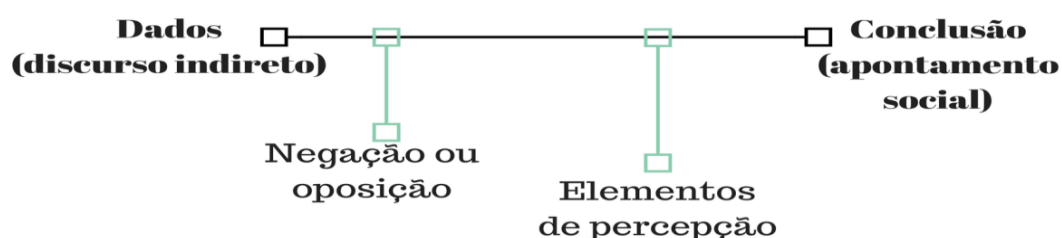


FIGURA X — ORGANIZAÇÃO ENUNCIADOS
 FONTE: A AUTORA

Dentro do corpus analisado, 29 enunciados mantiveram a estrutura ainda que recorrendo a táticas argumentativas, elementos e conectivos distintos, como em:

“#meuamigosecreto não pode nem ouvir falar em namoradinhos da filha, mas acha o máximo dizer que o filho vai pegar geral”.

Em que o enunciado se organiza com a inserção da ação do sujeito denunciado, sendo essa geralmente vinculada à violência, “não aceita namorados da filha”, seguindo com a oposição “mas” e o elemento de percepção “acha o máximo” que conduzem o interlocutor à interpretação e conclusão com base nos elementos fornecidos. Nesse caso, pode-se, por exemplo, admitir que o #MeuAmigoSecreto é pai (apontado pelos termos “da filha” e “o filho”) e atribui que deve haver diferentes comportamentos afetivos para homens e mulheres.

Ainda que toda enunciação seja carregada de um argumento ou intuito argumentativo (FIORIN, 2016), as táticas para persuadir, convencer ou cooptar o interlocutor são bastante variadas. Ressalta-se que os laços estabelecidos no ambiente das redes sociais digitais pressupõem, em um primeiro momento, os nós com atores que dividem afinidades, vivências ou interesses comuns (XAVIER, 2013). Além disso, considera-se que dentre a imensidão das possibilidades de busca ou interação com os conteúdos, os usuários irão estabelecer proximidade e relação com as temáticas e pautas que mais lhe forem próximas ou de interesse. Assim, para que o ator, no ambiente web, estabeleça um eixo de ligação, a priori, há um conhecimento ou possibilidade de conhecimento sobre o assunto (RECUERO, 2016).

A organização dos enunciados se dá, então, como forma assumida — ainda que de modo inconsciente ou automático — pelas enunciantoras que admitem o funcionamento argumentativo passível de ser preenchido pelos significados da enunciação por ela elaborada ao *phatos* conhecido — que, para Fiorin (2016) se refere à imagem que o enunciador constrói do público, ou seja, de quem recebe o argumento. A estrutura permite razoáveis alterações sem que haja uma descaracterização organizacional.

Diante do que foi exposto até o momento, os argumentos dos enunciados coletados serão analisados a partir da organização central observada: *elementos de oposição, elementos de negação, verbos de percepção, presença de discurso indireto, e, para os que não obedecem à estrutura, dados pelo contexto.*

Destaca-se que cada enunciado pode apresentar mais que um fator argumentativo, mas serão classificados e discorridos de acordo com a força argumentativa presente.

Negação e oposição

Ainda nos elementos morfossintáticos que se destacam, encontram-se o “mas” e o “não”, que desempenham um papel imprescindível na condução da interpretação pelo interlocutor. No total, dos 49 enunciados, 3 apresentam elementos de negação, 19 têm elementos de oposição e 8 enunciados apresentam ambos os recursos de oposição e negação, táticas de contra-argumentação que predominam nos enunciados da amostragem.

Assim que o discurso primeiro — ou ação a ser compreendida como negativa — é apresentada no enunciado, o elemento negação ou oposição é encadeado, procurando romper a aceitação do leitor. No contexto semântico, ambas as expressões trabalham com a ruptura do sequenciamento argumentativo, expondo a inversão (e aversão) à ação ou fato citado, organização que auxilia a argumentação por Implicação e concessão ou Causalidade, por exemplo.

Somente os enunciados 1, 3 e 23 apresentaram marcas explícitas de negação, sendo eles:

<i>ENUNCIADO 1. “#meuamigosecreto mandava muitas coisas gordofobicas, racistas e LGBTfobicas no grupo do whatsapp EVERYFUCKINGDAY. Aí no dia que eu passei um esporro no macho branco hetero e cis, ele me tirou pra loque, alguns me chamaram de violenta e disseram que eu não sei argumentar. A piada intolerante do cara e eu que sou violenta. Tenho obrigação de amaciar ego ferido de omi nao fera”</i>	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Causalidade e sucessão; Fatos

No enunciado 1, tem-se a inserção do leitor em um contexto, traçando o comportamento negativo do sujeito denunciado, em que "mandava muitas coisas gordofobicas, racistas e LGBTfobicas no grupo de whatsapp". Pode-se considerar um recurso aos Fatos, logo que os grupos de troca de mensagens, em geral, são caracterizados pela presença de mais de duas pessoas capazes de testemunhar ou refutar a denúncia.

O eixo do argumento de denúncia se apresenta no ponto de negação “Tenho obrigação de amaciar ego ferido de omi nao fera”, em que se enfatiza a quebra da sentença inicial, e também em "a piada intolerante do cara e eu que sou violenta", em que há um recurso à Causalidade de Sucessão, pois "X, porque Y. A causa de X é Y" (FIORIN, 2016, p. 158), ou seja, a usuária nomeia a ação como “esporro”, que pode ser tomada como uma resposta enfática e contundente às piadas machistas do denunciado. O ato de passar "um esporro no macho branco hetero e cis" é justificado pelo comportamento nos grupos de whatsapp, acarretando em fatos que se justificam pela relação causal. Destaca-se que a sentença “tenho obrigação de amaciar ego ferido de omi não fera” pode levar à compreensão, então, de que a usuária quebra a noção de feminilidade intrínseca à mulher. Nesse sentido, não há a intenção de reforçar que seu *esporro* não foi agressivo ou violento, mas sim de que

a violência está centrada na piada intolerante, sendo que a resposta — ou esporro — decorre dos contextos que justificam, por meio da causalidade, a ação.

ENUNCIADO 2. "Mais um #meuamigosecreto: esse enche a boca para falar que se as mulheres não querem homens mexendo com elas na rua deveriam só usar calça de moletom. Mas ele não se dá conta da própria hipocrisia e entra na justiça pedindo para tirar o teaser do documentário Chega de Fiu Fiu do ar. E meu outro amigo secreto, que é juiz, concorda."	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Argumentum Tu Quoque; Fatos;

Neste caso, o eixo do enunciado se foca no Argumentum tu quoque, em que "ele não se dá conta da própria hipocrisia". É diante da ação de tirar o documentário do ar que a enunciativa contra argumenta o sujeito. Há a argumentação pelos Fatos, em que o sujeito, ao entrar com um processo, produz um documento legal que pode ser consultado e servir como provas de sua tentativa de parar a circulação do documentário. Nesse sentido, observa-se a centralidade da contra argumentação estabelecida pelo termo *mas*, em que a segunda sentença cria um conflito com a primeira, evidenciando o sentido opositivo entre ambas, logo que a função coordenativa do "mas", "porém", "contudo" é de romper a expectativa (PERINI, 2010).

ENUNCIADO 3. "#meuamigosecreto diz que mulher que não transa com o marido pelo menos 2 ou 3 vezes por semana, não está cumprindo com a sua obrigação e que se não tem em casa vai buscar fora. Mas meu amigo secreto esqueceu, que ela não é obrigada!"	
Argumentos que fundamentam a estrutura do real; Outras técnicas argumentativas	Recurso aos valores; Modelo e antimodelo; Distorção do ponto de vista do adversário.

Ainda que o enunciado 3 apresente o elemento *mas*, dando marcas de contraposição, é a força da negação que sobressai na argumentação, pois se o termo *mas* for suprimido, mantendo apenas "ela não é obrigada", a sentença permanece enfática, não possibilitando outras leituras. Nesse caso, é possível observar a argumentação pelo Modelo e antimodelo, em que há uma condução ao

modelo social proposto do que é ou como é o comportamento correto de uma mulher em "mulher que não transa pelo menos 2 a 3 vezes por semana não tá cumprindo obrigação", seguida da apresentação da refutação, em que ela, a mulher, não é obrigada.

Destaca-se, ainda, que ao fragilizar a fala do sujeito, apresentada pelo discurso indireto, a enunciadora mobiliza táticas de Distorção do ponto de vista, em que o que foi dito se torna a própria contra argumentação.

O enunciado recobra aspectos construídos socialmente de que homens têm necessidades sexuais justificadas biologicamente e, portanto, cabe à esposa cumprir com supostas obrigações matrimoniais. O recurso aos valores é uma construção que depende do contexto cultural que, nesse enunciado, se apresenta pela exposição do senso comum, seguido da desconstrução ou apontamento da inadequação da noção social "obrigação sexual da esposa". Essa desconstrução, considerando o cenário brasileiro, só é possível devido à ascensão do feminismo e luta política, que dá vozes às desconstruções patriarcais.

ENUNCIADO 4. “#meuamigosecreto adora pagar de bonzão nas redes sociais, exibir os filhos por aí e postar fotos com eles, mas na hora do vamos ver não comparece nem com 3 reais pra comprar o biscoito das crianças.”	
---	--

Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Argumentum Tu Quoque; Fatos
---	--------------------------------

No caso 4, destaca-se que a presença do elemento *mas* indica ao interlocutor que, sequencialmente, haverá uma oposição da informação. No entanto, a enunciadora ainda emprega o elemento de negação *não*, que atua articuladamente para enfatizar a contradição do #MeuAmigoSecreto. Portanto, caso haja um apagamento do termo de oposição, não se perde o sentido ou a possibilidade argumentativa, pois mantém-se a contradição das sentenças.

Os Fatos consistem nas fotos e registros em redes sociais, construindo uma imagem de pai presente ou responsável. Diante disso, a argumentação Tu quoque consiste na apresentação da incoerência entre a imagem que o sujeito pretende

expor e as atitudes que, de fato, ele adota ao "não dar dinheiro para os lanches do filho".

ENUNCIADO 5. #meuamigosecreto critica muito a tag. Um dos argumentos que ele usa pra isso é dizer que não devemos manter amizades tão negativas. O que meu amigo secreto não vê é que essa é uma forma de dar voz a várias mulheres e que talvez esses agressores sejam o pai, irmãos,...	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Causalidade, Distorção do ponto de vista do adversário.

A causalidade consiste na sucessão das sentenças. Enquanto inicialmente a locutora aponta a ação, atribuída ao #MeuAmigoSecreto, de "criticar as tags", há um encadeamento que age como uma justificativa para o uso delas. Nesse caso, a enunciadora tece uma defesa, procedida pelo elemento de negação, como forma de contra argumento, em que participar da campanha é uma "forma de dar voz às mulheres", fazendo com que a ruptura da consequência anteriormente estabelecida seja feita pela contraposição [mas, porém, no entanto] “o que meu amigo secreto não vê”.

Destaca-se, ainda, a Distorção do ponto de vista do adversário, em que há um forte eixo argumentativo na fragilização do que o sujeito defende.

ENUNCIADO 7. #meuamigosecreto me jurava amizade e cumplicidade, mas, achou que era exagero da minha parte quando contei que o amigo dele tinha me agredido inconformado com o fim do namoro.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Argumentun to quoque, Causalidade

A condução de sentido se faz, inicialmente, com a apresentação da ação do sujeito denunciado. Pode-se considerar que a enunciadora se inclina à tática argumentativa de Causalidade, em que “um acontecimento antecede e produz dado efeito” (FIORION, 2016, p. 151), ainda que o seu uso seja como forma de fragilizar ou atacar o comportamento do MAS. Nesse sentido, “jurar amizade” e “achar exagero” são os pontos nucleares de duas ações que, dado o contexto, se

contrapõem, dando força ao *mas* – não é possível jurar amizade e desacreditar o amigo perante uma denúncia. Os verbos *jurar* e *achar*, como abordado na análise do item 5.1, denotam comportamentos de ação do #MeuAmigoSecreto e verbo de percepção, que agem como reforço de contra argumentação.

Ainda, a enunciadora recorre à deslegitimação do sujeito pelo Argumentum Tu Quoque, que visa um ataque direto ao oponente (FIORIN, 2016) ao apresentar a noção de que essa incoerência comportamental fragiliza a credibilidade do sujeito.

ENUNCIADO 9. #Meuamigosecreto já forçou a namorada a manter relações sexuais com ele, mas acha que 'estava no direito' por ser namorada.	
Outras técnicas argumentativas; Argumentos fundamentados a estrutura da realidade	Recurso aos valores; Causalidade

Há um relato sucinto da ação, sem aprofundamento situacional ou detalhamento. Nesses casos, preferiu-se não considerar a descrição um fator categorizante de Fatos, logo que pertence mais ao padrão linguístico da *hashtag* do que à escolha argumentativa da enunciadora.

Há uma compactuação sócio patriarcal de que a mulher deve manter relações sexuais com o parceiro independentemente de sua vontade, como se houvesse uma obrigação ou designação. Nota-se, então, que a própria noção admitida socialmente é usada como fator de reprovação, centralizado pelo emprego do conectivo *mas*, fazendo emergir a noção incongruente e violenta presente na afirmação. Também é importante notar que o verbo “forçar”, que indica a ação violenta do #MeuAmigoSecreto, atua como elemento linguístico de indicação de sentido, entrelaçando-se com o que Perelman e Olbrechts-Tyteca determinam como argumentação pelo absurdo (1996).

Ressalta-se ainda que o termo *mas* ganha força se for considerada relação com o verbo de percepção *achar*, que se comporta como um termo passível de ser controlado pelo experienciado, conforme Cançado (1996). Nesse sentido, o sujeito acha que tem a capacidade de controlar o estado psicológico, ou seja, não achar. O que fragiliza o argumento de “estar no direito”.

ENUNCIADO 11. #meuamigosecreto são vários, e eles(as) são contra o aborto

até a 12ª semana de gestação, mas quando eu conto que perdi um bebê de 8 semanas (o que pra mim foi o maior sofrimento do mundo), tratam com descaso. Tipo, "Áh, mas era novinho" "Mas você ainda nem...	
Argumentos que fundamentados a estrutura da realidade; Argumentos que fundamentam a estrutura do real, Outras técnicas argumentativas	Argumentum tu quoque, Ilustração, Distorção do ponto de vista do adversário.

A fim de legitimar ou validar os enunciados, a Ilustração foi associada ao Argumentum Tu Quoque, como recurso de dar mais legitimidade ou credibilidade ao relato. Nesse caso, usam-se situações vivenciadas para enfatizar que não se trata apenas de explicações ou casos pontuais ou improváveis. Nesse caso, há uma relação quantificadora direta, em que um problema comum repercute mais intensamente.

Há, ainda, 2 aspectos interessantes, em que a enunciativa mobiliza discursos indiretos, mas atribuídos ao comportamento geral. Ou seja, não é, necessariamente, a descrição da fala de uma pessoa específica, mas sim falas compartilhadas, reproduzidas, repetidas. Nesse sentido, o discurso indireto é o eixo contra argumentativo à ação de *ser contra o aborto*, compondo uma tática de Distorção do ponto de vista do adversário.

ENUNCIADO 12. #meuamigosecreto pega todas e morre de orgulho, mas acha que mulher que pega todos é vagabunda. ^_(\ツ)_/^	
Dissociação de noções; Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Essência e aparência; Argumentum Tu Quoque; Recurso aos valores

O recurso aos valores é vinculado à institucionalização comum social que carrega aspectos de que, por exemplo, mulher precisa se dar ao respeito é reproduzida no enunciado como sentença de reprovação. É necessário, no entanto, que o interlocutor compreenda e compartilhe a intenção que a locutora tem de apresentar o senso comum como valor de absurdo. Nesse sentido, observa-se a noção de generalização, atribuída pelos termos *todas* e *todos*. Há, então, uma tentativa de amplificar a ocorrência, ou seja, se o interlocutor for também uma

mulher, ao generalizar e estender a violência narrada como comum às mulheres, inscreve-se a violência como passível de ser experienciada também pelo público.

A locutora cobra do interlocutor a atribuição de papéis comportamentais atribuídos aos elementos homem e mulher. Ou seja, é preciso que haja ciência de que, no senso comum, aceita-se o homem dispor de um comportamento sexual livre, mas a mulher não. Sabendo disso, o interlocutor pode deslegitimar o sujeito da denúncia, logo que sua justificativa é incondizente ou incoerente.

ENUNCIADO 15. #meuamigosecreto é uma pessoa muito madura de muitos valores e princípios. Ele "xinga" uma criança de dez anos de viadinho porque tem ciúmes de uma tia. Ele tem mais de 20 anos	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Dissociação de noções	Argumentum Tu Quoque, Essência e aparência.

Nesse enunciado, a enunciadora recorre à essência e aparência, em que ter 20 anos pressupõe maturidade. Ainda que não haja um conectivo explícito, pode-se considerar "madura de muitos valores e princípios, mas ele "xinga". Assim, há um conectivo argumentativo implícito que opõe maturidade à ação esboçada na segunda sentença de xingar uma criança, pois, como discutido no capítulo 2, a construção da interpretação pelo interlocutor se vale das experiências, conhecimentos, vivências e outros recursos que não são dados pelo enunciado.

ENUNCIADO 16. #meuamigosecreto tem nojo de casal homossexual masculino mas hiperssexualiza casal lésbico	
Dissociação de noções; Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Essência e aparência; Argumentum Tu Quoque

Nesse enunciado, o interlocutor precisa recorrer ao conhecimento social com base no patriarcado, em que a homossexualidade é rejeitada ou abominada, mas há uma exceção parcial: a lesbianidade ou, mais especificamente, o sexo entre duas mulheres, compondo uma relação de O todo e as partes, logo que casais lésbicos e gays fazem parte do mesmo grupo maior LGBT e, por isso, necessitam de condições iguais. Nesse sentido, é preciso saber que a relação sexual, e não necessariamente

o relacionamento homoafetivo, é hiperssexualizado e tido como produto de desfrute masculino. Portanto, ocorre uma incoerência entre as ações do sujeito denunciado que aplica dois pesos a cada situação, noção essa fortalecida pelo operador *mas*, que conduz à contraposição das sentenças.

ENUNCIADO 19. #Meuamigosecreto é o típico esquerdomacho que prega amor livre mas só se relaciona com mina padrão. Se você questiona seus "gostos" diz que não se pode controlar o coração.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras táticas argumentativas; Argumentos que fundamentam a estrutura do real	Argumentum Tu Quoque; Distorção do ponto de vista do adversário; ilustração

O Argumentum Tu Quoque invalida o sujeito denunciado quando a enunciativa confronta o comportamento de *pregar o amor livre e relacionar-se apenas com mina (mulher) padrão*. Nesse sentido, há uma incoerência que deve ser dada ou atribuída pelo contexto e demarcada e reforçada pelo elemento linguístico *mas*. Para isso, o interlocutor precisa compreender o sentido de "mina padrão" como esteticamente aceitável, bonita, bem como as noções de "amor livre", que se refere a relacionamentos abertos ou não monogâmicos.

Apesar de não haver, necessariamente, uma relação direta entre o relacionamento aberto e os aspectos estéticos, a sentença "mas só se relaciona com mina padrão" faz com que o interlocutor seja conduzido a estabelecer uma conexão de oposição entre a primeira sentença "prega amor livre".

Junto à categoria Argumentum Tu Quoque, nota-se que há a associação de recursos voltados ao sujeito visando à deslegitimação da ação relatada ou pelo ataque direto ao #MeuAmigoSecreto, reforçando o aspecto do Argumentum Tu Quoque (FIORIN, 216). Nesse sentido, ainda que a Distorção do ponto de vista do adversário pertença a outra categoria (Outras Técnicas Argumentativas), há um objetivo ou mecanismo comum entre ambas, que funcionam pela fragilização da imagem do sujeito.

Destaca-se ainda a presença do discurso indireto, dado pelo "diz que". O emprego, que ocorre ao final do enunciado, consiste em reforçar o encaminhamento

argumentativo To quoque, já que o discurso indireto acentua a hipocrisia ou incompatibilidade da ação e comportamento do sujeito.

ENUNCIADO 22. #meuamigosecreto usa essa <i>hashtag</i> pra pagar de desconstruído mas sabemos que ele é um bosta machista que se apropria de holofote de luta e adora ser misógino às escondidas	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Argumentos quase lógicos	Argumentum tu quoque; Princípio da não contradição

A enunciadora, nesse caso, recorre à negação explícita do comportamento supostamente adequado do sujeito denunciado. Enquanto "usa essa tag para pagar de desconstruído" remete à noção de um sujeito livre do machismo e preconceitos, o *mas* conecta a segunda sentença de que, segundo a enunciadora, o sujeito realmente é "um bosta machista". Na sequência, a sentença que indica a apropriação da campanha pelo #MeuAmigoSecreto com a pretensão de autopromoção contrapõe, diretamente, a ideia de utilizar a *hashtag*. Assim, tem-se a manifestação da argumentação pela não contradição, em que algo não pode ser e não ser ao mesmo tempo (FIORIN, 2016), ou seja, não se pode ser machista e desconstruído ao mesmo tempo.

ENUNCIADO 23. #meuamigosecreto acha que lutar pelo direito ao voto, a um salário equivalente, a não sofrer com violência doméstica nem assédio nas ruas ou ambiente de trabalho é frescura. E está errado.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Argumento do desperdício

A enunciadora recorre ao Argumento do não desperdício, em que os poucos direitos conquistados pela luta das mulheres são vulneráveis e, caso a luta não se mantenha, há riscos quanto à permanência desses, conforme discutido no capítulo 3. Como há pontos sociopolíticos ainda presentes, como a luta pelo salário igualitário, a enunciadora estende o argumento como causa ao não retrocesso. Ou seja, ao mesmo tempo em que imprime a noção de não desperdiçar os direitos conquistados, deve-se continuar para conquistar os que ainda não foram assegurados. A segunda sentença parte da noção de oposição afirmativa de "está

errado", explanando possíveis aberturas a outras leituras. Nesse caso, a força argumentativa está centralizada na negação enfática do sentido construído.

ENUNCIADO 24. #meuamigosecreto Diz que odeia violência, mas quando presencia uma, finge que não esta vendo.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade, Outras técnicas argumentativas	Argumentum Tu Quoque; Implicação e concessão, Distorção do ponto de vista do adversário.

O argumento do enunciado consiste em evidenciar a incompatibilidade entre a fala "diz que odeia violência" e a ação "fingir que não vê uma", reforçada pelo conectivo *mas*, emprego que fortalece o recurso argumentativo pela Distorção do ponto de vista do adversário. A enunciativa recorre à noção de que odiar algo atua como indicativo para combater ou não admitir algo. Nesse sentido, também se pode considerar a Argumentação por Implicação e concessão, em que a enunciativa atribui um rompimento da regularidade, da expectativa que se atrela à informação de "odiar a violência".

Nota-se ainda que os elementos *presencia* e *vendo* designam uma ação/comportamento mantidas pelo sujeito citado, e "finge" assume posição de percepção do sujeito quanto à ação. Ao fingir não ver, o enunciado opõe, estabelece um conflito entre as sentenças.

ENUNCIADO 26. #meuamigosecreto age como fodão e tem tanta opinião sobre tudo, mas sempre que eu copio e colo a postagem dele no Google, eu encontro a fonte.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Argumentum Tu Quoque; Implicação e concessão; Fatos

A argumentação com base em fatos ocorre pela possibilidade da memória digital, em que podem-se buscar as publicações do sujeito denunciado e verificar a autenticidade ou autoria. A enunciativa recorre à argumentação por Implicação e concessão, em que 'ter opinião' depende da originalidade ou conhecimento do sujeito denunciado. Ainda é preciso que o interlocutor compreenda o termo "fodão" como adjetivo positivo ou favorável. Assim, ao tornar pejorativa a ação de copiar

conteúdo e não apresentar autoria, a enunciadora desqualifica o sujeito, pelo Argumentum to quoque e pelo conectivo *mas*, invalidando ou fragilizando a relação entre construção e comportamento do sujeito.

ENUNCIADO 27. Meu amigo secreto gosta de ficar encostando nas mina, mesmo quando elas se afastam. Diz que é brincadeira, que ele é carinhoso. Ele se diz libertário, pró feminismo e fica com homens em balada mas gosta de ser chamado de hetero.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade, Outras técnicas argumentativas.	Argumentum Tu Quoque; Implicação e concessão, Distorção do ponto de vista do adversário.

No caso 27, o eixo argumentativo se centraliza na invalidação da imagem que o sujeito #MeuAmigoSecreto constrói perante aos seus comportamentos, recorrendo ao Argumentum to quoque. Nesse sentido, ser "libertário, pró-feminismo e ficar com homens em balada" configura um eixo de adjetivação positiva, inclusive autoproclamada pelo próprio sujeito (aspecto descrito por meio do elemento atributivo de paráfrase "se diz"), que se opõe ao eixo que descreve o comportamento "gosta de ser chamado de hetero e gosta de ficar encostando nas mina". Há também, no trecho final, uma relação de Implicação e concessão, em que *se fica com homens não é hetero, mas expressa que prefere ser chamado de hetero*. Assim, como destaca Fiorin (2016, p. 149), é um esquema de argumentação com base em premissas consecutivas, em que *a*, embora *b*, havendo uma quebra da expectativa, ou seja, fica com homens, embora se diga hetero.

Destaca-se que o elemento *mas* aparece no ponto argumentativo secundário, em que opõe objetivamente as condições "fica com homens na balada" e "gosta de ser chamado de hetero". Nesse aspecto, a enunciadora coloca em oposição o que o sujeito diz e o que faz por meio da distorção do ponto de vista do adversário, que visa fragilizar o que foi anteriormente exposto, de acordo com o que foi visto no capítulo 3.

ENUNCIADO 28. #meuamigosecreto é autor de um projeto que restringe o atendimento as mulheres vítimas de violência sexual e criminaliza os profissionais de saúde que oferecem ajuda e informações para elas, um retrocesso gigante na luta pelos direitos das mulheres. E ele ainda diz que é

vítima de uma campanha de ódio que o quer colocar como inimigo das mulheres.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Fatos; Argumentum ad hominem; Argumento do desperdício

No enunciado 28, a enunciadora aponta a violência por meio do apontamento da fragilização social às mulheres em geral por meio da apresentação de um projeto de lei que, conforme o enunciado, significa "um imenso retrocesso". Por tratar-se de uma ação política, a informação de "um projeto que restringe o atendimento às mulheres e criminaliza profissionais de saúde", pode ser confirmada, por exemplo, por meio da checagem aos documentos oficiais do Congresso, afirmando a veracidade do que a enunciadora defende.

Pode-se emergir o argumento do desperdício, em que a enunciadora recorre ao apontamento de que o projeto em questão retrocede na luta das mulheres, por retirar direitos concedidos. Nesse sentido, Fiorin (2016), aponta que a tática argumentativa visa não perder os esforços empregados e as conquistas obtidas. Essa noção é, ainda, reforçada com o emprego do adjetivo "gigante", que confere destaque ao aspecto negativo do ato de retroceder.

Ainda se destaca que, ao empregar os elementos "E ele ainda" entre as sentenças, a enunciadora aponta que o sujeito se posiciona como vítima a situação. Estabelecidos os sentidos nucleares das sentenças 1. *O #MeuAmigoSecreto promove a violência social [E ele ainda]* 2. *Se acha vítima*, a enunciadora opõe as duas sentença, caracterizando um recurso ao Argumentum tu quoque, esboçando a incoerência entre as ações.

ENUNCIADO 29. O #meuamigosecreto fala que respeita as mulheres, mas não suporta ver uma na Presidência da República.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Quase lógicos	Argumentum Tu Quoque; O todo e as partes

No caso 29, a enunciadora se vale da tática Tu quoque para invalidar e apontar a discrepância entre o comportamento "respeitar as mulheres" e a ação "não suportar ver uma mulher na presidência". Como já destacado no subitem 5.1, o

enunciado 29 apresenta o termo *mas*, que demarca a oposição, dando força à argumentação que se vale da incompatibilidade das ações. Nesse sentido, pode-se considerar o argumento complementar pela tática do O todo e as partes, em que, de acordo com Fiorin (2016) *o que vale para as partes vale para o todo* ou *o que é empregado para o todo vale para as partes também*. Sendo a presidenta (parte) uma mulher (todo), respeitar as mulheres precisa incluir respeitá-la em seu exercício político, *logo*, *não* admitir mulher na atuação política consiste em não respeitar mulheres.

ENUNCIADO 32. O #meuamigosecreto já disse a uma mulher que ela não "merecia" ser estuprada. (Alguma merece?)	
Argumentos quase lógicos	Reciprocidade; Inclusão e divisão

Nesse caso, a enunciativa recorre à tática de Inclusão de divisão para construir o enunciado, pois a primeira sentença indica a ação do sujeito denunciado de dizer a uma mulher que ela não merece ser estuprada. Nesse sentido, pode-se tomar a fala como uma unificação ou singularização, por parte do #MeuAmigoSecreto, em que uma mulher, apenas aquela, não merece ser estuprada.

Para contra argumentar, a enunciativa, ao questionar entre parênteses se alguma merece, envolve dois polos argumentativos – Inclusão e divisão e Reciprocidade —, em que *se uma não merece ser violentada, nenhuma merece*, logo que há uma identidade mútua, uma caracterização biológica comum que une determinadas pessoas na classe de Mulher. A noção, contida na fala do sujeito denunciado, portanto, se estende a todas as mulheres, logo que uma parte compõe o todo. No sentido inverso, não se pode isolar as partes, fazendo com que uma única mulher seja sempre integrante do todo.

Além disso, a força argumentativa ocorre também pelo questionamento “Alguma merece?”, que se articula como uma oposição ao que foi apresentado. Observa-se o deslocamento da sentença com os parênteses, em que é possível preencher ou interligar as sentenças com conectivos opositivos: [mas] *alguma merece?*.

ENUNCIADO 33. O #meuamigosecreto disse que política não é lugar de mulher e que meu mandato seria à sombra do meu marido. Mal sabe ele o quanto eu trabalho para ter meu espaço e minhas conquistas.	
Dissociação de noções; Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Essência e aparência; Causas necessárias e suficientes.

O enunciado 33 remete à Essência e aparência ao apresentar o posicionamento do sujeito denunciado, em que *mulheres não têm perfil ou aptidão para a política*, tecendo uma noção de que possa haver relações entre atuação social e gênero.

Como contra argumento, a enunciadora recorre à contraposição da sentença, pois *ter espaço e conquistas* é um sentido crítico ou conflitante à *política não ser lugar de mulher*. Nesse sentido, o enunciado compreende uma tática de Causas necessárias e suficientes, em que conquistar objetivos e ganhar espaço — na política e fora dela — se tornam precedentes para que lugar de mulher seja também na política.

ENUNCIADO 35. #MeuAmigoSecreto defende mulheres ocupando mais espaços, mas afirma que tem poucas mulheres na política porque elas são menos votadas, ignorando o sistema político brasileiro.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Fatos; Distorção do ponto de vista do adversário

No caso 35, a enunciadora recorre à Distorção do ponto de vista do sujeito como modo de invalidar o argumento do sujeito, recorrendo também ao termo *mas*, de que a ausência feminina na política se dá pela baixa aceitação da população nas eleições. Para isso, a enunciadora recorre também ao argumento pelos Fatos, pois as estatísticas e votos válidos podem ser constatados por meio de pesquisas e levantamentos, tanto da quantidade de votos válidos quanto das candidaturas femininas nas eleições. Nesse sentido, “ignorando o sistema político brasileiro” indica que há outro fator propiciando a baixa participação de mulheres na política, fragilizando a tese defendida pelo sujeito.

ENUNCIADO 37. #meuamigosecreto não pode nem ouvir falar em namoradinhos da filha, mas acha o máximo dizer que o filho vai pegar geral.		
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Dissociação de noções; Quase lógicos	Argumentum Essência Argumentum a pari	Tu e aparência;

Com base na Essência e Aparência, a enunciadora, no caso 37, aponta que o sujeito denunciado atribui comportamentos esperados aos homens e às mulheres, pois “não pode ouvir falar em namoradinhos” se liga à filha, atribuindo aspectos negativos, enquanto “acha o máximo pegar todas” se refere ao filho, atribuindo aprovação.

Nesse sentido, a enunciadora estabelece uma fragilização do comportamento do #MeuAmigoSecreto perante a argumentação *A pari*, em que duas situações semelhantes merecem tratamentos equivalentes, que é reforçada pela presença do conectivo *mas*. Porém, faz-se preciso que haja uma noção compartilhada pelo público de equidade entre os sexos, senão, pode-se admitir compreensível distinguir comportamentos dos homens e das mulheres.

Há, ainda, uma possível condução de sentido que se fundamenta entre "namoradinhos da filha" como oposição direta a "o filho vai pegar geral". Considerando um recurso Implícito, que é construído pelas engrenagens sociais (FIORIN, 2016), *namoradinhos*, pode assumir referência ao compromisso afetivo, enquanto *pegar geral* pode designar ausência deste. Se assumir-se que *namoradinhos* se opõem em mesmo nível a *pegar geral* (ou não-namorados), pode-se conduzir o interlocutor a noção de que não há igualdade entre os pares filho e filha. No entanto, partindo da noção de que há uma assimetria dos status afetivos, tem-se uma hierarquização com base no sexo, fazendo com que a construção do enunciado remeta novamente à Essência e aparência, porém como forma de contra argumentar.

ENUNCIADO 39. #meuamigosecreto é de esquerda, se diz "pró feminismo" e afirma ser ~um homem desconstruído~, mas exclui a possibilidade de se relacionar com uma mulher trans, porque, de fato, não a reconhece como mulher.		
Argumentos fundamentados na	Argumentum Tu	Quoque; Causas

estrutura da realidade;	necessárias e suficientes
--------------------------------	---------------------------

No enunciado 39, é necessário que o interlocutor saiba e compartilhe as noções sobre pessoas trans* e sobre o posicionamento *de esquerda, pró feminismo e homem desconstruído*, que, nesse caso, a noção de desconstrução assume a necessidade de não-exclusão ou não-segregação. Sabendo que pessoas trans* são as que se identificam ou reivindicam o reconhecimento com um gênero diferente daquele socialmente vinculado ao sexo com que nasceram, e que o sujeito denunciado, de fato, não reconhece a legitimidade da identidade das mulheres trans*, há um conflito de posicionamentos, invalidando o sujeito pelo Argumentum Tu Quoque. O conflito é linguisticamente marcado pelo conectivo *mas*, porém, destaca-se ainda a presença de elementos que remetem ao discurso indireto, como “se diz” e “afirma”, capazes de atribuir força ao relato.

Também, pode-se observar que a enunciativa recorre à tática argumentativa de Causas necessárias e suficientes, em que é necessária a "aceitabilidade de identidades trans*" para se dizer desconstruído.

<p>ENUNCIADO 41. #meuamigosecreto só vai pra balada pra pegar mulher, mas ele não sabe ouvir "não" como resposta. quando a menina diz que tem namorado, ele continua a insistir (enquanto ela está claramente desconfortável com a presença dele ali): "mas cadê esse namorado que não tá aqui?", "eu não sou ciumento", "se seu namorado se importasse, ele não te deixaria aqui sozinha", "ele não precisa ficar sabendo", "o que os olhos não veem o coração não sente", "você tá mentindo, não tem namorado, não", "se você tivesse namorado mesmo, ele estaria aqui". e insiste segurando o braço da garota, colocando as mãos na cintura dela, babando no ouvido dela, sem entender que "não" é "não", independentemente de a mulher ser realmente comprometida ou não. mas, se o acompanhante da menina aparece de verdade, #meuamigosecreto pede desculpas para o cara e, não, para ela. diz um "foi mal, brother, não sabia que ela tava contigo", afinal, para o #meuamigosecreto, a mulher não tem direito de dispensá-lo, a não ser que ela realmente já seja "propriedade" de outro homem.</p>	
<p>Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Argumentos que fundamentam a estrutura do real; Argumentos quase lógicos, Outras táticas</p>	<p>Implicação e concessão; Causas necessárias e suficientes; Ilustração; Tautologia; Distorção do ponto</p>

argumentativas	de vista do adversário.
----------------	-------------------------

No caso 41, a enunciadora faz uma descrição longa, se comparada aos demais enunciados, como forma de construir um apelo, ou elo, com os interlocutores — que pode compor um recurso ao *phatos*. É possível considerar o recurso à argumentação pela Ilustração, que age como forma de enfatizar a tese relatada, dando concretude e tornando-a sensível. A tática é empregada como reforço de algo tido como aceito ou compartilhado pelos interlocutores, e, “por isso, não se destina à comprovação, mas à comoção; volta-se mais para o sentimento” (FIORIN, 2016, p. 188), características observadas, por exemplo, pelo relato prolongado e detalhado das falas do #MeuAmigoSecreto envoltas pelo contexto que negativa o comportamento, como em “ele continua a insistir (enquanto ela está claramente desconfortável com a presença dele ali): "mas cadê esse namorado que não tá aqui?".”

Destaca-se a presença de elementos como o *mas* e o *não* no decorrer de todo o relato, articulando a oposição das ações e a negação enfática do comportamento.

Observa-se, ainda, uma apresentação da tática de Implicação e concessão na descrição do #MeuAmigoSecreto, em que o sujeito crê numa série de implicações como:

- Se está sozinha na balada, não tem namorado; Se tem namorado, ele estaria junto;
- Se o namorado se importa com o relacionamento, não a deixaria sozinha; Se a deixa sozinha, não se importa;
- Se o namorado não souber da traição, não haveria problema.

Portanto, o comportamento do sujeito é, segundo o enunciado, defendido pela crença de que há relações causais entre as premissas que o permitem ou justificam.

Pode-se considerar que a contraposição argumentativa ocorre principalmente a partir do termo "sem entender", que é seguido pelo reforço da negação "Não é não". Nesse ponto, há uma aproximação da Tautologia, em que se a sentença for isolada, não há nenhum acréscimo informacional ao sujeito, havendo uma argumentação baseada no princípio Quase lógico (FIORIN, 2016). Portanto, a enunciadora apresenta que o sujeito "não sabe ouvir "não" como resposta", fazendo

com que o elemento de negação, no comportamento cotidiano e nas esferas de interação social, possa adquirir sentidos distintos. Ou seja, mesmo perante uma resposta negativa, há um aval sócio cultural que admite a vagueza do *não*.

Para o apontamento da violência comportamental contida na subversão do “*não*”, a tautologia empregada pela enunciativa “*não é não*” conduz o interlocutor à crença de que a negação deve sempre ser compreendida como uma negação em seu sentido básico, ou seja, sem exceções.

Por fim, no trecho “*mas, se o acompanhante da menina aparece de verdade, #meuamigosecreto pede desculpas para o cara e, não, para ela*”, o conectivo *mas* insere uma oposição ao comportamento apresentado no início do enunciado, seguido de “*afinal*”, que é um elemento conclusivo. O argumento do enunciado se concentra, sobretudo, na parte final, em que se conduz à noção de que apesar da insistência, é perante a presença do namorado da mulher que o sujeito desiste e admite o erro, pois a mulher não tem direito de dispensá-lo, a não ser que já seja “*propriedade*” de outro homem. Há, nesse ponto, uma argumentação que recorre às Causas necessárias e suficientes, em que basta a presença do namorado para que o respeito, ainda que distorcido, demonstre-se no comportamento do sujeito.

Por fim, destaca-se que todo o enunciado é permeado pelo tecer argumentativo da enunciativa com base na fragilização ou Distorção do ponto de vista do adversário. Como discutido no capítulo 3, Fiorin (2016) aponta que há diversas formas de subverter o que o sujeito diz, seja por implicações, modalizações ou apontamentos da incoerência.

ENUNCIADO 42. #meuamigosecreto sabe reclamar de campanhas feministas na internet, mas oral que é bom ele não sabe fazer ~_(\ツ)_/	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Argumentum ad hominem

A enunciativa recorre ao ataque direto ao sujeito, sem que haja uma relação condicionante entre o comportamento “*atacar campanhas feministas na internet*” e o contra argumento, conectado pelo *mas*, “*fazer oral*”. Nesse sentido, segundo Fiorin (2016), não há uma tentativa de fragmentar ou invalidar o comportamento pelo que está diretamente relacionado ao enunciado ou esboçado pelo enunciador, mas sim

tecendo uma apresentação do sujeito como incompetente ou não confiável (2016, p. 170).

<p>ENUNCIADO 43. #meuamigosecreto me disse que eu morreria solteira pq homens não gostam de mulheres muito independentes, muito bem resolvidas, que expressem demais sua opinião e que dêem gargalhadas indiscretas... Disse-me que os homens iam ser apenas meus amigos.. E olhe lá! O pior é que esse #meuamigosecreto foi apenas o que teve a cara de pau de verbalizar essa opinião, mas a grande verdade é que muitos coleguinhas acham a mesma coisa, vide as esposas que escolhem que servem pra posar para uma bela foto, que ficam mudas numa roda de conversa, que fazem vista grossa às suas puladas de cerca e que de quebra ainda aceitam aquele sexo protocolar imposto por eles. Eu tô fora.. Pois que eu morra solteira, linda, livre e plenamente feliz.</p>	
<p>Dissociação de noções; Outras técnicas argumentativas; Argumentos que fundamentam a estrutura do real</p>	<p>Essência e aparência; Distorção do ponto de vista do adversário; Modelo e antimodelo</p>

Tem-se, no enunciado 43, uma denúncia que se baseia na Essência e Aparência, em que, ao descrever o comportamento do sujeito #MeuAmigoSecreto, a enunciativa esboça características e comportamentos que são atribuídos às mulheres numa esfera geral. A noção de que "homens não gostam de mulheres muito independentes, muito bem resolvidas, que expressam demais sua opinião" não é atribuída somente ao sujeito denunciado, mas sim à sociedade, pois, conforme apontado no capítulo 2, há termos que podem atuar criando universos especificadores fazendo com que *homens*, empregado na sentença em destaque, possa designar a todos os sujeitos definidos como homem ou indicar um comportamento majoritário entre eles. Assim, a condução de sentido de que, de modo generalizante, sujeitos do sexo masculino não aprovam determinados comportamentos da mulher é ainda reforçada pela sentença que prossegue no enunciado "o pior que esse #meuamigosecreto foi apenas o que teve a cara de pau de verbalizar essa opinião, mas a grande verdade é que muitos coleguinhas acham a mesma coisa", em que a própria enunciativa estende a ação a outros sujeitos que, efetivamente, não verbalizaram a opinião.

Ainda destaca-se que o termo *mas* é seguido pelo adjetivo "grande", capaz de conferir um peso maior ao trecho opositivo, e, na sequência, a enunciativa recorre à

tática de Modelo e antimodelos, pois esboça que esses comportamentos, que são adotados pelas "esposas que (...) servem para posar para uma bela foto, que ficam mudas numa roda de conversa, que fazem vista grossa às suas puladas de cerca" compõem um antimodelo que, verdadeiramente, as mulheres devem seguir. Vale ressaltar que há uma alternância de comportamentos ideais e refutáveis entre o posicionamento da enunciativa (mulheres) e do #MeuAmigoSecreto (homens), pois o que pode, num primeiro momento, ser tomado como modelo a ser seguido pelas mulheres, de acordo com a visão dos maridos, é desqualificado pela enunciativa na adjetivação final, em que, ao confrontar o modelo machista, posso ser "linda, livre e plenamente feliz", indicando que o ideal masculino se opõe à liberdade, felicidade e beleza.

Por fim, pode-se considerar a argumentação por Distorção do ponto de vista do adversário, em que a enunciativa utiliza o posicionamento e as crenças do sujeito para apontar a incoerência existente, logo que o comportamento idealizado pelo sujeito impede que a mulher se torne "livre e plenamente feliz". Assim, há um ataque ao que é defendido pelo #MeuAmigoSecreto, fragilizando as operações associativas estabelecidas.

ENUNCIADO 44. #MeuAmigoSecreto não deixava a namorada sair a noite com as amigas, mas ele podia sair com os amigos, porque "homem é diferente".	
Dissociação de noções; Argumentos quase lógicos	Implícitos; Essência e aparência; Argumentum a pari.

A enunciativa, no caso 44, acusa o sujeito com base no Argumentum a pari, que "postula que casos semelhantes têm que ter tratamento semelhante" (FIONRIN, 2016, p. 132). Portanto, tem-se um casal e, de acordo com o julgamento do sujeito denunciado, cada membro deve assumir um comportamento e uma liberdade distintos. A partir do emprego do "mas", estabelece-se o primeiro eixo de oposição, em que *a mulher não pode e o homem pode*. Em seguida, o "porque" vincula a justificativa e reforça a incoerência que se manifesta pela tática de Implícitos, pois o conectivo, nesse caso, não assume uma condição de aceitabilidade, mas sim de contravenção, em que "homem é diferente" reforça a noção de que deve haver equidade e igualdade entre homens e mulheres.

Também se ressalta que, na formulação da descrição do #MeuAmigoSecreto, emergem noções argumentativas de Essência e Aparência, em que o sujeito denunciado remete ao comportamento socialmente construído de homens, passíveis de desfrutarem da liberdade, e mulheres, condicionadas ao lar e ao relacionamento amoroso.

ENUNCIADO 45. #meuamigosecreto tem nojo de mulher gorda, andar de mão dada ele não quer, mas na hora do sexo...Ele adora!	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Argumentum Tu Quoque

A enunciadora, nesse caso, recorre à apresentação do comportamento do sujeito “tem nojo de mulher gorda” colocado em oposição, atribuída pelo conectivo “mas”, a “na hora do sexo...Ele adora!”. Apontando a incoerência entre as noções articuladas, a fragilização do sujeito, bem como a construção argumentativa, se faz pela tática To quoque.

ENUNCIADO 46. #meuamigosecreto é super a favor da família tradicional. Tanto que agride os filhos e a esposa, deixou a mãe num asilo, vive saindo com prostitutas e não dispensa uma orgia.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Argumentum tu quoque; Argumentum ad hominem; Causalidade; Recurso aos valores.

A oposição, no caso 46, ocorre pelo emprego do termo “tanto que”, que funciona como um elemento de inversão semelhante ao *mas*. Para a compreensão da sentença, é preciso que o interlocutor conheça as atribuições que *família tradicional* carrega. O termo, que circula amplamente dentro e fora dos ambientes web, refere-se à noção utópica do núcleo familiar baseado nas hetero-gênero-normatividades, construindo uma descrição com Recurso aos valores.

Nesse caso, faz-se preciso observar ainda o emprego dos definidores ou descritivos comportamentais *agride* (filhos e esposa), *deixar num asilo* (a mãe), *sair*

com prostitutas, não dispensa orgias, que se contrapõem às noções socialmente atribuídas à família tradicional, como ética, respeito, fidelidade, responsabilidade.

Pode-se portanto, tomar a condução do enunciado por dois caminhos que, ainda que próximos, têm uma sutil diferença. Se o interlocutor souber apenas da característica composicional de uma família tradicional (casal heteroafetivo) e que seguem as tradições religiosas e morais da sociedade, pode-se compreender que o termo "tanto que", que age como um conectivo, assume posição de ironia, contrapondo a característica de moralidade/civilidade (em que uma família tradicional é uma família boa) ao comportamento "agrider os filhos, deixar a mãe no asilo e sai com prostituta". Porém, se o interlocutor compartilhar a noção de que o termo família tradicional constitui um adjetivo adotado e compartilhado no ambiente web como forma de ironizar ou adjetivar pejorativamente por falsa moralidade ou as falhas éticas, o termo "tanto que" assume um comportamento de reforço. Como se "ele agride os filhos porque é parte da família tradicional" e "ele é parte da família tradicional porque agride os filhos". Assim, reforça-se a correlação que se atribui socialmente ao "tradicional", como elemento negativo, apontando que o conservadorismo implica em ações violentas.

Nesse primeiro sentido, emerge a argumentação Tu Quoque e Ad Hominem, em que o sujeito se pronuncia como moralmente adequado e ajustado, mas corrompe a compreensão, também tecendo um ataque direto ao sujeito, colocando em dúvida sua confiabilidade (FIORIN, 2016,). Já quanto ao segundo caso, emerge a noção de Causalidade, em que um determinado fator implica em determinada consequência.

ENUNCIADO 47. #meuamigosecreto diz que gosta de mulher natural e sem maquiagem, mas faz cara de nojo se ela não tá depilada.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Argumentum tu quoque; Recurso aos valores

O eixo argumentativo no caso 47 se constrói na contradição entre a fala, ou imagem construída por meio do "diz que", do sujeito e seu comportamento padrão ou corriqueiro, em que num primeiro momento ele pronuncia que "gosta de mulher

natural e sem maquiagem" e, em seguida, a enunciadora contra argumenta, inserindo o conectivo *mas*, com a fragilização da sentença.

É necessário, nesse ponto, recorrer às noções sociais de que há, em geral, opressões estéticas recorrentes e intensas sobre as mulheres, e que "natural" e "maquiagem" são noções que se contrapõem, pois o embelezamento artificial é uma forma de não naturalização estética. Cabe, ainda, ao interlocutor tecer a compreensão de que depilação está vinculada à categoria de não-natural, associando-se, portanto, à maquiagem. Como aponta Fiorin (2016), os Recursos aos valores agem como balizas morais, são estipulações dadas pela ordem social, determinadas geográfica e temporalmente. Portanto, ainda que pouco debatida em espaços abertos, a depilação é pauta recorrente nas esferas estéticas do feminismo, agindo como um elemento bastante presente quando se debate opressões estéticas (BOURDIEU, 2002).

Inserindo um elemento de oposição "mas" a enunciadora recorre à argumentação Tu quoque, em que expõe a inconsistência e incoerência do sujeito ao depreciar ou invalidar mulheres não depiladas.

ENUNCIADO 48. #meuamigosecreto tira foto com a criança, leva pra passear, paga de pai do ano mas não dá suporte emocional pros filhos e acha que todo pedido de ajuda da mãe é uma tentativa dela de querer voltar.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade;	Implicação e concessão; Argumentum tu quoque;

A denúncia, no caso 48, é construída com na incoerência do que o #MeuAmigoSecreto define como responsabilidade paternal e seus comportamentos efetivos. Inicialmente, a enunciadora descreve que o sujeito usa as ações de "foto com o filho e passeios" como embasamento a "pai do ano", termo informal que designa, nesse enunciado, um pai exemplar. Pode-se atribuir uma operação de Implicação de concessão assumida pelo #MeuAmigoSecreto, em que bastam as ações manifestadas para que o papel progenitor esteja cumprido.

Porém, a fragilização do vínculo se apresenta a partir do conectivo *mas*, que quebra o núcleo dos comportamentos adequados. Recorrendo ao Argumentum Tu Quoque, que consiste em rebater algo com um ataque ao sujeito, esboçando a inconsistência de suas ações e comportamentos (FIORIN, 2016), e enunciadora

desfaz a noção de paternidade adequada, em que os aspectos emocionais são negados à criança, derrubando a ação inicial de tirar fotos e levar passear.

Verbos de percepção

Observando a ocorrência dos elementos contidos na estrutura comum da #MeuAmigoSecreto, os dados presentes nesta seção apresentam verbos de percepção, em que se destaca a força argumentativa que conferem ao enunciado. Ressaltando que as categorias não são excludentes e, por isso, podem estar presentes enunciados analisados também nas demais categorias.

Os verbos são uma categoria constante nos enunciados e assumem diferentes disposições. Por exemplo, os derivados do verbo “ter”, que ocorrem 23 vezes, compreendendo *tem*, verbo indicativo da terceira pessoa no tempo verbal presente; *tenho*, indicativo de primeira pessoa no tempo verbal presente e *ter*, verbo no infinitivo. Porém, aponta-se o emprego variado do “ter”, que é usado tanto no apontamento das ações do sujeito agressor, como em:

*“#meuamigosecreto é uma pessoa muito madura de muitos valores e princípios. **Ele** "xinga" criança de dez anos de viadinho pq tem ciúmes de tia. Ele tem mais de 20 anos”*

Quanto para tecer a contra argumentação ou apontamento, por exemplo:

*“O #meuamigosecreto disse que política não é lugar de mulher e que meu mandato seria à sombra do meu marido. Mal sabe ele o quanto eu trabalho para **ter** meu espaço e minhas conquistas”.*

Portanto, para diferenciar os verbos mobilizados e suas respectivas vinculações aos sujeitos do enunciado, optou-se por separá-los em perceptivos/agentivos — que indicam ações de sentido ou percepção psicológica do #MeuAmigoSecreto — e os Ação — que designam ações dos agentes envolvidos na enunciação, sejam eles a enunciadora, o #MeuAmigoSecreto ou demais entidades. Nesse sentido, sendo os verbos de percepção os que interessam à presente análise, contabilizou-se 12 enunciados em que eles ganham destaque e dão força à argumentação, conforme tabela abaixo, gerada pela ferramenta LinguaKit:

Verbo	Ocorrência
Achar	7, 8, 9, 12, 25, 30, 31, 34, 37, 38, 40, 48
Adorar	45
Fazer	47
Ignorar	35
Suportar	29
Gostar	27
Fingir	24
Dizer*	19
Acostumar	13
Ver	5
Esquecer*	3
Se dar conta**	2

TABELA 7 — VERBOS DE PERCEPÇÃO

FONTES: A AUTORA

Observa-se, quanto aos verbos destacados (*), que Dizer e Esquecer assumem função semântica particular. O enunciado 19 emprega o verbo *dizer* como ato de continuidade, repetição.

ENUNCIADO 19. #Meuamigosecreto é o típico esquerdomacho que prega amor livre mas só se relaciona com mina padrão. Se você questiona seus "gostos" diz que não se pode controlar o coração.

Ou seja, ainda que possa ser tomado como um ato de atribuição de fala, um discurso indireto, “se você questiona seus gostos” conduz à noção de hipótese, enquanto “diz que não se pode” se posiciona como uma resposta reativa à possível ação de questionar. Considerando a permanência do *dizer que não se pode controlar o coração*, o verbo assume uma entrada para a ação de percepção.

Referente ao enunciado 3, tem-se:

ENUNCIADO 3. “#meuamigosecreto diz que mulher que não transa com o marido pelo menos 2 ou 3 vezes por semana, não está cumprindo com a sua obrigação e que se não tem em casa vai buscar fora. Mas meu amigo secreto esqueceu, que ela não é obrigada!”

Em que *esquecer* funciona no mesmo nível de sentido do verbo *achar*, logo que, dentro do sentido do enunciado, age como uma ação controlável, perceptível e reflexível, que se opõe à noção de esquecimento pela falha da memória.

Em relação ao destaque 2 (**), a contextualização é imprescindível, logo que os termos “se dar conta” destoam da noção geral de verbo. Ainda que haja o verbo “dar”, isoladamente, ele não é capaz de tecer o sentido total da expressão, assim como, se a centralidade fosse atribuída ao “contar”, o sentido seria perdido. Em que:

ENUNCIADO 2. "Mais um #meuamigosecreto: esse enche a boca para falar que se as mulheres não querem homens mexendo com elas na rua deveriam só usar calça de moletom. Mas ele não se dá conta da própria hipocrisia e entra na justiça pedindo para tirar o teaser do documentário Chega de Fiu Fiu do ar. E meu outro amigo secreto, que é juiz, concorda."

O enunciado indica uma possibilidade de posicionar verbos como *perceber* ou *compreender* sem perder o sentido pretendido. Assim, optou-se por manter, em tabela, os termos escolhidos pela enunciativa, dando atenção ao sentido de percepção atrelado a eles.

Por fim, faz-se necessário observar a ocorrência do *achar* na posição de percepção. O verbo, que é destacado pela sua frequência nos enunciados (tabela 4) e também pela centralidade nos eixos de inter-relação (figura VI), apresenta-se então como um elemento que confere força à argumentação da enunciativa, conduzindo, em geral, os interlocutores ao sentido de fragilidade dos comportamentos do sujeito denunciado.

Como exemplo:

*"#meuamigosecreto **pega** todas e **morre** de orgulho, mas **acha** que mulher que pega todos é vagabunda"*

Em que os verbos *pegar* e *morrer* apontam para ações do sujeito, assumindo sentidos figurados, em que o primeiro *pegar* se refere ao ato de namorar ou envolver-se afetiva ou sexualmente com outra pessoa, enquanto o segundo *morrer* designa a noção de desejar, almejar, logo, *morrer de orgulho* pode ser compreendido como *orgulhar-se demais*. Já quanto ao *achar*, este designa uma atribuição individual, um verbo de percepção, do/ao #MeuAmigoSecreto. Os verbos de percepção discorridos sob a ótica de Cançado (1996), na abrangência adotada para este trabalho, retomam uma construção feita do sujeito sobre si mesmo ou sobre o contexto situacional que, dado os elementos sintáticos, não é compartilhado

pelos demais interlocutores, logo que [ele] acha. Assim, o interlocutor é conduzido a uma exclusão dos demais participantes e à restrição de que *mulher que pega todas é vagabunda* somente ao #MeuAmigoSecreto.

Dados pelo contexto

Sabendo que todo enunciado é argumentativo (KOCH, 2011; FIORIN, 2016), que se manifesta visando a cooptação, convencimento ou cativação do interlocutor, é necessário retomar a intenções organizativas da língua pelo enunciador. Nesse sentido, como apresentado no segundo capítulo, a mobilização da língua pelo falante ocorre diante do conhecimento do funcionamento das regras sintáticas e dos empregos semânticos, fazendo com que as formas de dispor os elementos visem uma condução efetiva de sentido nos interlocutores.

Ainda que nem sempre seja o único recurso presente — podem ocorrer verbos de percepção ou discurso indireto — é o recurso ao contexto, a força implícita, que mais se destaca no enunciado, fazendo com que o interlocutor precise articular conhecimentos externos à língua, como o valores estabelecidos socialmente, para compor a interpretação. Retomando a noção de que o enunciador articula o enunciado da melhor maneira para conduzir o público ao sentido pretendido, há marcações, ou pistas, que atuam como condutores interpretativos, recorrendo à noção de cooperação do interlocutor, ou seja, do conhecimento compartilhado (GRICE, 1986). Considerando o universo de 49 enunciados, 18 deles recorrerem a uma refutação não explícita aponta que cerca de 40% das enunciatórias acreditam que o público compartilha conhecimentos e vivências capazes de atribuir o mesmo sentido pretendido da enunciação, pois há a necessidades dos interlocutores cooperarem na construção e condução dos sentidos, mantendo a temática e trocando informações relevantes para haver interlocução (GRICE, 1986). Sabendo que o contexto também é definido com base em recortes e temporalidades, há, então, dois eixos possíveis para fundamentar a percepção de compartilhamento contextual, que são o intuito da campanha #MeuAmigoSecreto (denunciar a violência à mulher), situado inicialmente na esfera da web, e a violência e o machismo que antecedem os espaços *online* e, portanto, inscrevem-se na historicidade social. Assim, a realidade pretendida pela enunciatória é tomada como evidente por si mesma.

ENUNCIADO 6. #meuamigosecreto disse que nao gosta de mulher de calça saruel por que não da pra ver a bunda	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Causalidade; Implícitos

O enunciado apresenta a ação do sujeito que esboça a argumentação pela Causalidade, em que "não ver a bunda" assume uma justificativa para que não se goste da calça saruel. Ainda que não haja contra argumentação no enunciado, o teor de negação ou oposição ao que é descrito se dá pela argumentação implícita, em que o contexto da *hashtags* e o teor apresentado constituem elementos ou premissas que são "considerados evidentes por si mesmos" (FIORIN, 2016, p 208).

ENUNCIADO 8. #meuamigosecreto acha que mulher é ioiô que tem que ir e vir quando ele quiser, adora "flertar" com muitas ao mesmo tempo e deixar as mina "de molho". Afinal, homem pode tudo e mulher tem que se dar ao respeito.	
Outras técnicas argumentativas	Implícitos; Recurso aos valores

Nota-se que a descrição da ação do sujeito é baseada em noções construídas sobre os sujeitos homem e mulher. Inicialmente, há uma descrição da ação do #MeuAmigoSecreto, que é nucleada em "flertar [...] e deixar as mina "de molho"". É necessário que o interlocutor apreenda o sentido pejorativo ou negativo do termo "deixar de molho", que age como uma reprovação ao ato de "não prosseguir um relacionamento". Se a sentença "homem pode tudo e mulher tem que se dar ao respeito" for tomada isoladamente, pode-se observar a mobilização do Recurso aos valores, que imprime noções socialmente construídas e de ampla circulação no contexto atual.

Destaca-se o emprego do conectivo "afinal", que atua como um elemento de condução à conclusão, em que a segunda sentença justifica a primeira. No entanto, é preciso que o interlocutor, para apreender o sentido esperado pela enunciadora, identifique o recurso de Implícitos presentes na porção final do enunciado. Assim, a negatificação da ação do sujeito #MeuAmigoSecreto se faz perante a noção de que a segunda sentença "homem pode tudo e mulher tem que se dar ao respeito" carrega sentidos que se desfazem por si.

ENUNCIADO 10. #meuamigosecreto nao paga a pensão porque diz que a mãe da criança vai gastar a fortuna que é R\$300 em coisas desnecessárias	
Argumentos que fundamentados a estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Argumentun to quoque; Implícitos

No enunciado, é necessário que o interlocutor possua conhecimentos externos aos informados pelo enunciador, como o valor da pensão, a que ela se destina e o custo de vida de uma criança. Com base na noção Implícita de que uma pensão é destinada às compras alimentares (portanto, fundamentais), o primeiro aspecto é que "coisas desnecessárias" seria uma justificativa usada pelo sujeito para não cumprir com a obrigação econômica. Também é necessário saber que o valor de R\$300, mencionado no enunciado, é uma média real, não extrapolando a maioria das determinações judiciais, e, além disso, ainda é necessário conhecer o custo de um filho, sendo possivelmente esse o principal aspecto do enunciado, logo que o termo "fortuna" se apresenta como uma ironia. Assim, a enunciativa invalida o sujeito denunciado com base na incoerência dos argumentos que ele utiliza para justificar a negligência paternal.

O uso do *porque*, ainda que seja um advérbio de justificativa, como discutido no capítulo 3, atua como um elemento de oposição que articula a incoerência entre as sentenças — mas se destaca que essa incoerência é dependente da compreensão do contexto.

ENUNCIADO 13. #Meuamigosecreto diz que não quer ser atendido por mim porque não esta acostumado com mulheres trabalhando com sistemas de informação.	
Dissociação de noções; Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Essência e aparência, Argumentum Tu Quoque; Implícitos

Os recursos de Essência e Aparência são apresentados pela enunciativa como base para o comportamento do #MeuAmigoSecreto, em que o sujeito atribui aptidões profissionais às mulheres, afastando-as da área de sistemas de

informação. A partir dessa noção, a contra argumentação amarrada pelo operador lógico porque ocorre pela concomitância da tática de Implícitos e Argumentum Tu Quoque, em que fica subentendido, seja pelo contexto social de expansão profissional da mulher, ou seja, pela própria enunciadora atuar na área, de que há um fundamento frágil na ideia do sujeito, deslegitimando seu comportamento.

ENUNCIADO 14. #meuamigosecreto quer que a mulher faça cesárea pra não danificar o "playground".	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Argumentum Tu Quoque; Implícitos

No caso 14, a enunciadora centraliza a argumentação com base em Implícitos, fazendo com que o interlocutor precise recorrer a elementos contextuais, conforme Grice (1975 apud Fiorin, 2016) para negar a tese do #MeuAmigoSecreto. Há, num primeiro momento, a necessidade de compreender a analogia entre aparelho sexual feminino e playground. Mas, não somente a equivalência de referentes faz-se necessária, pois o emprego do termo referido a brinquedo ou brincadeira remete o interlocutor à noção de que, para o sujeito denunciado, há a hierarquização do corpo da mulher, colocando o prazer sexual aos homens acima da maternidade ou ao ato de parir. Assim, estabelece-se um recurso de ataque à tese defendida pelo sujeito, evidenciando a inadequação apresentada. Ainda é preciso notar que os enunciados podem ser interpretados perante as noções de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) sobre o absurdo, em que é necessário partir da interpretação como verdadeira para que se note a incoerência de sua função, fazendo uma distinção entre o razoável/aceitável e o absurdo. Ou seja, para a enunciadora é incabível considerar que uma mulher seja submetida ao parto cesariano sob a justificativa de que isso vá afetar a percepção sexual do parceiro.

Novamente, aponta-se a presença de elementos capazes de referir à negação, “para não danificar o playground”, mas são os fatores contextuais que têm centralidade e dão força à argumentação.

ENUNCIADO 17. #meuamigosecreto quando vê uma mulher exaltada diz que ela é mal comida ou tá de TPM.

Dissociação de noções; Outras técnicas argumentativas	Essência e aparência; Implícitos
--	-------------------------------------

No enunciado, a enunciadora utiliza o argumento de dissociação de noções por confrontar a relação entre "estresse" e "mal/comida/TPM". Como não há um elemento de oposição ou negação da sentença, conforme esboçado na análise de *Elementos de negação, oposição e contexto*, é preciso que o interlocutor tenha conhecimento sobre as noções sociais que se referem ao comportamento feminino, fazendo com que a condução do sentido se dê por meio de outros fatores além dos elementos lexicais, ou seja, Implícitos.

ENUNCIADO 18. #meuamigosecreto disse " ter tempo pra passar rímel você tem né??? Pra lavar a louça NUNCA." Sim, história verdadeira.	
Quase lógicos; Outras técnicas argumentativas	Reciprocidade; Reducto ad absurdum; Implícitos

Ao construir o enunciado, descrevendo a fala do sujeito denunciado, a enunciadora faz uma citação que emprega o argumento da Reciprocidade, em que "se há tempo para passar rímel, há tempo para lavar a louça", pois a estrutura argumentativa se pauta na noção de que há uma identidade mútua entre os eixos ou ações, sendo que "a está para b assim como b está para a" (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA apud FIORIN, 2016, p. 125).

A enunciadora recorre ao emprego dos termos "sim, história verdadeira" que funcionam como reafirmação do que foi descrito, sem adicionar outras informações de contraposição ou oposição, atuando como um recurso aos Implícitos, pois se crê que o que já foi apresentado fala por si. Nesse sentido, pode-se considerar também um recurso à tática de Reductio ad absurdum, em que os elementos empregados apontam para a incongruência da própria relação estabelecida e logicizada pelo sujeito #MeuAmigoSecreto.

Para Fiorin (2016), como apresentado no capítulo 3, a estratégia argumentativa pertence à categoria dos Quase Lógicos e é capaz de indicar o sentido ao interlocutor por meio da percepção de que há uma contradição da premissa, uma falseabilidade perceptível que fragiliza a defesa.

ENUNCIADO 20. Meu amigo secreto é cristão, contra o aborto, a favor da família e bons costumes. Trata as parentes mulheres como inferiores, trai a esposa e não raro atribui a inteligência do filho como hereditária e puxada só dele. Quem é o #meuamigosecreto?	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Argumentum Tu Quoque; Recurso aos valores; Argumentum ad hominem; Implícitos

Nesse caso, observa-se o recurso à argumentação Tu Quoque como centralizador, que é evidenciada pela oposição dos adjetivos e caracterizadores. A enunciadora utiliza diversos adjetivos e descritivos que, em um primeiro momento, podem parecer não pertencer ao mesmo universo, que são “cristão, contra o aborto, a favor da família e bons costumes”. É necessário que o interlocutor recorra aos conhecimentos contextuais, ou seja, Implícitos, em que ser cristão e contra o aborto estão no mesmo núcleo, criado pelo meio social, de "família e bons costumes". Ao conduzir a segunda sentença do enunciado “trata parentes mulheres como inferiores, trai a esposa e não raro atribui a inteligência do filho como hereditária”, a enunciadora estabelece uma contraposição entre a imagem que o #MeuAmigoSecreto tenta/constrói de si mesmo discursivamente, e a que de fato manifesta por meio de ações, fragilizando ou invalidando os descritivos primeiros.

A enunciadora também se vale do recurso aos valores, em que é preciso saber que essas características possuem forte apelo social, sendo culturalmente construídos. Nesse sentido, para que o interlocutor possa apreender o sentido pretendido, é preciso que haja um conhecimento do que significa, por exemplo, ser “a favor da família” (considerando a noção de família como núcleo de casal heteroafetivo) e como o contexto opõe essa ideia a “trai a esposa”.

Ainda se pode destacar o ataque direto ao sujeito, caracterizando uma argumentação Ad hominem, em que a enunciadora recorre à adjetivação negativa como forma de desqualificar o #MeuAmigoSecreto por meio de relatos que soam socialmente indevidos. Para tanto, pode-se considerar a segunda porção do enunciado, em que trair a esposa, tratar parentes mulheres como inferiores e

considerar-se único progenitor da inteligência do filho caracterizam aspectos reprováveis ou desqualificantes ao sujeito.

ENUNCIADO 21. #meuamigosecreto vai passar a noite de natal sentado na sala, rindo e conversando enquanto todas as mulheres da família vão estar na cozinha lavando louça.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras táticas argumentativas	Argumentum ad hominem; Implicação e concessão; Implícitos

Há, no enunciado 21, uma exposição do comportamento do sujeito que leva, num primeiro momento, ao argumento por implicação para apontar a violência simbólica: se o sujeito passará a noite sentado e conversando, não participará das tarefas e atividades necessárias. Assim, a enunciadora estabiliza dois eixos no enunciado, em que um se refere a "rir e conversar" como positivo, e outro a "lavando a louça" como negativo. Há, portanto, uma desqualificação do sujeito perante o ataque ou desqualificação de seu comportamento, que se situa na categoria de Argumentum ad hominem, conforme descrito no capítulo 3. Como apontado na análise de Elementos de negação, oposição e contexto, não há elementos textuais que demarcam a reprovação da ação apresentada, portanto, a tática de Implícitos também faz-se presente.

ENUNCIADO 25. Meu amigo secreto é gay e por isso se acha no direito de falar sobre feminismo com toda propriedade. #meuamigosecreto	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade argumentos quase lógicos; Outras táticas argumentativas	Definição; Distinção; Causalidade; Implícitos

No caso 25, é preciso que o interlocutor tenha conhecimento a algumas informações que não são explicitamente apresentadas no enunciado, conferindo a tática por Implícitos, sobre as temáticas de feminismo e ações LGBT. Num primeiro momento, é necessário separar os movimentos sociais que, apesar de caminharem juntos em prol da equidade, devem ser tomados, no contexto dessa enunciação, como paralelos. Assim, a enunciadora indica, a partir de uma argumentação por

Definição, que fazer parte da comunidade LGBT não necessariamente inclui a pessoa na causa feminista como protagonista. A indicação de sentido de que homens gays não são lideranças do feminismo se dá pelo termo conectivo de que promove uma sucessão "e por isso" que, de acordo com Fiorin (2016) encadeia as consequências, apontando que o sujeito denunciado assume como condicionantes as ações (ser homem gay – ser feminista). Porém, o emprego do termo "se acha" inclina o interlocutor à fragilidade da veracidade dessa condicionante, apontando que falar sobre feminismo não é dependente de ser gay.

Vale ressaltar um aspecto interessante quando ao enunciado: ainda que "gay" seja comumente empregado para designar qualquer gênero que não corresponda aos padrões heteronormativos, tornando possível que o sujeito denunciado seja uma mulher (o que, então, permitiria ou validaria a fala sobre o feminismo), deve-se considerar que há um especificador-referente duplicado no enunciado — Meu amigo secreto e #MeuAmigoSecreto – posicionados no início e no fim da publicação. Assim, considerando que o primeiro especificador-referente foi escrito sem ser uma *hashtag*, usando espaços e sem o marcador #, pode-se tomá-lo como um reforço da desinência de gênero masculino, indicando a referência ao homem.

Em meio à Causalidade, pode-se ainda apontar um recurso argumentativo pela Distinção. De acordo com Fiorin (2016), o eixo de argumentação consiste em diferenciar, às vezes por comparação, os elementos em questão. Portanto, para o enunciado, estabelece-se uma separação entre a causa feminista e a causa LGBT, conduzindo à noção de que "ser gay não o concede à palavra sobre as temáticas feministas".

ENUNCIADO 30. O #meuamigosecreto acha que "em briga de marido e mulher não se mete a colher"!	
Outras técnicas argumentativas	Recurso aos valores; Distorção do ponto de vista do adversário; Implícitos

Para compreender o argumento tecido no caso 30, é preciso que o interlocutor recuse o senso comum, definido pelo ditado popular “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, ou seja, de que brigas de casais devem ser resolvidas entre o casal. Mas é importante destacar que, nesse caso, a enunciadora

mobilizou o senso comum como forma implícita de invalidá-lo, logo que não há nenhum elemento ou termo que opõe ou refuta efetivamente a noção contida na expressão.

Por fim, pode-se destacar a distorção do ponto de vista do adversário, que se dá apoiada na implicitude argumentativa, pois o interlocutor, ao estabelecer a negatização do senso comum e vinculá-la à noção de que o #MeuAmigoSecreto compactua com a ideia, atribui o sentido de que o argumento do sujeito é indefensável, injustificável ou incoerente, colocando em dúvida o ponto de vista articulado por ele (FIORIN, 2016).

ENUNCIADO 31. O #meuamigosecreto acha que mulher que bate como homem, tem que apanhar como homem.	
Dissociação de noções; Outras técnicas argumentativas	Essência e aparência; Implícitos

A tática argumentativa mobilizada pela enunciativa, no caso 31, apela, inicialmente, à Essência e aparência, pois a denúncia destaca que o sujeito atrela força física às aparências como um aval de legitimação da violência. Há, ainda, o argumento por Implícitos, que se faz necessário para a captação correta do sentido, pois se o público não compartilhar da mesma noção de rejeição à ideia contida no argumento social “bater como homem = apanhar como homem”, pode haver uma vagueza interpretativa em que se perde a condução pretendida.

Destaca-se que, sem esse devido conhecimento compartilhado, pode-se cair na associação por simetria, levando o interlocutor a receber o enunciado com a quase logicidade do ato, o que Fiorin (2016) categoriza de Argumentum a pari, que nega a noção de que casos iguais merecem tratamentos diferentes. Nesse sentido, o público precisa, em geral, perceber a retroalimentação da violência contida e manifestada na sentença compartilhada socialmente, fazendo com que se afaste da interpretação Quase lógica.

ENUNCIADO 34. #MeuAmigoSecreto aproveita o Facebook para assediar as mulheres achando que está protegido pelo ~escudo~ das mensagens privadas.	
Outras técnicas argumentativas; Argumentos fundamentados na estrutura da realidade	Implícitos; Causalidade.

No enunciado 34, observa-se que, para o sujeito denunciado, a privacidade concedida pelas redes sociais permite a transgressão da conduta social, invadindo e desrespeitando o espaço alheio. Assim, para a construção do posicionamento do #MeuAmigoSecreto, estabelece-se uma relação de Causalidade, em que o assédio é decorrente da privacidade do Facebook.

O contra argumento se constrói na interpretação que recorre aos Implícitos. Deve-se destacar que não há uma demarcação opositiva ou negativa explícita no enunciado, mas ainda que haja pouco conhecimento da relação privativo/público, o interlocutor pode utilizar-se do termo “assediar”, que carrega atribuições negativas, para conferir ênfase à negatização do comportamento do sujeito.

ENUNCIADO 36. #meuamigosecreto trata advogados como Doutor e advogadas como Meu Anjo.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Argumentos quase lógicos; Outras técnicas argumentativas	Argumentum a pari; Argumentum tu quoque; Implícitos.

O enunciado 36 apresenta a distinção que o sujeito denunciado faz a partir das atribuições de gênero aos profissionais, em que *advogados são doutor e advogadas são meu anjo*.

Fiorin (2016) apresenta a categoria de Argumentação por implícitos, em que os atos de enunciar são arquitetados com elementos implícitos e explícitos, cabendo ao interlocutor apreender o sentido pretendido. Assim, as interlocutoras necessitam arquitetar a interpretação perante um entrelaçamento lógico e contextual, vinculado à pragmática (FIORIN, 2016). Nesse sentido, como fragilização do comportamento descrito, a enunciadora recorre ao Argumentum a pari, em que, segundo Fiorin (2016, p. 132) “casos semelhantes têm que ter um tratamento semelhante”.

Portanto, seria esperado adotar, no contexto do relatado, pronomes de tratamento equivalentes às mulheres e aos homens.

Aponta-se, ainda, que se houver um compartilhamento da informação de que há um aspecto pejorativo ou inadequado de se referir, em meio profissional ou não íntimo, às advogadas como "anjo", estabelece-se também uma deslegitimação do sujeito perante o não profissionalismo, conferindo a argumentação To quoque.

ENUNCIADO 38. #meuamigosecreto acha que comentários sobre aparência estética da mulher — gostosa, essa eu pegava, gorda, tábua, não pego nem a pau- em rodinha de amigos não é machismo, é só "coisa de homem".	
Argumentos quase lógicos; Dissociação de noções; Outras técnicas argumentativas	Essência e aparência; Tautologia; Distorção do ponto de vista do adversário;

Ao apresentar a denúncia, no caso 38, a enunciadora recorre à descrição do comportamento do sujeito sobre comentar a aparência corporal das mulheres em rodas de amigos. A colocação dos adjetivos empregados pelo sujeito é essencial para que os interlocutores saibam que os comentários adquirem cunho pejorativo ou degradante. Em seguida, a enunciadora recorre à Essência e aparência, em que se assume que homens agem desta maneira e, portanto, há uma normalidade ou aceitação comportamental socialmente construída. Fiorin (2016) destaca que para quebrar ou fragilizar essa associação, é preciso evidenciar que os conceitos são, muitas vezes, indevidamente vinculados.

Pode-se, ainda, observar o verbo de percepção *achar* seguido de uma tautologia ao reduzir a argumentação pela Essência e aparência, em que "homens são homens". Nesse caso, não há um acréscimo informacional sobre o porquê de os sujeitos agirem assim, mas o fazem por serem homens.

Considera-se ainda que o próprio #MeuAmigoSecreto, de acordo com o enunciado, admite que seus comentários de fato ocorrem, mas que não são atitudes machistas. Assim, se o público compartilhar a noção negativa presente nas falas "gostosa, essa eu pegava, gorda, tábua, não pego nem a pau" e que ser "coisas de homem" não é plausível como justificativa do comportamento, a enunciadora conduz à Distorção do ponto de vista do adversário, que crê estar correto.

ENUNCIADO 40. #meuamigosecreto diz que se eu quero construir uma família, casar e ter filhos, é melhor mudar minhas atitudes, parar de me vestir como me visto e de me expor, porque dessa forma nenhum homem vai achar que sou "mulher pra casar".	
Dissociação de noções; Outras técnicas argumentativas	Essência e aparência; Recurso aos valores; Distorção do ponto de vista do adversário.

A enunciadora, no caso 40, apresenta o comportamento do sujeito com base nos Recursos aos valores, em que há noções sociais que indicam os modos adequados ou esperados de as mulheres se vestirem e se comportarem. A paráfrase é feita apontando que o argumento do #MeuAmigoSecreto se dirige diretamente à enunciadora (diz que se eu quero) e há, nesse sentido, uma tentativa do sujeito em invalidar a mulher, deslegitimando as possibilidades que lhe são direitos ou possibilidades, como casar e ter filhos.

A partir do conectivo "porque" a enunciadora faz uma contra argumentação também com base nos Recursos aos valores, em que mobiliza a noção de "Mulher para casar". É preciso, no entanto, que o interlocutor compreenda as noções sociais atribuídas a cada sentença, bem como compartilhe o posicionamento contrário ao que é empregado na esfera patriarcal. Assim, com base na Essência e aparência, a enunciadora faz emergir as noções feministas de que a sociedade divide *mulheres para casar e mulheres para se divertir ou não casar*, assumindo que não há um comportamento natural ou intrínseco associado à questão de sexo. Pode-se ainda observar a tática de Distorção do ponto de vista do adversário, em que, a partir das noções de incoerência da Essência e aparência, os argumentos do sujeito são incondizentes com as práticas sociais atuais.

ENUNCIADO 49. #Meuamigosecreto não deixa minha prima sair comigo porque qualquer momento ela pode virar "sapatão" junto de mim e dos meus amigos.	
Argumentos fundamentados na estrutura da realidade; Outras técnicas argumentativas	Causalidade; Argumentum ad consequentium; Distorção do ponto de vista do adversário; Implícitos

O enunciado 49 constrói a ação do sujeito denunciado pela sucessão de ocorrências, em que "não deixar a namorada sair" é um modo de evitar a consequência dela "virar sapatão". Pode-se, portanto, considerar a tática de Causalidade, em que se "supõe um encadeamento de fatos (...) [e] a causa imediata é a razão próxima a qual um dado efeito é produzido" (FIORIN, 2016, p. 151). Nesse sentido, o #MeuAmigoSecreto recorre ao cerceamento da liberdade da namorada como justificativa para evitar as consequências de "virar sapatão". Para a contra argumentação, ou construção do saber de base feminista, é necessário que o interlocutor tenha conhecimentos sobre os discursos preconceituosos que comumente circulam na esfera social, em que a orientação sexual pode ser determinada ou influenciada pelo meio ou pelas companhias. Tomando como falsa essa noção, a invalidação da ação do sujeito parte do apontamento de que ele se vale de uma justificativa incoerente ou inverídica para cercear a namorada, ou seja, o argumento se sustenta na tática Tu quoque.

Pode-se ainda recorrer à Distorção do ponto de vista do adversário, se considerar-se que o sujeito denunciado efetivamente crê na ação-consequência. Nesse aspecto, sem considerar os espectros socialmente preconceituosos e LGBTfóbicos, tomando a ação como uma proteção ou cuidado à namorada, a enunciativa se vale da tática de Implícitos de que o meio não interfere na sexualidade, e "põe em dúvida um ponto de vista apresentado" (2016, p. 218), possibilitando que o próprio interlocutor teça a insustentabilidade da tese defendida pelo #MeuAmigoSecreto.

Discurso indireto

O discurso indireto está presente nos enunciados 2, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 13, 17, 18, 19, 24, 27, 29, 32, 33, 38, 40, 41, 43, 47, que já foram discutidos anteriormente. No entanto, destaca-se como uma categoria à parte e relevante, pois há um forte recurso argumentativo presente, pois vincula elementos de atribuição da fala. Sua ocorrência é, possivelmente, devido ao relato dos casos como forma de apropriar a ação ao sujeito agressor. Inicialmente, tem-se que o discurso indireto é uma enunciação sobre a enunciação, por exemplo "ele me disse que mulher tem que se dar ao respeito", em que a autora relata a ação violenta com a retomada do que foi enunciado pelo sujeito e que, muitas vezes é tido como normal, dentro de um

contexto previamente conhecido de atribuição negativa. Ou seja, a construção antecedente do ambiente encadeado pela própria *hashtag* #MeuAmigoSecreto prepara o leitor para uma interpretação, ou seja, a efetivação da argumentação ou convencimento por meio de um texto organizado para tal finalidade. Com base nas noções de Fiorin (2016) elucidadas no capítulo 2, ao fazer uma citação indireta do sujeito #MeuAmigoSecreto, a autora aciona o discurso como forma de se apropriar do ato, ao mesmo tempo que emprega uma ação avaliativa sobre ele. Portanto, age como um redizer ou reproduzir o ato do sujeito denunciado, acrescido de uma avaliação que, ao interlocutor, funciona como encaminhamento interpretativo.

“#meuamigosecreto diz que mulher que não transa com o marido pelo menos 2 ou 3 vezes por semana, não está cumprindo com a sua obrigação e que se não tem em casa vai buscar fora. Mas meu amigo secreto esqueceu que ela não é obrigada!”

Em que o discurso indireto é identificado pelo “#meuamigosecreto diz que”, seguido do relatos dos posicionamentos adotados pelo homem. Para encerrar a citação indireta e tomar novamente a autoria, a locutora quebra a sentença com o conectivo “mas”, apontando a oposição entre o que é relatado e que deveria ocorrer de acordo com quem enuncia. Da mesma forma, observa-se no exemplo:

“#meuamigosecreto me jurava amizade e cumplicidade, mas, achou que era exagero da minha parte quando contei que o amigo dele tinha me agredido inconformado com o fim do namoro.”

Em que o discurso indireto é identificado pelo “me jurava” e o interlocutor é conduzido a atribuir a ação ao sujeito, seguida da quebra pelo conectivo “mas”, que conduz à contraposição.

Ressalta-se a semelhança organizacional mesmo quando não há elementos com funções gramaticais semelhantes, como em:

“#meuamigosecreto critica muito a tag. Um dos argumentos que ele usa pra isso é dizer que não devemos manter amizades tão negativas. O que meu amigo secreto não vê é que essa é uma forma de dar voz a várias mulheres e que talvez esses agressores sejam o pai, irmãos...”

No exemplo, o elemento que quebra a paráfrase e realiza a oposição é o termo “o que”, que age, nesse caso, também como um conectivo opositivo.

Destaca-se ainda que quando há uma citação indireta, a força argumentativa dos elementos de oposição e negação, anteriormente descritos, fica mais evidente, acentuando a noção de interação e controle dos sentidos produzidos, pois a locutora tem a oportunidade de posicionar os argumentos levantados pelo sujeito denunciado ao lado de seus argumentos de contraposição. Assim, os aspectos de convencimento são beneficiados, logo que desacreditar ou invalidar a fala/ação apresentadas pode ser um dos objetivos.

Considerações sobre a argumentação

Finalizadas as observações quanto aos aspectos argumentativos específicos, segue a síntese, com base nas categorias argumentativas e suas considerações genéricas.

Cada enunciado recebeu classificações quanto à categoria geral e as táticas específicas de argumento. Para deixar clara a tabulação, cada enunciado só pode ser atribuído à uma categoria geral, mas pode haver mais uma tática da mesma categoria, compondo o seguinte quadro geral:

Fundamentados na estrutura da realidade	35
Outras táticas argumentativas	24
Dissociação de noções	11
Quase lógicos	10
Fundamentam a estrutura do real	5

TABELA 8 – CATEGORIAS ARGUMENTATIVAS GERAIS
FONTE: A AUTORA

Observa-se a predominância dos Argumentos fundamentados na estrutura da realidade, que operam com base nas significações existentes no mundo objetivo (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA apud Fiorin, 2016). Conforme a tabela abaixo, apresenta-se a ocorrência das táticas que pertencem aos Argumentos fundamentados na estrutura da realidade (FNR):

Fundamentados na estrutura da realidade	
Argumentum Ad Consequentium	1
Causalidade E Sucessão	1
Causas Necessárias E Suficientes	3
Argumento Do Desperdício	2
Causalidade;	8
Fatos	6
Argumentum Ad Hominem	5
Implicação E Concessão	6
Argumentum Tu Quoque	24
TOTAL	56

TABELA 9 — ARGUMENTOS FNR
FONTE: A AUTORA

A categoria fundamentada na estrutura da realidade apresenta 56 ocorrências, com destaque ao Argumentum Tu Quoque, que apareceu em 24 enunciados. Retomando que a tática se refere à fragilização do argumento do adversário, ou seja, visa colocar em evidência uma oposição entre o sujeito, seu comportamento, e a imagem construída, o que ele fala. O frequente emprego do recurso aponta que há uma preferência, consciente ou não, em apontar incoerências e contradições do #MeuAmigoSecreto ou dos homens como categoria generalizante, conforme já debatido no capítulo 4, em *Os suportes sintáticos que sustentam os enunciados*.

Considerando que há enunciados e marcas que permitem generalizações ou individualizações das ocorrências denunciadas perante a demarcação linguística, pode-se considerar, com base nas atribuições de Fiorin (2016) para recursos fundamentados na estrutura da realidade, que a crítica ou os apontamentos comportamentais negativos são tomados como pertencentes à realidade comum, compreendidos a partir do sistema de significações que os valida como corriqueiros ou, ao menos, de amplo conhecimento.

As categorias Dissociação de noções (DN), Quase lógicos (QL) e Outras técnicas argumentativas (OTA) contabilizam quantidades semelhantes de argumentos:

Dissociação de noções	
Distinção	1
Essência E Aparência	12
TOTAL	13

TABELA 10 — ARGUMENTOS DN

FONTES: A AUTORA

A tabela 9 apresenta apenas 2 tipos argumentativos — Distinção e Essência e Aparência —, que totalizam 13 ocorrências de Dissociação de noções. Nota-se que a construção por Distinção ocorre em um enunciado, enquanto Essência e Aparência se faz presente em 12 publicações, evidenciando uma expressiva diferença de emprego, em que os enunciadores predominantemente recorrem às noções e concepções atribuídas socialmente para argumentar ou tecer sentidos.

Considerando o universo da Dissociação de noções, observa-se que as enunciantoras se voltam, com grande frequência, à fragilização das implicações comportamentais estipuladas socialmente. Sabendo, conforme descrito nos enunciados pertinentes, que a tática opera na fragilização das implicações feitas a mulheres e homens, as enunciantoras operam tecendo críticas a determinadas significações sociais, como no Enunciado 12, em que há uma dissociação das noções implícitas de que “homens podem pegar/se relacionar com várias mulheres, mas mulheres que repetem o mesmo comportamento são socialmente reprovadas”.

Na categoria de Outras Táticas Argumentativas (OTA), observa-se o emprego de 3 tipos de argumentos em 37 enunciados (conforme tabela 10):

Outras táticas argumentativas	
Implícitos	16
Recurso Aos Valores	9
Distorção Do Ponto De Vista Do Adversário	12
TOTAL	37

TABELA 11 — ARGUMENTOS OTA

FONTES: A AUTORA

Os tipos de argumentos que aparecem nos enunciados incluem 16 por Implícitos, que são aqueles, conforme apontado no capítulo 2, que conduzem o interlocutor à compreensão sem que seja necessário dizer (ou escrever) literalmente, conferindo um conhecimento compartilhado (GRICE, 1982). A tática é efetiva quando há um contexto compartilhado, um conhecimento comum entre público e

enunciador, evitando riscos à não compreensão ou captação do sentido, pois há uma ligação à pragmática e ao raciocínio lógico.

Os Recursos aos valores, que ocorrem em 9 publicações, constituem, conforme Fiorin (2016), um recurso às construções sociais, apregoadas à época, ao contexto, à região e ao preceitos sociais vigentes. São, portanto mutáveis, ainda que soem consolidados, pois as sociedades os exercem e vivenciam como verdades ou regimentos morais.

Por último, há o tipo Distorção do Ponto de Vista do Adversário, ocorrência mais frequente, que soma 12 aparições. A tática se faz pela subversão da fala do sujeito denunciado. Em geral, nos dados analisados, são recursos para apontar que os argumentos utilizados pelo #MeuAmigoSecreto denunciado não podem ser aplicáveis à realidade, invalidando sua racionalização.

Vale, ainda, destacar a elevada frequência de Outras técnicas argumentativas que, não obstante, são mobilizadas em coocorrência aos Argumentos fundamentados na estrutura da realidade. Conforme Fiorin (2016) a realidade é operada com uma rede complexa de construções e representações, sendo operada pela relação que o sistema de significações considera existente. Portanto, considerando a argumentação que recorre às vivências sociais – coletivas ou individuais —, o recurso de Outras técnicas argumentativas estabelece paralelos com aquilo que não visa uma explanação ou esmiuçamento da logicidade da tese. As enunciativas, nesse sentido, podem se valer da crença de que há valores dados por si próprios nos relatos e que, relacionadas ao contexto da realidade, articulam valores reprováveis por si próprios. Assim, sobretudo as táticas de Implícitos imprimem, aos enunciados, que, por exemplo, o prolongado histórico social de machismo faz-se presente na realidade compartilhada e nos pontos comuns entre enunciador e público, considerando que há características, experiências ou compreensões de mundo comuns sobre o machismo e a violência contra a mulher.

Em relação à categoria dos Quase lógicos (QL), observou-se 10 ocorrências, porém com uma variedade maior de tipos de argumentos se comparada às tabelas anteriores. Assim, há 8 táticas diferentes, com 13 aparições e frequências que variam entre 1 e 3 aparições cada, conforme tabela abaixo:

Quase lógicos	
Reductum ad absurdum	1
Definição	1
Princípio da Não Contradição	1
Argumentun A Pari	3
Tautologia	2
Inclusão E Divisão	1
O Todo e As Partes	1
Reciprocidade	3
TOTAL	13

TABELA 12 — ARGUMENTOS QL
 FONTE: A AUTORA

Das 13 ocorrências quase lógicas, apenas o Princípio da não contradição opera fora do espectro da Identidade, conforme as definições de Fiorin (2016). Nesse sentido, as argumentações recorrem à sistemática de raciocínio plausível, preferível, possíveis devido à linearidade da conclusão (2016, p. 116). Nesse sentido, podem-se considerar os dois eixos de argumentos esboçados pelas enunciadoras, que são aqueles que constroem a sentença descritiva ou atribuída ao #MeuAmigoSecreto, e aqueles que contra argumentam ou articulam as opiniões e críticas da enunciadora. Em ambos, as táticas quase lógicas se valem da noção de que o interlocutor compartilha a logicidade do sentido. Mas, sabendo que a realidade não opera em linhas matemáticas, em verdades lógicas, mas sim com construções pautadas em convicções morais, políticas, estéticas (FIORIN, 2016), podem-se tomar tais construções operações fundantes na sociedade. Ou seja, se é possível recorrer, por exemplo, à Reciprocidade no enunciado 32 para indicar a logicidade de que se nenhuma mulher merece ser estuprada, uma em específico também não merece.

Por fim, há a categoria de Argumentos que fundamentam a estrutura do real que, como apresentado no capítulo 2, são os que organizam a realidade ou percepções dela:

Fundamentam a estrutura do real	
Modelo E Antimodelo	2
Ilustração	3
TOTAL	5

TABELA 13 — ARGUMENTOS DN
 FONTE: A AUTORA

Ainda sobre a tabulação dos argumentos que Fundamentam a Estrutura do Real, observa-se que 2 recursos argumentativos são mobilizados pelas enunciadoras, sendo que não há grandes variações de frequência entre cada um. Apesar de a categoria comportar táticas que se valem de casos específicos para conduzir à possibilidade de ocorrências em ampla esfera, carregando um apelo argumentativo à comprovação da possibilidade de repetibilidade da ação, sua ocorrência é consideravelmente baixa no corpus analisado. Levanta-se, com base nos dados quantitativos e qualitativos, que o fato se dá pela alta frequência de Argumentos fundamentados na estrutura da realidade, em que há maior predominância dos recursos baseados em relações de significação. Nesse sentido, pode haver a preferência em recorrer às táticas que fragilizam implicações sociais do que àquelas que versam sobre possibilidades de frequência. Ou seja, em vez de as enunciadoras argumentarem do modo a conduzir os interlocutores à compreensão da possibilidade das violências acontecerem novamente, elas, possivelmente, assumem que o público compartilha da ideia de que o machismo é uma realidade e, por isso, voltam-se aos constructos sociais que fomentam ou fortalecem tais violências.

Portanto, perante aos dados gerais, observa-se que os enunciados vinculados à *hashtag* apresentam predomínio de recursos que se valem da realidade, da organização e percepção das vivências para tecer a interlocução.

Os enunciados também tendem a não se afastar da formulação primeiro, produzida pelo *twitte* do coletivo NãoMeKhalo (imagem 2) e corroboram com as noções de que há indicativos de funcionalidade percebidos pelo público que, doravante, torna-se produtor. Assim, ainda que se possam constatar diferenças nas construções linguísticas e argumentativas que suportam os enunciados vinculados à #MeuAmigoSecreto, observa-se a manutenção ou repetição de escolhas, ainda que não sabidas ou não intencionais. Nesse sentido, pode-se considerar que as enunciadoras se apropriam de uma estrutura previamente formulada e empregam elementos – sejam palavras, expressões ou disposição das palavras – capazes de conferir o melhor sentido pretendido.

Pode-se, ainda, considerar que não é apenas a percepção da funcionalidade estrutural que opera na manutenção da organização inicial das *hashtags*, mas também a noção de participação espontânea. Nesse sentido, como esboçado no capítulo 2, a internet é capaz de atuar como uma ferramenta otimizadora ou

propulsora de oportunidades (SHIRKY, 2010). Considera-se que as usuárias, perante a possibilidade de participarem de modo autônomo e, ao mesmo tempo, coordenado no apontamento sobre a violência às mulheres, optam também por manter os moldes e disposições do enunciado, como tática de dar forma e encorpar o movimento. O comportamento pode ser compreendido pelo sentimento de atuação – dentro e fora da internet, pois “a mídia social recompensa nossos desejos mais intrínsecos tanto de participação quanto de compartilhamento” (2010, p. 82), fazendo com que a campanha #MeuAmigoSecreto não se finalize na mera apropriação da *hashtag*, estabelecendo um elo entre as enunciadoras, mas ascenda às noções de que as vivências e realidades são registradas e refletidas em todo o contexto social, culminando nas motivações cívicas das usuárias. Motivadas, então, por aspectos sociais, crê-se, neste trabalho, que as enunciadoras participantes da campanha #MeuAmigoSecreto vislumbram possibilidades de pertencer à rede crítica à violência contra a mulher, ao mesmo tempo que enxergam a possibilidade de atribuir marcas à estrutura da *hashtag*. Ao atualizar o enunciado, não é, portanto, uma mera colocação da língua em uso, mas uma atribuição contínua de sentidos que se registram na memória digital e refletem num apontamento social. As enunciadoras mantêm elementos linguísticos e formas de organizar o enunciado semelhantes aos propulsores da campanha, mas compreendem que há demarcadores capazes de conferir o sentimento de pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As linhas a seguir tecem um fechamento parcial deste trabalho. Parcial porque nenhuma consideração final é, de fato, uma finalização. Não houve a pretensão, ainda que fosse possível, de esgotar a temática – seja na esfera das análises linguísticas, argumentativas ou enunciativistas. Cabe destacar que assim como se iniciou esta pesquisa com a noção de que a produção e o compartilhamento dos resultados, independentemente de quais fossem, resultariam em impactos e produções de sentido na esfera individual e coletiva, apontam que há um motivador semelhante na publicação dos enunciados vinculados à #MeuAmigoSecreto, sendo a possibilidade de referir-se à realidade e agir sobre ela, em que as enunciadoras se colocam como participantes ativas na coordenação social por meio de ferramentas como o Facebook.

Nesse sentido, marca-se, registra-se e, conseqüentemente, constrói-se a historicidade social que se faz também pela apropriação de ferramentas, usos de tecnologias, ressignificações de apetrechos e pessoalização de espaços que não são inaugurações, mas criações e desdobramentos, extensões, prolongamentos daquilo que faz parte, também, da necessidade humana, a comunicação.

Fazendo uma retomada do percurso traçado neste trabalho, recobra-se a noção de que os espaços digitais são ainda recentes e que oferecem uma multiplicidade de oportunidades – algumas não descobertas ou não experienciadas pela maioria dos usuários. Sendo que os ambientes, inclusive os digitais, são moldados pelos usos e, portanto, pelos usuários, as relações sociais que permeiam a constituição e composição das tecnologias e, especificamente, da web 2.0 demarca os limiares e os reflexos dessas tecnologias na esfera social. Com base nas análises desenvolvidas, que consideraram os empregos linguísticos e os recursos argumentativos, observou-se que há, ao mesmo tempo, a marcação da usuária no enunciado e a mobilização de elementos capazes de se ligarem à campanha #MeuAmigoSecreto, de continuar e reforçar o intuito social que promoveu a alta aderência e que foram, neste trabalho, o eixo condutor das análises. Acredita-se então que não haveria necessidade de tecer essa malha complexa de elementos linguísticos empregados se não fosse para ver bordar as relações de significação com as realidades experienciadas pelas usuárias no contexto que cabe esta pesquisa, ou seja, as violências à mulher.

Portanto, como apontado por Shirky (2010), as mídias sociais digitais, assim como diversas outras tecnologias, não são elementos que fazem surgir a necessidade de ação, mas as possibilitam, facilitam e conectam quem as façam. Nesse sentido, apontar o machismo, a opressão ou criar mecanismos que, de algum modo, visam o enfrentamento da realidade compartilhada por mulheres – em tempos, locais e condições distintas —, guiam os sentidos construídos, compartilhados e compreendidos como eficazes ou, ao menos, capazes de manifestar pertencimento à causa pelas usuárias. Noções essas que podem ser observadas nos altos índices de repercussão e relevância da *hashtag*, apresentados no capítulo 4.

Como apontado nas análises, há elementos que se repetem, sejam termos ou modos de organizar os enunciados, fazendo com que haja um estabelecimento estrutural das *hashtags* que tendeu a assemelhar-se ao twitte que desencadeou a campanha (imagem 2). Portanto, com base nos levantamentos teóricos sobre cibercultura e comportamento na esfera digital, acredita-se que houve um reconhecimento da funcionalidade e da adequação daquela estrutura aos espaços das redes sociais digitais, bem como à temática de combate à violência à mulher. Ainda sobre as análises, com base nos dados quantitativos, proporcionados por análises do *LinguaKit*, foi possível voltar a atenção às características linguísticas mais frequentes ou que mais se destacaram. Por fim, o aporte teórico sustentou as análises argumentativas de modo que se observou a variação de táticas argumentativas, permitindo constatar que, nos dados analisados, são os recursos vinculados à realidade apreendida no mundo, a partir das experiências e vivências, que mais se fazem presentes na condução de sentidos aos interlocutores.

Sabendo ainda que a campanha repercutiu também no meio *offline*, cabe recobrar que cada vez mais se dilui a dicotomia entre realidade digital e não-digital, pois, ainda que haja uma significativa parcela da população mundial sem acesso à internet, os contextos apontam para uma organização cada vez mais pautada em tecnologias, que, ao mesmo tempo, dividem a sociedade – os excluídos e os mobilizados digitalmente – e agem como articuladoras do fluxo social. Temos que, por vezes, são mobilizados na mesma direção, mas que, em outras, são mais fortes do que as ondas patriarcais que há anos resultaram nas significações encontradas nos enunciados, pois as mobilizações emergem da historicidade e se formulam nas

redes digitais, assim como estas agem como ferramentas capazes de organizar e coordenar as ações fora dela (SHIRKY, 2010).

Destaca-se também que as enunciadoras, que na época produziram seus relatos com interesses em integrar-se e pertencer à campanha, agora integram o corpus deste trabalho, produzindo novos sentidos além daqueles já compartilhados em suas redes no momento de suas enunciações. Agora, quem os lê, lança olhares repletos de significações que, possivelmente, não confluem com as estabelecidas pelos interlocutores de 2015 – momento em que as publicações foram postadas no Facebook. São sempre novas, irrepitidas, únicas, ainda que as violências sejam as mesmas, marcadas e registradas na historicidade social e na memória de quem as vivencia cotidianamente.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A., RECUERO, R., MONTARDO, S. Blogs: mapeando um objeto. In: **Anais do GT História da Mídia Digital do VI Congresso Nacional de História da Mídia**, Niterói, UFF, Rio de Janeiro, 2008.
- BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem *online*: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BAWARSHI, A. A; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.
- _____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
- BRASIL. **Diretrizes nacionais Femicídio. Investigar, processar e julgar com a perspectiva de gênero**. As mortes violentas de mulheres. Brasília: ONU Mulheres, Secretaria de Política para as Mulheres, Secretaria Nacional de Segurança Pública; 2016. Disponível em < http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf> Acessado em: 24/12/2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CANÇADO, Márcia. Posições Argumentais e propriedades semânticas. **Revista DELTA: UFMG**, 2005.
- _____. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. **Revista Estudos Linguísticos**: Belo Horizonte, ano 5, n.4, v.1, p.89-114, jan./jun. 1996
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros Multimodais e Multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4.ed. São Paulo: Parábola, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

FIORIN, José. Luis. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2016.

FLORES, Valdir do Nascimento. O que seria uma gramática da enunciação? A proposta de uma análise transversal. In: **Letras e Letras**, v. 29, ano 1, 2013.

Disponível em

<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25925/14255> Acessado em: 02/01/2019.

_____ et al. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GAMALLO, Pablo. **LinguaKit: uma ferramenta multilingue para a análise linguística e a extração de informação**. Centro Singular de Investigação de Tecnologias da Informação (CiTIUS). Universidade de Santiago de Compostela: 2017.

GNERRE, Maurício. **Linguagem, Escrita e Poder**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GONÇALVES, C. A. **Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português**. Gragoatá, v. 11, n. 21, 2006.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. **Fundamentos metodológicos da Linguística**. São Paulo: Global, 1982.

_____. Logic and conversation. In: COLE, Peter and MORGAN, Jerry. **Syntax and semantics**, v.3, Academic Press, 1975, p. 41-58.

HALL, Stuart. "The work of representation". In: HALL, Stuart (org.) **Representation. Cultural representation and cultural signifying practices**. London: Sage/Open University, 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e Linguagem**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014

_____. **The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities**. 2002. Acesso em 10/08/2007, disponível em <http://www.marketingpower.com/content18255.php>.

LEMGRUBER, Márcio Silveira; OLIVEIRA, José de. **Argumentação e Educação: da ágora às nuvens**. In: **Teoria da argumentação e educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.

LÉVY, Pierre. **A Máquina Universo: criação, cognição, cultura e informática**.

Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MALDONADO, A. Efendy. Procesos comunicacionales, recepción, educación y transmetodología. In: MALDONADO; BONIN, Jiani Adriana, ROSÁRIO, Nísia Martins do. (orgs). **Metodologías de investigación en comunicación: perspectivas transformadoras en la práctica investigativa**. Quito: CIESPAL, 2013. (e-book).

_____. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. In **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, no 9, 2002. p. 1-23. Disponível em: <<https://goo.gl/r3df2l>>.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1982.

MARCUSCHI, L. A, XAVIER, A. C. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

MARTELETO, Regina Maria. Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p.71-81, jan./abr. 2001.

MONTARDO, S. P., ROCHA, P. J. *Netnografia*. Incursões metodológicas na cibercultura. **Revista E-compós**, 2005, v. 4, Brasília. Disponível em: http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/dezembro2005_paula_sandra.pdf

MOURA, Keren Franciane; Carolina Fernandes da Silva, MANDAJI. **A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013**. Disponível em:

<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1334-1.pdf>. Acesso em: 05/04/2018

NATANSOHN, Gabriela. **Internet em código feminino. Teorias e práticas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía, 2013.

OLIVEIRA, Renato José de. **Argumentação e educação: as contribuições de Chaïm Perelman**. Curitiba: CRV, 2016.

ORLANDI, E. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

PERELMAN, C. OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação** – A nova retórica. Trad. Maria E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. A filosofia do pluralismo e a Nova Retórica. In: **Teoria da argumentação e educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

PERINI, Mário A. **A gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2005.

RECUERO, Raquel. **Trending topics artificiais e orgânicos e o valor do Twitter**. 2012. Disponível em:

<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2012/02/trending-topics.html>. Acesso em: 12/12/2018

RECUERO, R.; ZAGO, G.; BASTOS, M.T. O Discurso dos #ProtestosBR: Análise de Conteúdo do Twitter. In: **Revista Galáxia (Online)**, 2014.

RECUERO, Raquel. Discurso mediado por computador nas redes sociais. In: ARAUJO, Julio Cesar Rosa; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas — o que temos de aprender?**, Parábola, 2016.

RESENDE, Vitor Lopes; ARBEX, Rodrigo Mendes. **Transmissão de informação na rede social Twitter: propagação em alta, atenção em baixa**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1441-1.pdf>. Acesso em: 18/02/2018

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e práticas. In: MEURER, J. L, BONINI, A; MOTTA-RUTH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

RUDIGER, F. As redes e a armação: Da cultura do narcisismo ao fetichismo tecnológico. In: Lopes, M.I. & Kunsch. M. (orgs.) **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2016, p. 33-56.

_____. **Cultura e Cibercultura: Princípios para uma reflexão crítica**. In: **Logos**. Volume 34. UERJ: 2011.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VERASZTO, E. V; SILVA, D; MIRANDA, N. A; SIMON, F. O. Tecnologia: Buscando uma definição para o conceito. In: **Prisma.com**. N° 7, 2008.

XAVIER, Antônio Carlos. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. (ebook) Recife: Pipa Comunicação, 2013.
<tp://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/17911>> Acesso: 28/06/2017

WASELFISZ J.J. **Mapa da violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil**. 1ª Ed. Brasília: Flacso, 2015.

WOLTON, Dominique. **Seminário comunicação, política e tecnologia**. PUC/RS. 17-18-19maio. Porto Alegre, 2005.

APÊNDICE I

#meuamigosecreto mandava muitas coisas gordofobicas, racistas e LGBTfobicas no grupo do whatsapp EVERYFUCKINGDAY. Aí no dia que eu passei um esporro no macho branco hetero e cis, ele me tirou pra louca, alguns me chamaram de violenta e disseram que eu não sei argumentar. A piada intolerante é do cara e eu que sou violenta. Tenho obrigação de amaciar ego ferido de homem não fera
"Mais um #meuamigosecreto: esse enche a boca para falar que se as mulheres não querem homens mexendo com elas na rua deveriam só usar calça de moletom. Aí ele se dá conta da própria hipocrisia quando exposto ao mundo e entra na justiça pedindo para tirar o teaser do documentário Chega de Fiu Fiu do ar. E meu outro amigo secreto, que é juiz, concorda."
#meuamigosecreto diz que mulher que não transa com o marido pelo menos 2 ou 3 vezes por semana, não está cumprindo com a sua obrigação e que se não tem em casa vai busca fora. Mas meu amigo secreto esqueceu, que ela não é obrigada!
#meuamigosecreto adora pagar de bonzão nas redes sociais, exibir os filhos por aí e postar fotos com eles, mas na hora do vamos ver não comparece nem com 3 reais pra comprar o biscoito das crianças.
#meuamigosecreto critica muito a tag. Um dos argumentos que ele usa pra isso é dizer que não devemos manter amizades tão negativas. O que meu amigo secreto não vê é que essa é uma forma de dar voz a várias mulheres e que talvez esses agressores sejam o pai, irmãos...
#meuamigosecreto disse que nao gosta de mulher de calça saruel por que nao da pra ver a bunda
#meuamigosecreto me jurava amizade e cumplicidade, mas, achou que era exagero da minha parte quando contei que o amigo dele tinha me agredido inconformado com o fim do namoro.
#meuamigosecreto acha que mulher é ioiô que tem que ir e vir quando ele quiser, adora "flertar" com muitas ao mesmo tempo e deixar as mina "de molho". Afinal, homem pode tudo e mulher tem que se dar ao respeito.
#Meuamigosecreto já forçou a namorada a manter relações sexuais com ele, mas acha que 'estava no direito' por ser namorada.
#meuamigosecreto nao paga a pensão porque diz que a mãe da criança vai gastar a fortuna que é R\$300 em coisas desnecessárias.
#meuamigosecreto são vários, e eles(as) são contra o aborto até a 12ª semana de gestação, mas quando eu conto que perdi um bebê de 8 semanas (o que pra mim foi o maior sofrimento do mundo), tratam com descaso. Tipo, "Áh, mas era novinho" "Mas você ainda nem..."
#meuamigosecreto pega todas e morre de orgulho, mas acha que mulher que pega todos é vagabunda. ̂_(\u0322)_/_

#Meuamigosecreto diz que não quer ser atendido por mim porque não está acostumado com mulheres trabalhando com sistemas de informação.
#meuamigosecreto quer que a mulher faça cesárea para não danificar o "playground".
#meuamigosecreto é uma pessoa muito madura de muitos valores e princípios. Ele "xinga" uma criança de dez anos de viadinho pq tem ciúmes de uma tia. Ele tem mais de 20 anos
#meuamigosecreto tem nojo de casal homossexual masculino mas hiperssexualiza casal lésbico
#meuamigosecreto quando vê uma mulher exaltada diz que ela é mal comida ou tá de TPM.
#meuamigosecreto disse " ter tempo pra passar rímel você tem né??? Pra lavar a louça NUNCA." Sim, história verídica.
Meu amigo secreto é o típico esquerdomacho que prega amor livre mas só se relaciona com mina padrão. Se você questiona seus "gostos" diz que não se pode controlar o coração.
Meu amigo secreto é cristão, contra o aborto, a favor da família e bons costumes. Trata as parentes mulheres como inferiores, trai a esposa e não raro atribui a inteligência do filho como hereditária e puxada só dele. Quem é o #meuamigosecreto?
#meuamigosecreto vai passar a noite de natal sentado na sala, rindo e conversando enquanto todas as mulheres da família vão estar na cozinha lavando louça.
#meuamigosecreto usa essa <i>hashtag</i> pra pagar de desconstruído mas sabemos que ele é um bosta machista que se apropria de holofote de luta e adora ser misógino às escondidas
#meuamigosecreto acha que lutar pelo direito ao voto, a um salário equivalente, a não sofrer com violência doméstica nem assédio nas ruas ou ambiente de trabalho é frescura. E está errado.
#meuamigosecreto Diz que odeia violência, mas quando presencia uma, finge que não está vendo.
Meu amigo secreto é gay e por isso se acha no direito de falar sobre feminismo com toda propriedade. #meuamigosecreto
#meuamigosecreto age como fodão e tem tanta opinião sobre tudo, mas sempre que eu copio e colo a postagem dele no Google, eu encontro a fonte.
Meu amigo secreto gosta de ficar encostando nas mina, mesmo quando elas se afastam. Diz que é brincadeira, que ele é carinhoso. Ele se diz libertário, pró feminismo e fica com homens em balada mas gosta de ser chamado de hetero.
#meuamigosecreto é autor de um projeto que restringe o atendimento as mulheres vítimas de violência sexual e criminaliza os profissionais de saúde que oferecem ajuda e informações para elas, um retrocesso gigante na luta pelos direitos das mulheres. E ele ainda diz que é vítima de uma campanha

de ódio que o quer colocar como inimigo das mulheres.
O #meuamigosecreto fala que respeita as mulheres, mas não suporta ver uma na Presidência da República.
O #meuamigosecreto acha que "em briga de marido e mulher não se mete a colher"!
O #meuamigosecreto acha que mulher que bate como homem, tem que apanhar como homem.
O #meuamigosecreto já disse a uma mulher que ela não "merecia" ser estuprada. (Alguma merece?)
O #meuamigosecreto disse que política não é lugar de mulher e que meu mandato seria à sombra do meu marido. Mal sabe ele o quanto eu trabalho para ter meu espaço e minhas conquistas.
#MeuAmigoSecreto aproveita o Facebook para assediar as mulheres achando que está protegido pelo ~escudo~ das mensagens privadas.
#MeuAmigoSecreto defende mulheres ocupando mais espaços, mas afirma que tem poucas mulheres na política porque elas são menos votadas, ignorando o sistema político brasileiro.
#meuamigosecreto trata advogados como Doutor e advogadas como Meu Anjo.
#meuamigosecreto não pode nem ouvir falar em namoradinhos da filha, mas acha o máximo dizer que o filho vai pegar geral.
#meuamigosecreto acha que comentários sobre aparência estética da mulher — gostosa, essa eu pegava, gorda, tábua, não pego nem a pau- em rodinha de amigos não é machismo, é só "coisa de homem".
#meuamigosecreto é de esquerda, se diz "pró feminismo" e afirma ser ~um homem desconstruído~, mas exclui a possibilidade de se relacionar com uma mulher trans, porque, de fato, não a reconhece como mulher.
#meuamigosecreto diz que se eu quero construir uma família, casar e ter filhos, é melhor mudar minhas atitudes, parar de me vestir como me visto e de me expor, porque dessa forma nenhum homem vai achar que sou "mulher pra casar".
#meuamigosecreto só vai pra balada pra pegar mulher, mas ele não sabe ouvir "não" como resposta. quando a menina diz que tem namorado, ele continua a insistir (enquanto ela está claramente desconfortável com a presença dele ali): "mas cadê esse namorado que não tá aqui?", "eu não sou ciumento", "se seu namorado se importasse, ele não te deixaria aqui sozinha", "ele não precisa ficar sabendo", "o que os olhos não veem o coração não sente", "você tá mentindo, não tem namorado, não", "se você tivesse namorado mesmo, ele estaria aqui". e insiste segurando o braço da garota, colocando as mãos na cintura dela, babando no ouvido dela, sem entender que "não" é "não", independentemente de a mulher ser realmente comprometida ou não. mas, se o acompanhante da menina aparece de verdade, #meuamigosecreto pede desculpas para o cara e, não, para ela. diz

um "foi mal, brother, não sabia que ela tava contigo", afinal, para o #meuamigosecreto, a mulher não tem direito de dispensá-lo, a não ser que ela realmente já seja "propriedade" de outro homem.

#meuamigosecreto sabe reclamar de campanhas feministas na internet, mas oral que é bom ele não sabe fazer ̄_(\ツ)_/_

#meuamigosecreto me disse que eu morreria solteira pq homens não gostam de mulheres muito independentes, muito bem resolvidas, que expressem demais sua opinião e que dêem gargalhadas indiscretas... Disse-me que os homens iam ser apenas meus amigos.. E olhe lá! O pior é que esse #meuamigosecreto foi apenas o que teve a cara de pau de verbalizar essa opinião, mas a grande verdade é que muitos coleguinhas acham a mesma coisa, vide as esposas que escolhem que servem para posar para uma bela foto, que ficam mudas numa roda de conversa, que fazem vista grossa às suas puladas de cerca e que de quebra ainda aceitam aquele sexo protocolar imposto por eles. Eu tô fora.. Pois que eu morra solteira, linda, livre e plenamente feliz.

#MeuAmigoSecreto não deixava a namorada sair a noite com as amigas, mas ele podia sair com os amigos, porque "homem é diferente".

#meuamigosecreto tem nojo de mulher gorda, andar de mão dada ele não quer, mas na hora do sexo...Ele adora!

#meuamigosecreto é super a favor da família tradicional. Tanto que agride os filhos e a esposa, deixou a mãe num asilo, vive saindo com prostitutas e não dispensa uma orgia.

#meuamigosecreto diz que gosta de mulher natural e sem maquiagem, mas faz cara de nojo se ela não tá depilada.

#meuamigosecreto tira foto com a criança, leva pra passear, paga de pai do ano mas não dá suporte emocional pros filhos e acha que todo pedido de ajuda da mãe é uma tentativa dela de querer voltar.

#Meuamigosecreto não deixa minha prima sair comigo porque qualquer momento ela pode virar "sapatão" junto de mim e dos meus amigos.